Acta da sessão de installação do Instituto Historico e Geographico do Pará.

Aos seis dias do mez de Março de mil e novecentos e dezesete, em sessão magna commemorativa da Revolução Republicana de 1817, promovida em homenagem aos Heroes pernambucanos, pela Associação da Imprensa do Pará, por incumbencia do Exmo. Sr. Dr. Lauro Sodré, preclaro governador do Estado, celebrada no Theatro da Paz, presentes o Excellentissimo Senhor Doutor Lauro Sodré, que prezidio o acto, Doutores Ignacio Moura, Presidente deste Instituto; Luiz Barreiros, presidente da Associação da Imprensa do Pará; Luiz Estevão de Oliveira, representante do Instituto Archeologico Pernambucano, Auctoridades civis e militares, representantes de Associações, membros deste Instituto e pessoas gradas; o prezidente da sessão, depois de usarem da palavra brilhantemente sobre o glorioso Feito Historico Nacional, varios oradores e o senhor doutor Ignacio Moura, que discursou proficiente e eloquentemente sobre a elevada importancia e fins destinados a este Instituto, declarou officialmente installado o Instituto Historico e Geographico do Pará; do que para constar lavrei em livro proprio a presente acta que vai assignada pela mesa que presidio a sessão, socios fundadores do Instituto e principaes pessoas presentes. O 2.º secretario — Joaquim de Arruda Falcão. (a) Lauro Sodré, Ignacio Moura, Luiz Estevão de Oliveira, Antonio Martins Pinheiro, José Joaquim Pereira de Araujo, Napoleão Simões de Oliveira, Abel Chermont, 1º. secretario, interino Palma Muniz, Ophir Loyola, phamaceutico Manoel Luiz

de Paiva, João José Monteiro de Paiva, Eduardo Pinto, José de Castro Figueiredo, Eneas Calandrini Pinheiro, Bento Aranha, Americo Dantas Ribeiro, Manoel Manços da Silva Villaça, João Alfredo de Mendonça, Heraclito Ferreira, Alvaro Antonio Pires, J. Eustachio d'Azevedo, Aldebaro d'Albuquerque, Moreira de Castro, Genaro Ponte Souza, José Maria Leone, Moreira dos Santos, Constantino Wan-Meil, Augusto Ferreira, Nunes Pereira, Antenor Cavalcante, Raymundo José Martins Bessa, Honorato Remigio de Castro Filgueiras, Luiz Barreiros, Manoel Braga Ribeiro, Conego Raymundo Ulysses de Pennafort, Pedro d'Almeida Genú, Lucidio Freitas, Raymundo Fernandes, Manoel Dias Maia, Saturnino G. Fernandez, Ludgero de Azevedo, Hygino Amanajás, Padre Antonio Candido da Rocha, Raymundo Bertholdo Nunes, João Baptista Cearense Cylleno, Theodoro Braga, João Pereira de Castro, Emmanuel de Almeida Sodré, Te. Dr. Ezequiel Antunes d'Oliveira, Dr. Caribé da Rocha, Augusto Octaviano Pinto, Henrique Americo Santa Rosa, Dr. Baptista Penna de Carvalho, Justus H. Nelson, Manoel Valente Cordeiro, José Coutinho de Oliveira, Dr. Americo Campos, Nilo Baptista Vieira, Eladio Lima, Angyone Costa, Lauro Chaves, Benedicto Duarte Soeiro, João Caetano Barreto, Gilberto da Silveira Moreira, Augusto de Mattos Pereira, Ignacio Gonçalves Nogueira e José Alves Maia.

Confere com o original lavrado no livro de actas do Instituto.

PALMA MUNIZ

1º. Secretario

ALOCUÇÃO

Pronunciada pelo sr. dr. Ignacio Moura na inauguração do Instituto Historico e Geographico do Pará, a 6 de Março de 1917, no Theatro da Paz:

Meus senhores.—A mecanica espiritual, com a dynamica historica, tem as mesmas leis de impulso e de acceleração, toda a vez que uma força extranha imprime aos animos objectivos elevados.

A intellectualidade amazonica age, neste momento, sob o impulso do patriotismo, para commemorar a data centenaria da Revolução pernambucana, que nos trouxe as alvoradas da Independencia e da Republica, fundando nesta Capital o Instituto Historico e Geographico do Pará.

Se houve quem asseverasse que o pródromo da nossa emancipação politica, fôra a trasladação da familia real para o Rio de Janeiro, em 1808, intimidada pelo reflexo da espada de Napoleão na vassalagem da Europa; se o grito do Ypiranga, a 7 de setembro de 1822, converteu-se em mystificação politica para sustentar um sceptro; o brado dos patriotas pernambucanos, a 6 de março de 1817, no campo do Erario, constituiu a verdadeira interpretação do thema democratico: «Emancipação com a Republica».

Um foi a manhã nevoenta de um dia de inverno, esperando o sol da liberdade, para espancar as trevas do segundo captiveiro, o que se realizou 67 annos mais tarde; ao contrario do seu antecedente em Pernambuco, que foi a manhã clara de um sol primaveril, em que surgira transfigurada a deusa formosissima da liberdade, que já dictara, em França, o verdadeiro codigo dos direitos do povo.

Que mal foi para nós, que prejuizos nos causaram aquelles navios negreiros, equipados em armada real e enviados por esse conde dos Arcos, para se denegrirem, com a fumaça da sua artilharia, ao alvorecer sorridente da democracia brazileira. Gastamos mais de meio seculo para conseguir o desideratum, que os pernambucanos tinham realizado em um só dia.

A chimica social tem dessas vagarosidades, na combinação dos elementos organicos e inorganicos, physicos e moraes, que entram nos seus phenomenos, para produzirem mais tarde, atravez do tempo e do espaço, a estructura e a construcção de um povo, sobre o mesmo aspecto social com o mesmo fim economico.

Numa elaboração scientifica, que dura ás vezes seculos, ha reacções revolucionarias e precipitados de acontecimentos imprevistos; acidos de sacrificios amargurados e saes de conforto e de equilibrios estaveis. Nellas entram desde o phosphato dos ossamentos humanos até o hydrogeneo e o oxygeneo dos rios e das mattas, desde o azoto das paixões até o carbono da animalidade.

«Nada se perde na natureza». Se é impossivel aniquillar um átomo, tambem não se póde abandonar o acontecimento mais inexpressivel.

Ha profunda analogia entre o cerebro humano e o espaço infinito, entre a lucidez da idéa e o brilho dos astros, entre o pensamento e o ráio, entre a electricidade atmospherica, aprisionada por Franklin.

Um sociólogo portuguez disse algures: «Os pensamentos são factos internos, factos em abstracto, como os factos são pensamentos externos, pensamentos em concreto. Tão admiravel é a physiologia do espirito como a psychologia do Universo.

E' por isso, que os acontecimentos humanos são funcções dos aspectos geographicos, em que elles se deram.

O estudo da geographia é um complexo do estudo da historia: uma completa a outra, não se podendo distinguil-as nem separal-as. Se não houvesse as Thermopilas não haveria Leonidas; sem a Hellade não apparecia Homero para cantar a Illiada, nem haveria o culto da arte e do heroismo. Foram os romanos que demographaram os aspectos e os limites dos paizes da Europa; sem o *Forum*, não appareceria Cicero. Se Portugal não tivesse aquella posição geographica, não teria descoberto o Brazil, nem dobrado a Africa para conquistar as Indias; nem teria os *Luziadas* e esse admiravel estro que se chamou Luiz de Camões.

Sem a vista do Oceano, talvez Pernambuco não tivesse sonhado em 1817 com a liberdade, sonho transformado em angustioso pesadello para a Patria.

E' por isso que o estudo da historia e da Geographia confraternisados, quasi em uma só sciencia, vae se tornando necessario e imprescindivel para a analyse social de um povo,

estabelecendo os coefficientes necessarios para o seu desenvolvimento e para a sua elevação futura.

O Instituto Historico e Gegraphico do Pará era pois um reclamo imprescindivel para a nossa vida economica: elle hoje se funda aos applausos enthusiastas do povo, um tributo mais seguro do Estado á commemoração da primeira data centenaria da sorridente Revolução que nos deveria trazer a Independencia e a Republica.

....

Pará, bella e querida terra, onde nascemos ou para cujo desenvolvimento trabalhamos, em cuja glebra desejamos dormir o derradeiro somno, tu, que tens por pedestal o circulo maximo do planeta, joia preciosa desse grandioso anel, tu que tens por vassalo o mais caudaloso rio, que lhe tributam correntes, mais gigantescas do que todas as outras demographadas nas geographias do mundo; tu, que sorris com a graciosidade das tuas florestas e com os encantamentos dos teus campos, com o gorgeio dos teus passaros e as afortunadas missas do teu solo; tu, que recebes o osculo mais ardente do sol e a lympha mais exhuberante da terra, estende, neste momento, o teu poderoso e valido braço atravez dessas praias e arrecifes, e aperta a mão heroica do altivo Pernambuco que te ensinou a amar a liberdade, com o mesmo carinho, com que os teus passaros estremecem a fronde, onde teceram o ninho e iniciaram a prole.

Parece que sempre houve affinidades de comprehensão entre os nossos dois povos; foi do Recife que partiram em 1615 os fundadores do Pará, e com um braço pernambucano traçamos a maior linha longtudinal dos limites da nossa patria. Fomos ambos enamorados pelas aguias hollandezas e ambos repellimos a golpes de espada e ao ariete das balas a invasão extrangeira, que deixou, no cabo dos nossos limites, o nome de Orange como o ultimo vestigio do dominio do principe.

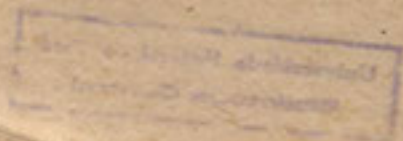
O campo dos Guararapes e as aguas do Amazonas sentiram o mesmo tropel de pés heroicos, defendendo a patria e suffocando o dominio bátavo. (Applausos).

Naquelle estandarte branco-azul da mallográda republica vejo tres estrellas, scintillando junto ao sol da Liberdade: foram, além de Alagôas unida nesse tempo a Pernambuco, as provincias da Parahyba e Rio Grande do Norte, que commungaram do mesmo viatico da democracia e do mesmo esplendor do martyrio.

Felicitemos aquelles povos heroicos, nas suas campinas extensas, nas suas grotas profundas e nos seus brejos fertilizadores, nos seus heróes e nos seus martyres, precursores da idèa republicana, que fórmam hoje o nosso culto.

Para commemorar tamanha epopéa, foi que levantamos, agora, o monumento altivo e perenne, constituido pela moral e pelos sacrificios, amontoado de corações e affectos, carinho das senhoras e applausos da mocidade e sobre cujo capitel, a vontade popular collocou o vulto laureado e viril, sacerdote e victima,

propheta e phalangiario, para dirigir esta festa, o filho mais querido desta terra, um apostolo da Republica, que se chama Lauro Sodré. (Applausos prolongados).

O pontifice fala e lhe obedecemos; á sua idéa, seguem-lhe os discipulos, para commemorar tão faustosa data, elle tem uma phrase mais elevada que as outras: «está fundada nesta capital o Instituto Historico e Geographico do Pará». (Palmas prolongadas em toda a assistencia).

DADOS DOS GEOLOGOS E HYDROGRAPHIA PARAENSE

Depois dos estudos de Belgrand mostrando a influencia que sobre o regimen dos cursos fluviaes exerce a composição do sub solo, em consequencia da maior ou menor permeabilidade do terreno, permittindo mais ou menos infiltração das precipitações athmosphericas, não é possivel desconhecer a ligação intima entre as duas sciencias da "terra"— a Geographia e a Geologia—, uma e outra se completando, por seus principios, para o fim de orientarem o conhecimento humano na indagação de factos prehistoricos.

Pela disposição dos cursos d'agua na bacia do Sena, na circumscripção de Paris, mostrou o notavel scientista como, pela carta topographica, podia revelar com segurança as zonas concentricas, alternadamente permeaveis e impermeaveis, que enquadram tão regularmente a referida bacia.

Não nos é dado enveredar, com a mesma clarividencia de sabio, atravez das ligeiras apreciações que fazemos, salientando circunstancias e curiosidades que se observam em nossos cursos fluviaes, lembrando incidentes na formação da bacia amazonica.

—"Dos estudos geologicos da Amazonia, disse o Barão de Marajó, apenas as primeiras paginas estão lidas"—. Seria, portanto, temeridade imperdoavel abalançar-nos a estudo profundo, sob este aspecto, sem poder additar elementos novos ás pesquizas scientificas anteriores; o nosso modesto estudo satisfaz-se com a deducção de factos observados, com a approximação de elementos que a muitos terão passado despercebidos, e que no entanto perduram como vestigios provaveis das mutações do territorio na successão das éras seculares.

Por essas "paginas lidas" é que perlustramos para salientar, com Agassiz, H. Smith, F Hartt, O Derby, F. Katzer e

outros pesquizadores dos nossos segredos geologicos, os signaes que resistem o perpassar dos tempos, indicando aos posteros a obra da evolução a que obedece a natureza, na transformação continua dos elementos organicos e inorganicos que a constituem.

Recordando a concepção geogenica pela qual as massas contiuentaes, que hoje manifestam tão diversos aspectos, surgiram, nas primeiras phases da consolidação da crósta terrestre, como ilhas e fragmentos dispersos, elevados acima dos mares e mais tarde reunidos por novos fragmentos emergidos da massa cosmica sob influencia das leis planetarias, saciamos o nosso espirito com a bella theoria que permitte a Agassiz e Hartt encontrarem os fundamentos dos planaltos Brazileiro e da Guyana nas ilhas ou grupos de ilhas que teriam surgido— "no principio da edade siluriana ou um pouco mais tarde"— quando ainda, na massa globular não se teria dado a expansão consideravel que originou o levantamento dos Andes, para fechar pelo occidente o canal oceanico, que entre aquellas ilhas permeiava, e que assim se converteu em golfo continental.

Com esses geologos acompanhamos, mesmo antes d'esta elevação andína, os depositos, que neste canal se iam fazendo, de uma série de camadas representando os terrenos siluriano superior, devoniano, carbonifero, e cretaceo, apparecendo successivamente de um e outro lado da terra firme e estreitando a passagem entre as duas ilhas, de modo a bipartir o golfo, interpondo entre as duas secções um estreito canal.

Nas linhas traçadas por esses naturalistas encontramos fartura para o nosso entendimento, verificando como os depositos das camadas terciarias ter-se-iam produzido sob a acção das aguas que cobriram os planaltos do Norte e do Sul, então deprimidos, talvez pela mesma causa violenta que na parte extrema dera em resultado o levantamento da cadêa occidental.

Treslendo as paginas brilhantes dos seus relatos de jornadas scientificas, e as não menos fulgentes, que nos deixaram seus cooperadores vultuosos, quaes foram H. Smith e Orville Derby, assistimos os diversos rebaixamentos e elevações da bacia amazonica, ora, deixando que as aguas se escoem em todos os sentidos, atravéz dos meandros insulares; ora, fechada pelo occidente, despejando, todavia, parte das aguas por canaes que se dirigem para o Norte e para o Sul; e, finalmente, limitada por barreiras firmes em trez quadrantes da sua peripheria, dando sahida livre, somente pelo lado do Nordeste, accentuando-se definitivamente as vertentes da grande arteria amazonica.

Ao manusearmos esses documentos, em que se contêm os mais valiosos elementos para a nossa historia geologica, o espirito perde-se divagante na conjectura da variação da estructura que teria manifestado a bacia nas diversas epocas, na concepção dos relevos desnudados pela acção das aguas, e na imaginação das torrentes precipitadas das grandes eleva-

ções, rasgando sulcos atravéz das sinuosidades e declives do sólo, e assim dando origem aos primeiros cursos fluviaes.

A curiosidade se desperta e nos arrasta a cogitações phantasticas, sobre a grandiosidade do golfo amazonico, e sobre os pontos a que attingira o seu immenso contorno. A' nossa intelligencia irrefreada parece inacreditavel que a natureza, em sua evolução, não tenha deixado signaes evidentes das transformações que operaram em seu seio os agentes naturaes. O naturalista, com o seu olhar de aguia, encontra nas camadas da terra os elementos mineraes que lhe discortinam a edade da sua formação, e os fosseis caracteristicos das diversas éras; e são as suas concepções, n'elles baseadas com o auxilio da sciencia, o que vem projectar a luz sobre o que os nossos olhos maravilhados contemplam.

Pelos esclarecimentos que nos fornecem esses investigadores, ficamos sabendo que a situação das primeiras ilhas emergidas no oceano, póde ser approximadamente determinada estudando a distribuição das rochas metamorphicas, verificando-se que—«as do Norte apparecem nas altas montanhas que formam o limite entre a Guyana e o Brazil e, abaixando-se para o Sul, estendem-se até uma linha que, partindo de um ponto perto do Atlantico e da fóz do Amazonas, quasi em latitude de 1° N., corre para o Oeste, declinando-se para o Sul até encontrar o rio Negro na confluencia do rio Branco, entre as latitudes 1° e 2° S.»—e as do Sul tem—«a linha de emersão passando o Tocantins entre o 3° e 4° de latitude austral, o Tapajóz entre o 4° e o 5° e o Madeira nas cachoeiras de Santo Antonio entre o 8° e o 9°—».

Lançamos os olhos sobre o mappa geographico da região e vemos que accidentes notaveis assignalam nos grandes rios o ponto de intersecção das barreiras primitivas, como que deixando perceber até onde se dilataria o golfo amazonico nas suas primeiras expansões: no Tocantins as cachoeiras de Itaboca, no Xingú as da Grande Curva, no Tapajóz as do Buburé ao Chacorão, no Madeira a de Santo Antonio.

Nos rios do planalto septentrional, cujas bordas pouco se teriam affastado das margens actuaes do Amazonas, as corredeiras obstruem dentro de poucos kilometros o percurso dos cursos fluviaes que affluem para o grande rio; e serras, como as de Sapucuá, Curumú, Tauájury, Ereré, Velha Pobre, do Almeirim e outras, desdobram as suas vertentes até quasi mergulharem nas aguas do Amazonas.

De algumas d'essas cachoeiras Hartt nos dá a descripção, mostrando a marcha gradativa da formação dos terrenos sulcados pelo curso fluvial, de montante para jusante, em epocas successivas, cada vez mais recente.

Examinando a estructura das cachoeiras das Guaribas no Tocantins,—«formadas de camadas de schistos, grauwacke e calcareo impuros, muito antigas, muito inclinadas, e metamor-

phoseadas»—conclue que—«são precarboniferas e provavelmente silurianas»—.

Em Alcobaça encontrou uma formação differente—«de uma edade mais recente do que os schistos das cachoeiras»—.

Nas terras firmes acima do Trocará, verificou uma composição de argilas arenosas, mais ou menos ferruginosas, que suppoz ser de edade terciaria.

Nas cachoeiras do Tapajóz, reconheceu o mesmo geologo serem ellas—«formadas de massas e diques enormes de porphyro, de grão grosso, rôxo e de uma bella qualidade, diques de diorito e camadas de um grés rôxo muito duro, cuja edade é, com certeza, precarbonifera»—.

A jusante das cachoeiras, até abaixo de Itaituba, verificou em ambas as margens stratus horizontaes de terrenos carboniferos, schistos molles de differentes côres e pedras calcareas. Emquanto nestes schistos e grés encontrou fosseis em differentes localidades, acima de Itaituba, não viu senão poucos restos organicos.

As cachoeiras do Xingú formadas de gneiss e diorito, segundo as observações de Ferreira Penna, revelam a sua edade não menos recente que as do Tapajóz.

Sobre o Trombetas, originario do planalto guyanez diz, elle:—«A semelhança em caracteres lithologicos entre as rochas do Trombetas e as do Tapajóz é tal, que não se póde duvidar de que a formação seja a mesma nas duas localidades».

F. Katzer, que verificara a formação devonia accentuada nas serras de Monte Alegre, conseguio, por investigações cuidadosas, «graptolilhos», que provam a existencia do silurio superior no valle do Maecurú, formação até então conhecida apenas na cachoeira «Vira-Mundo» do rio Trombetas.

A verificação feita por H. Smith e F. Katzer dos terrenos paleozoicos do Ereré, em condições differentes dos terciarios de Santarém e Almeirim, dá uma idéia do contorno do golfo pela parte septentrional, se approximando do canal estreito que se perpetúa assignalado na garganta do Obidos.

No Atlas do Brazil, do illustre Barão Homem de Mello, se encontram as duas cartas, hypsometrica e geologica, que dão a imagem dos primitivos golfos amazonicos occupados pelos depositos terciarios, formando um relevo inferior a 300m, emquanto que a altitude dos planaltos se eleva até a 1000m.

Ha ainda uma circunstancia bastante apreciavel, dada pela disposição dos rios, situados na parte do Estado meridional do Amazonas.

O Tocantins e o Araguaya, o Xingú, o Tapajóz, e já no Estado visinho o Madeira, somente elles, isto é, os grandes rios, tem a sua origem no interior do planalto brazileiro, a que Wappaeus denomina o «Chapadão do Amazonas», e com elle se teriam formado á medida que as aguas precipitadas, cedendo ás leis naturaes e não podendo infiltrar-se no sólo impermeavel, procuraram convergir para um leito, em busca de uma esta-

bilidade e do repouso, para o qual tendem todas as coisas, apezar do constante movimento da natureza.

Esses leitos cavados desde os pontos longinquos do planalto central, fazem recordar os intervallos que guardariam as ilhas primitivas antes de se soldarem pela acção geologica para a formação do continente.

Intermediarios se encontram outros cursos fluviaes, como o Anapú, o Pacajá, o Camaraipy, o Jamundá, o Araticú, e outros, de curso parallelo ao do Tocantins e do Xingu, entre os quaes se acham situados; mas as suas nascentes, não congeguem ultrapassar a linha do contorno orographico admittido para o planalto primitivo, dando assim indicio de uma formação posterior á d'aquelles grandes rios.

E' para notar que as aguas precipitadas na nova superficie, de altitude inferior á do planalto, têm procurado accommodar-se em novos leitos, todos elles directamente inclinados para o thalweg amazonense, sem confluencia para os grandes rios procedentes do elevado chapadão. Em numero reduzido e sem importancia são, n'esta secção os affluentes do Tocantins, e quasi nullos os do Xingú, cujos tributarios geralmente procedem do planalto e vem ter ao rio antes de transposta a grande curva. Os novos cursos intermedios, são rios independentes, que por qualquer circunstancia terão escavado uma sahida transversal commum, a qual, reunida ao trecho inferior do Tocantins, deu origem ao rio Pará que lhes serve de escoadouro para o oceano.

Desse parallelismo assim accentuado n'esses rios, e da interrupção que se observa em seu percurso antes de chegarem ao thalweg do Amazonas, é levado o nosso espirito a admittir a suavidade da inclinação com que as camadas terciarias têm sido dispostas na formação d'essa vertente, e ao mesmo tempo um obstaculo subitamente opposto ao movimento das aguas fluviaes no sentido de seu trajecto, devido talvez a uma elevação sedimentaria ao longo dos margens do grande rio.

O que, sobre o regimen fluvial, se nota entre o Tocantins e o Xingú, não é o mesmo que se observa entre o Xingú e o Tapajóz, zona mais limitada de accrescimento sobre o golfo amazonico, uma vez que se approxima do antigo canal estreitado entre os planatos primitivos. Bem reduzido é o numero dos rios originarios desta zona, e todos elles de ordem secundaria.

Na parte septentrional, em que a orla do planalto banhada pelas aguas do golfo, quasi se confunde com as margens do rio em que aquelle transformou-se, minima teria sido a zona conquistada, resultando como consequencia, terem todos os cursos fluviaes a sua origem nas encostas do planalto guyanez.

Deixámos de parte o que se refere á zona oriental do Estado, comprehendida entre o Tocantins e o Gurupy, porquanto toda ella póde ser considerada como simples vertente

oceanica, procedente das serras da Desordem e dos Coroados, por sobre a qual as aguas correntes tem procurado reunir-se em leitos mais ou menos sinuosos, segundo o maximo declive das encostas e atravéz dos valles formados pelas ramificacões em varios sentidos.

Não temos, por outro lado, feito referencia ao que se tenha passado na epoca quaternaria, porquanto, sobre a era glacial não mais prevalece a hypothese de Agassiz, depois das descobertas de Orton e das acuradas investigações de Hartt; e quanto ao periodo recente, pode-se admittir que o effeito alluvional mais concorre para a modificação de um systema hydrographico constituido, do que propriamente para a sua formação.

Neste rapido golpe de vista não nos seria dado abranger todos os varios problemas que suggere o estudo das alluviões.

O effeito da erosão, principalmente nas margens concavas, e o que se manifesta rapidamente em certos baixios e ilhas já formadas, a instabilidade dos canaes, a extincção dos lagos, o desvio dos cursos fluviaes, o deposito deltario anormal, o accrescimento rapido das praias, a acção simultanea das aguas e dos vegetaes na obra da alluvião, a precipitação extraordinaria dos sedimentos leves durante os mezes de maior invasão das aguas oceanicas no valle amazonico; esses e outros são themas vastos para detalhada apreciação, que estas ligeiras linhas não comportam.

Esta obra de accrescimento e de depressão alluvional faz recordar, porém, uma outra de rebaixamento anterior, que se tem attribuido á acção oceanica sobre a costa oriental da ponta de terra do continente, de onde se desaggregou posteriormente a extremidade para formar a ilha de Marajó.

A identidade do sólo em uma parte da ilha, e na zona do continente que lhe fica fronteira, tem sido attestada pelos geologos em apoio da hypothese formulada; e como prova do rebaixamento, poude Agassiz verificar, na bocca do Igarapé Grande, de Soure, restos evidentes de uma floresta submergida; e no mesmo ponto, como no littoral proximo á Vigia, a existencia de turfeiras, com signaes manifestos das condições identicas em que se achavam, em terrenos constantemente pantanosos, os troncos e raizes dos vegetaes que lhes deram origem.

Resta saber se esta acção oceanica fôra ou não precipitada por algum effeito sismico, que haja determinado a submersão rapida da floresta, produzindo o estremecimento do sólo, e, como consequencia, a sua ruptura em fendas profundas, que se transformaram em leitos fluviaes.

Por este modo póde comprehender-se o aspecto verificado pelo referido geologo no Igarapé Grande, rio este que embora atravesse uma região de planicie, propriamente dicta,— —«é em extremo profundo, parecendo ter sido aberto para um estudo geologico, porquanto n'elle podem ser estudadas as trez formações caracteristicas da depressão amazonica»—.

Assim se explica a singularidade que manifestam este rio, o Arary, e outros, que do interior da ilha se dirigem para o nascente e para a banda de sueste, os quaes apresentam no meio de seu percurso, pontos de elevação que interrompem a fluencia das aguas para a emboccadura, dando, talvez, indicio de que por elles teria passado a crista primitiva do sólo, o qual, embora pouco elevado, se dividia em dois suaves declives, um para o oceano, e outro despejando as aguas para a concavidade da margem amazonica onde mais tarde a acção alluvional viria contribuir para formar-se o que hoje constitue a parte occidental da ilha de Marajó.

O assumpto da hydrographia amazonica merece, como se vê, cogitação aprofundada, e para elle, com os variados problemas que offerece, provocamos o estudo dos que, melhor do que nós, possam encontrar na sciencia elementos seguros para a sua elucidação.

H. Santa Rosa

BERNARDO PEREIRA DE BERREDO

Annaes Historicos do Estado do Maranhão

Reflexões de PALMA MUNIZ

1.º Secretario do «Instituto Historico e Geographico do Pará»

1917

JUSTIFICATIVA

Está nos *Estatutos* do INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO PARÁ o dispositivo que estabelece como um dos pontos do vasto programma social a reedição de obras raras que interessem o Pará.

Os *Annaes* de Berredo certamente podem ser incluidos entre as obras raras, de muito valor, cujo conhecimento e divulgação serão de grande proveito para o estudo da Historia Paraense, ainda por fazer, em um conjuncto completo e methodico.

Por esse motivo, e na falta de estudos para produzir uma creação nova, penso que não será trabalho inteiramente perdido reproduzir na nossa *Revista* a obra do nosso grande chronista.

Me permitti fazer algumas reflexões, que outro merito não têm senão o desejo de ver a Historia Paraense estudada e conhecida, e enaltecer o merito daquelle homem que se preoccupou apaixonadamente com os nossos fastos historicos.

1917.

LIVRO I

SUMMARIO

Introducção á Historia.—Primeiro descobrimento do rio Maranhão.—Etymologia deste nome, que se communicou a todo o Estado. Descreve-se este.—Diogo de Sordas e Jeronymo Furtal fazem armamentos por Castella, para penetrar o rio Maranhão, mas nenhum o consegue.—Entra pela Coroa de Portugal na mesma empreza João de Barros, e sahe della com peyor fortuna.—Continúa o empenho Luiz de Mello e Sylva com bastantes forças; mas com successo pouco dissemilhante.—Cessão as expedições navaes para o descobrimento do mesmo rio: e pela parte do Reino do Perú o consegue por terra Gonçalo Pissaro.—A jornada deste General com os trabalhos della até se recolher á cidade de Quito, donde tinha sahido.—O capitão Francisco de Orelhana, director do Exercito do mesmo General, poem o seu appellido ao rio Maranhão, e o nome de Amazonas. Passa a Hespanha, onde lhe dá o o mesmo titulo, que lhe ficou deste aquelle tempo.—Pede o generalato da sua Conquista, que consegue depois de alguns annos; porem entrando nella chora a mesma desgraça dos seus antecessores.—Novo successo, que pertence tambem ao rio Maranhão, ou Amazonas.—O general Pedro Orsua intenta de novo, pela parte de Quito, esta mesma Conquista, em que experimenta a ultima desgraça.—Escrevem-se os motivos, com todos os mais successos della.—Outros Commandantes tomão medidas, pela parte do Reino do Perú, para a repetição desta jornada; mas não se chegão a reduzir a pratica.

---

§ 1—Escrevo a Historia do Maranhão (porção mayor da America (1) nos vastos dominios Portu-

---

(1)—Sobre a origem da denominação dada ao Novo Continente diz Francisco Xavier Garneau, na sua *Historia do Canadá* (pag. 16):

«De volta a Lisboa, Vespucio compoz, sob a forma de cartas aos seus amigos Lorenzo de Medicis (Março ou Abril de 1503) e Pedro Soderini (Setembro de 1504), duas relações das suas viagens. Attribuiu-se a honra de haver visto a terra firme em 1497, um anno antes de Colombo. Apresentando as suas narrativas á curiosidade publica, as descripções dos paizes novamente descobertos foram as unicas publicadas durante algum tempo, e espalharam-se pela Europa. Em 1507, Martin Waldseemuller, joven professor de geographia do Collegio de Saint-Dié, na Lorena, propoz, em uma pequena obra intitulada *Cosmographiae Introductio*, dar ao Novo Mundo o nome de America. Os cosmographos acolheram a sua idea, e o nome usurpador ficou consagrado pelo uso».

guezes (2) que restituido ao seu legitimo Soberano ha cento e vinte annos, os fataes influxos do inimigo Planeta o conservam ainda nas mantilhas (3); quando podia ser tão agigantado nas riquezas, que, como emporio dellas, se visse respeitado da grandeza do Mundo (4).

Bem conheço, que as da sua mesma vastidão (5) tambem concorrerão para huma tal insensibili-

---

«...entretanto, estas partes a Europa, a Africa, a Asia, foram exploradas em todos os sentidos, e, como se provará no decorrer da obra, Amerigo Vespucci achou uma quarta. Não vejo com que direito quem quer que seja oppor-se-ha contra que de Amerigo, o autor da descoberta, homem de genio sagaz, se a chamasse Amerigia, isto é, terra de Amerigo, ou America, visto como, da mesma forma, a Europa e a Asia devem seus nomes a mulheres.» MARTIN WALDSEEMULLER. *Cosmographiae Introductio.*

2)—Como disse Gonçalves Dias na introducção aos *Annaes Historicos*, reedição publicada em 1849 pela Typographia Maranhense (Maranhão), «o autor dos *Annaes Historicos* era portuguez e só escrevia para portuguezes; não escrevia a Historia do Maranhão, escrevia uma pagina das conquistas de Portugal...» «Berredo, diz o mesmo critico, não é um verdadeiro historiador, é um simples chronista...».

Estudando-se Berredo na actualidade, com a luz de novos documentos historicos e sob um ponto de vista da verdadeira teoria da Sciencia da Historia, encontra-se uma justa apreciação nas palavras do mavioso poeta brasileiro.

Não é Berredo historiador: narra os factos pura e simplesmente, sem submettel-os a analyse e a estudo, como o exigiria a qualidade a que se arroga de—escriptor da Historia do Maranhão—E com estas expressões não existe a idéa de tirar-lhe o valor real que possue.

A sua obra, mesmo com o plagio verificado pela Academia Real de Sciencias de Lisboa (*col. de 1812, ed. typographica da Academia, pag. 7 e subsequentes*), é um trabalho importante e de maximo valor para os estudiosos da nossa historia paraense, e em geral do antigo Estado do Maranhão e Grão-Pará.

3)—Refere-se o autor á restauração de Portugal com D. João IV em 1680, e, com o estylo caracteristico que possue, ao estado de abandono em que jaziam as terras do Brasil.

4)—Allude o autor ao descaso que em geral teve Portugal para o seu vastissimo dominio colonial, do qual os seus governantes e estadistas não souberam tirar o partido de fazer da Nação Portugueza a mais importante e a que poderia dictar ao mundo as leis de navegação e de commercio internacional.

5)—Na *Relação Summaria* de SIMÃO ESTACIO DA SILVEIRA, publicada pela primeira vez em Lisboa, em 1624, reeditada e annotada por CANDIDO MENDES em 1874, assim foi descripta essa vasti-

dade, por faltarem já no Corpo Lusitano os vigorosissimos espiritos, de que n cessitava para animar hum de tão largas medidas, depois dos muitos, que heroicamente tinha repartido o seu illustre sangue pelas nobres Conquistas Africanas, Asiaticas, e da mesma America (6); porem o certo he, que se o zelo politico do nosso ministerio exercitasse só as suas funcções nos mais seguros interesses da Monarquia, lhe serião de mayor importancia os do Maranhão, que os de todo o Brasil nos mais encarecidos brados da fama (7).

§ 2—No primeiro descobrimento das Indias Castelhanas (8), acompanhou ao famoso Christo-

---

dão: «O Maranhão he uma conquista muito grandiosa e dilatada, cuja governação Sua Magestade tem demarcado desde o Ceará (que está a trez grãos e um terço da parte Sul) até o ultimo marco do Brasil, que está em dous grãos da banda do Norte: em que ha de costa perto de 400 legoas até o rio Vicente Yanes Pinçon, onde dizem estar um padrão de marmore com as armas de Portugal desta parte, e as de Castella de outra, mandado alli fixar pela Cesarea Magestade do Imperador Carlos V, corre della a costa a Leste quarta de Sueste. Tomou este nome de *Maranhão* do capitão que descobriu seu nascimento no Perú, e para o Sul tem mais de 500 leguas pelo sertão». CANDIDO MENDES rectifica a latitude de 2° N. para 4°6' N. e completa a expressão do autor quando fala da origem do rio no Perú, dizendo: «Redacção incorreta, faltando muitas palavras para explicar o pensamento do autor que referia-se ao rio Maranhão, que deu nome ao paiz, tendo recebido o seu do capitão que o descobriu no Perú».

6)—O governo portuguez embebeu-se mais com as conquistas Asiaticas e Africanas de proventos immediatos, muito embora o dispendio do nobre sangue portuguez em lides importantes e passadas para a Historia como fastos gloriosos de um povo heroico, desprezando o grande imperio americano, que, estudado, desenvolvido e organisado, constituiria immediatamente o pedestal inabalavel de uma nação, que, no seculo actual, poderia ser uma rival da Inglaterra, attenta a sciencia e audacia dos seus almirantes e os recursos que poderia tirar do seu dominio colonial americano.

7)—E' cabida a censura aos politicos portuguezes quanto ao abandono do norte do Brasil. A previdencia de então não podia por forma alguma chegar a avaliar da importancia da Amazonia, sobre a qual o proprio Berredo, no seu conceito, não foi mais do que um poeta-propheta.

Mesmo hoje o governo da União do Brasil, com séde mais chegada á Amazonia do que o governo portuguez do seculo XVII, ainda não conseguiu aquilatar do seu valor economico, como factor vital da existencia nacional.

8)—Tradições egypcias fallaram já de uma ilha, alem das Columnas de Hercules, que os Phenicios diziam haver já visitado.

vão Colon, para Capitão de hum dos navios da sua conserva, Vicente Yanel Pinçon (9). Nautico sciente daquellas idades; e como era homem de grande espirito, unido depois com seu sobrinho, (antes dizem irmão) (10) Aires Pinçon, ambos de

---

Platão, em dois dialogos, faz menção de uma ilha, maior do que a Lybia e a Asia, denominada Atlantida, alem das Columnas de Hercules. Os annaes de Carthago referem que Himilcon viu uma terra alem do oceano, ao occidente. No anno 356 da fundação de Roma, um navio carthaginez, levado por uma tempestade, para o occidente, descobriu uma grande ilha, cortada por grandes rios, na qual ficou uma parte da equipagem, sendo a outra parte que regressou sacrificada secretamente por ordem do Senado de Carthago, para sepultar no segredo tão importante descoberta, (*F X. Garneau, Hist. de Canadá*, I, pag. 3). A descoberta da Islandia (867), a colonisação da Groelandia (985 ou 986), a viagem de Leif, filho de Erico o Ruivo (1000) á costa oriental da America do Norte (Vineland) não tiveram divulgação na Europa. Apezar das viagens dos Normandos, antes de 1418, aos Portuguezes coube a gloria da abertura das grandes descobertas geographicas, com o Infante D. Henrique (Escola de Sagres), de 1419 em diante, nos quaes celebrisaram-se Bartholomeu Dias (1486) dobrando o Cabo da Boa Esperança, Vasco da Gama (1496-98) indo á India, Pedro Alvares Cabral (1500) descobrindo o Brasil, viagens de descobertas essas que entraram desde logo para o dominio da Historia Mundial. Aos Hespanhoes, depois do grande passo de Christovão Colombo descobrindo a America (1492), tocou a grande gloria de dividir com os Portuguezes o Novo Mundo. Acompanhando Colombo estiveram os tres irmãos Pinzon, Juan de Cosa e Pero Alonzo Nino. Descobriu ainda Colombo (28 Outubro 1492) a ilha de Cuba, a ilha do Haiti (6 Dezembro), Porto Rico (1493), Jamaica (1494) e em 1 de Agosto de 1498 pisou a terra firme da America do Sul (Venezuela), costeando-a em seguida da bahia de Hunduras até o golpho de Darien. Vicente Yañez Pinzon (20 Janeiro 1500) descobriu a fóz do Amazonas, Pedro Alvares Cabral (21 de Abril—3 de Maio 1500) descobre o Brasil, attingido tambem (1502) por Binot Paulmier de Gonneville (rio S. Francisco). Vasco Nunez Balboa (1513) avista do isthmo de Panamá o Oceano Pacifico, tirando a illusão de que o novo continente tivesse qualquer continuidade com a Asia. A esses nomes ainda devem ser accrescentados os de Sebastião Caboto (1497-1498), e Gaspar Corte Real (1510), quanto á America do Norte, e Americo Vespucio, Alonzo de Hojêda e Juan de la Cosa (1499), quanto á America do Sul.

9)—Vicente Yañez Pinzon.

10)—Vicente Yañez Pinzon tinha dois irmãos que o acompanharam na viagem de Colombo para a descoberta da America.

grossos cabedaes, se resolveram a buscar novas felicidades naquelle novo Mundo.

§ 3—Para a pratica de tamanho projecto obtiveram licença dos Reys Catholicos D. Fernando e D. Izabêl; mas debaixo da clausula, de que não tocarião nos descobrimentos de Colon, e Almirante já aquelles mares Indicos Occidentaes: e armando á sua custa quatro navios, fizeram á vela do porto do Villa de Palos em 13 de Novembro de 1499.

§ 4—Tomaram a Ilha de Santiago, que he huma das de Cabo-Verde, conquista Lusitana, da qual sahirão em 13 de Janeiro do anno seguinte: e sendo os primeiros Castelhanos que passaram a Linha Equinocial (11), descobrirão ao sul, na altura de oito grãos, o Cabo de Santo Agostinho, a que chamarão de Consolação, onde desembarcando, escreverão ambos, e alguns dos Companheiros, em troncos de arvores, (depois de vitoriosos da opposição forte de hum grande numero de barbaros, que naquelles paizes se chamão Tapuyas) não só os seus nomes, mas tambem os dos Reys, com o anno e dia, em que alli aportarão.

§ 5—Correndo a Costa ao Poente, entrarão na boca formidavel do grande rio das Amazonas, que a sua justissima admiração intitulou *Mar Doce;* e repassando a linha para a parte Norte, na altura de dous grãos e quarenta minutos, descobrirão o Cabo, a que dando então o mesmo nome delle (12), he conhecido hoje tambem pelo dos Fumos: que dobrando outra vez ao Poente, em distancia de quarenta leguas, entraram em hum rio, a que Vicente Yanes Pinçon deu o seu nome (13), e appellido ultimo, que ainda se conservão: mas como seguindo o mesmo rumo, até a altura de dez grãos, se acharão no Golfo de Pareá, (14) adiante já da

---

(11)—Vide a nota 6.

«Sabe-se que toda a costa septentrional do Brasil, mesmo a do territorio contestado (Amapá), foi descoberta em 1500 pelo navegador hespanhol Vicente Yañez Pinzon». Barão do Rio Branco—*Memoria apresentada pelos Estados Unidos do Brasil ao Governo Suisso, arbitro entre o Brasil e a França*, 1899—IV, pag. 47. Tomo I.

(12)—Cabo do Norte.

(13)—Rio Vicente Pinzon, hoje rio Oyapock, um dos limites norte do Brasil.

(14)—«Depois de haver descoberto, vindo de Este, um grande rio que chamou *Santa Maria de la Mar Dulce*, e que tinha na sua emboccadura as ilhas *Marinatâbalo*, proseguiu sua viagem por N W,

Ilha da Trindade, descobrimento de Colon, se recolherão á sua patria, depois de dez mezes e meyo, com menos dous navios, que naufragando em huma tormenta, fez muito mais sensivel esta fatal perda a de sua equipagem, como tudo escreve Antonio Galvão (GALVÃO. *Descobrimentos do Mundo*, anno de 1499. Ovalle cap. 7 pg. 118), nos seus *Descobrimentos do Mundo*; e mais succintamente o Jesuita Alvaro de Ovalle na breve *Relação do Reino do Chile*.

§ 6—He muito provavel que o celebre nome Maranhão se communicou á chamada Ilha de S. Luiz, e desta ao Estado pelo famoso rio, que intitulou *Mar Doce* o descobrimento dos Pinções; mas necessariamente devo mostrar a sua verdadeira etymologia, depois de assentar com os Padres Manoel Rodrigues e Samuel Fritz, da companhia de Jesus, que Orelhana, Amazonas, e, Grão Pará (15) são todos appellidos do mesmo nome.

§ 7—Que seja o Grão Pará o natural entre todos elles, se fez indisputavel: porque é corrupção de Paranáguassú (16), que quer dizer *Mar Grande*

---

até o golpho de Pariá»—BARÃO DO RIO BRANCO. Op. cit. IV, pag. 47. Tom. I.

15)—THEODORO SAMPAIO, na sua importante memoria *O Tupi na Geographia Nacional* (2.ª ed. Empreza Typ. «O Pensamento» S. Paulo, 1914. pag. 112), assim explica a origem da palavra PARÁ: «Riquissimo é o vocabulario tupi nas denominações hydrographicas (da geographia nacional). Ao *mar* ou *oceano* chamavam PARÁ, vocabulo cuja origem difficilmente se explica. BAPTISTA CAETANO aventa a hypothese de proceder esse vocabulo de *marã*, revolto ou desordenado, ou de *y-pá-rá* que quer dizer *aguas todas colhe*, ou *o colhedor das aguas*. Si, como opinam alguns scientistas, os *tupis* eram um povo do interior, que só mais tarde, quando se expandiram, viram o mar, o nome, com que o designaram, deve ter sido um vocabulo derivado de outro exprimindo idéa semelhante. A agua confinada, ou lagôa, *ypá*, seria o vocabulo primeiro, traduzindo uma idéa, ou imagem de uma cousa familiar ao selvagem das regiões centraes, para quem o *mar*, visto pela primeira vez, seria comparavel á uma *lagôa de aguas revoltas* ou *encrespadas*, e dahi o nome *ypá-rá*, que litteralmente significa *lagôa crespa* ou *agitada*. De accordo com essa hypothese, *pará* é simples derivado de *yparà*. Depois da expansão pelas regiões maritimas, o nome *pará* ficou sendo em definitiva a denominação do *mar*.

O *mar alto*, o oceano, chamou-se *pará-uaçú*, e ao caudal grande, semelhante ao mar, *paraná*, que quer dizer *parecido com o mar*, e que ora, por corrupção, se diz *paranã*. (§ 91).

16)—No *Vocabulario Geographico Brasilico*, appendice da Op. cit. de Theodoro Sampaio, sobre o vocabulo PARÁ, diz elle: «O mes-

na lingua geral Americana, nome generico de todos os rios de disforme grandeza; e que o de Amazonas e Orelhana tenhão o seu principio no descobrimento de Gonçalo Pizarro o veremos tambem no logar a que toca. Resta pois o exame da verdadeira origem do nome Maranhão; que sendo o ultimo entre os especificados *(Marañon y Amazonas, liv. 1 cap. 3)* pela Dissertação do P. Manoel Rodrigues, mostrarey sem duvida, que he o primeiro com a sua propria etymologia, convencida já de menos attendivel, a que lhe quer dar o mesmo Jesuita.

§ 8—Escreve este Author, que o rio Maranhão se chamou assim das traidoras maranhas de Lopo de Aguirre (17) contra o Capitão Pedro Ursua, na expedição de 1560 (18); asseveração, que de ne-

---

mo que *mbará* ou *mará*, substantivo — o mar; compõe-se de *y-pá-rá*, aguas todas colhe, isto é, o collecionador (antes collector) das aguas. Baptista Caetano. No tupi da costa, *pará* é o rio volumoso, o caudal».

17)—Referindo-se a Lopo de Aguirre, no seu *Nuevo descobrimento del gran Rio de Las Amazonas*, publicado em Madrid em 1641, o P. Christovão de Acuña, assim escreve: «Balvieran-se a avivar estas esperanzas (de descobrir o rio Amazonas) viente años despues, que fue el de 1560, com la entrada que por ordem del Vice-Rey del Perú hijo a este gran rio el general Pedro Orsua, arrojando-se con buen Exercito a sus aguas, para ser testigo de vista de las grandezas, que solo per noticias se publicaran del; pero con tan mal sucesso que fue muerto a traycion por el tirano Lope de Aguirre, el qual levantando-se no solo por General, sino tambien por Rey, y proseguindo el viage começada, no permitió Dios acertasse a la principal boca, por donde este gran rio desagua en el Oceano (que desdecia de la fidelidad de Españoles, descubrir um tirano, cosa de tanta importancia a nuestro Rey y Señor) si no que deixando-se llevar de braços de el, vino a desembocar por la costa en frente de la Isla de la Trinidad, en tierra firme de las Indias de Castilla. Donde por ordem de Su Magestad le quitaran la vida, y le sembraram las casas de sal, que oy dia se muestram en aquellas partes».

18)—«Pedro de Ursua enviado por André Furtado de Mendonça, vice-rei do Perú, e recommendado pelo alto criterio já manifestado em varias emprezas arriscadas anteriores, foi encarregado de nova expedição, que, de Santa Cruz de Capocoba, na foz do Huallaga, como centro de operação, tinha de explorar a região em todos os sentidos, até conseguir os fabulosos dominios. Pedro de Ursua, apezar de prudentemente avisado contra alguns expedicionarios, não quiz attender ás ajuizadas prevenções de seu amigo Pedro de Linasco, de sorte que se faz acompanhar de maos companheiros, nos quaes a insidia a par de excessiva cubiça, daria causa a assi-

nhuma forma pode subsistir, quando Antonio Galvão no anno de 1499 dá já o mesmo nome a este grande rio (19).

§ 9—He verdade que no mesmo logar lhe chama tambem Amazonas (20) porem esta memoria

---

gnalar-se a expedição por horrorosos crimes» — HENRIQUE A. SANTA ROSA, *Exploradores do Amazonas*. Rev. do Inst. Hist. e Geog. R. J. Tomo Esp. (1915) Part. II.

19)—Com este paragrapho inicia BERREDO o estudo da origem do nome Maranhão dado ao grande rio sul-americano, para concluir no § 11 acceitando a explicação dada por SIMÃO ESTACIO DA SILVEIRA, na *Relação Summaria* (vide nota n. 5). Tratando da denominação *Mar Dulce*, dada ao rio Amazonas, escreve o BARÃO DO RIO BRANCO (Op. cit. I, pgs. 49 e 50): «No seu depoimento feito em 1513 em Sevilha no dia 21 de Março de 1513 no decurso do processo intentado por Diego Colon contra a Corôa, Pinzon declarou que, na sua viagem de 1500, havia descoberto o *Mar Dulce, e que esta agua doce avança se de 40 leguas para dentro do mar*»; que tambem havia descoberto *a provincia que se chama Paricura*, que havia depois *acompanhado a costa até á bocca do Dragão*. O seu companheiro Manoel de Valdevinos, no testemunho prestado em 19 de Setembro de 1515, deu a esse mar de agua doce a denominação de *Rio Paricura*. Porem, uma outra testemunha, Juan Rodriguez, *já em 6 de Abril de 1513, havia pronunciado o nome* MARAÑON, mencionado logo depois por Anghiera, em uma carta datada de 18 de Dezembro do mesmo anno. E logo repetido por outras testemunhas do processo em 1515, vulgarisado por Anghiera, Enciso e Oviedo, em seus livros, esse nome supplantou inteiramente o do *Mar Dulce*. Na edição de 1516, Anghiera, depois da passagem acima citada, intercalou uma outra, na qual falla de *Marañon*, que parecia um mediterraneo». Citando Anghiera ainda na sua obra *Opus Epistolarum* (Op. cit. pag. 51) o grande brasileiro transcreve este conceito, emittido por aquelle escriptor: «O nome indigena do rio é *Marañon*—flumini est nomen patrium Maragnonus». THEODORO SAMPAIO (Op. cit.) diz no seu vocabulario *in verb: «Maranhão*—corrupção de *mará-nhã*, o mar que corre, allusão ao grande caudal Amazonico que simula um mar a correr. Alteração de Maramã, Paranã».

20)—Derivou este nome das narrativas de Orellana, na descida do grande rio, pela primeira vez. «Em uma região que não se pode geographicamente precisar, rodeada de rios que não eram navegaveis, sombreada de arvores gigantescas, que nunca foram attingidas pelos arcabuzes dos navegantes aventureiros habitava uma nação de mulheres bellas e fortes, de estatura elevada e apparencia franca, cabellos negros e longos, olhos grandes e expressivos, de labios grossos e phrase decisiva, que manejavam com a maior destreza o arco e o tacape. Chamavam-nas as icamiabas.

não faz perder a força ao meu argumento ; porque chegando as suas até o anno de 1550, como precedeu a expedição de Gonçalo Pissarro (21), que deu principio a este illustre nome pelas relações do Capitão Francisco de Orelhana (22), não ha antinomia, que o contradiga ; o que não succede com

---

Eram uma especie de Attilas femininos ; o terror superesticioso ou a valentia no combate daquellas guerreiras fazia com que as outras tribus se deixassem facilmente vencer nas correrias que ellas lhes davam, obrigando assim todos os povos visinhos a respeitarem a sua independencia e o seu viver mysterioso. Deste modo appareciam ellas em diversos pontos do continente amazonico, travando lucta, ora com outros indios, ora com os invasores europeus, como dizem ter acontecido a Orellana, que chamou-as simplesmente amazonas e sagrou com o nome dellas o mais importante rio do mundo. Deposta a flecha, desarmado o arco, tornavam-se as icamiabas mysticas Pythonissas, um simulacro de vestaes de Roma, adorando a Lua, que vivia como ellas, sosinha sem marido nos desertos do espaço, errante e nomada, mudando de phases e não de forma, scismadora e poetica no seu perenne explendor. Peregrinas, da mesma forma, nos desertos do Amazonas, faziam ellas patria do logar donde melhor pudessem adorar a deusa, que lhes determinava a regra da vida e que tinha sobre ellas tão grande influencia no regime da existencia. O templo para as suas expiações era o lago Jaci-uarua (Espelho da Lua), donde traziam as mueraquitans para offerecer aos amantes na epoca propicia. Era esse o tempo prescripto pelo rito religioso que seguiam, para receber os guerreiros de outras tribus, aos quaes mandavam convites antecipados. Era uma especie de noivado das Sabinas, que somente repetia-se de anno a anno. Findo o prazo da festa da concupiscencia indigena, os homens eram obrigados a voltar para as suas tabas, sob pena de que a propria amante lhes varasse o peito de lado a lado, como a um inimigo da sua independencia de um diabolico seductor do seu estado. Os filhos, se eram meninas, aconchegavam-nas ao peito com amor, como uma futura companheira das lides, queimavam-lhe e mamillar direito, para mais dextras ficarem no jogo do arco ; se eram, porem, meninos, olhavam-n'os com aversão, como um futuro inimigo da sua raça ; matavam-n'os, segundo uns, ou amamentavam-nos, segundo outros, somente o tempo preciso para os entregar aos paes, na primeira vez que com elles se reunissem.» IGNACIO MOURA. *Vultos e descobrimentos do Brasil e da Amazonia.*

21)—1650.

22)—Gonçalo Pizarro obteve o governo das provincias de Quito, no qual Orellana desempenhava as funcções de capitão-general e tenente do Governador. A' chegada de Pizarro entregou-lhe o governo e propoz-se para acompanhal-o na projectada expedição alem dos Andes, que realizou-se e teve como ultimo desfecho a descida do grande rio Amazonas por Orellana, que foi accusado de traição, tendo tido o seu nome arrastado pelas cruezas da critica,

o de Maranhão pelas maranhas de Lopo de Aguirre, sendo posteriores outros dez annos ao ultimo descobrimento de Antonio Galvão, e traz á sua vida; que immortalizada com as mais heroicas acções, acabou na Costa de Lisboa em 11 de Março de 1557 no piedoso officio de Enfermeiro do Hospital Real de todos os Santos.

§ 10—O mesmo Jesuita Manoel Rodrigues *(Marañon y Amazonas, liv. 2 cap. 14 in fin.)* nas novas Reflexões do seu segundo Livro, se inclina tambem, a que admirados os primeiros descobridores do rio Maranhão da immensidade das suas aguas, se perguntarião se serião do *Mar*, e respondendo-se que *non;* por que erão dous; unindo-se a hum *a* estas duas syllabas com huma plica sobre ön (que no idioma Castelhano serve de *h)* se chamaria *Marañon*, que he Maranhão na lingua Portugueza; e assim parece esta a sua natural etymologia, ou ao menos a que póde tirar-se da harmonia das vozes.

§ 11—Porem *(Bullarium Equestris Ordinis S. Jacobi de Espatha, an. 1719)* lendo eu o Catalogo dos Mestres da Ordem de Santiago, logo no principio do Bullario della acho, que foy o sexto D. Fernando Gonçalves de Marañon, que sendo eleito em Mayo de 1206, morreo em Novembro de 1210; e se muitos mais de trezentos annos, antes da expedição de Vicente Yanes Pinçon, havia já este nobre appellido nos dominios de Hespanha, fundamentalmente me persuado, a que o tomou este formoso rio do seu descobridor pela parte de terra do Reino do Perú, por ser o de que usava, como escreve o Capitão Simão Estacio da Silveira *(pag. 3)* na *Relação Summaria* que imprimio em Lisboa no anno de 1624; e com mais exactas indagações Frey Christovão de Lisboa, Bispo eleito do Congo e de Angola, na sua Historia manuscripta do Maranhão e Pará, que intitula *Natural e Moral*. O que supposto, esta devemos crer, que he a verdadeira etymologia do rio Maranhão; quando a primeira, que lhe dá o Jesuita Manoel Rodrigues se convence de menos attendivel; e na

---

até á publicação da relação do Padre Carvajal e dos documentos do archivo das Indias, referentes á expedição, depois do que «a luz se derramou em jorro sobre os factos e a memoria de Orellana tem se imposto a uma consideração mais condigna com a do renome da gloriosa aventura». HENRIQUE A. SANTA ROSA. *Exploradores do Amazonas*. Rev. do Inst. Hist. e Geog. R. J. (1915) Tomo esp. Parte II.

segunda se não encontra mais authoridade, que a das Reflexões deste Religioso (23).

§ 12—Não se pode com tudo negar, que Vicente Yanes Pinçon e Ayres Pinçon, na navegação do Oceano, forão os venturosos descobridores do rey de todos os rios; e tambem parece, que he producção legitima do passado discurso o celebre nome Maranhão, que trasladado á chamada Ilha de S. Luiz, pelo naufragio de Aires da Cunha, como referirei no lugar a que toca, se dilatou depois a todo o Estado. Resta agora mostrar a descripção deste nos mais exactos calculos das presentes memorias; porque ainda que saya da rigorosa ordem da Chronologia, asseguro melhor neste lugar a ordem da Historia.

§ 13—Ha bastantes annos, que se separou a Capitania do Seará do governo geral do Maranhão, que principia hoje a baixo da serra de Hypiapaba; mas he sem duvida, que a verdadeira demarcação do Estado fica setenta leguas do Cabo de Santo Agostinho, nas baixas de S. Roque, quatro grãos e trinta minutos ao Sul da Linha, cento e vinte cinco leguas a cima do Presidio de N. Senhora do Amparo que he o do Seará; e correndo a Costa Leste, Oeste, pelo longo espaço de quatrocentas cincoenta e cinco leguas, acaba o seu dominio, com o de toda a America Portugueza, no rio de Vicente Pinçon, a que os Francezes chamão *Wiapoc*, hum grão e trinta minutos ao Norte da Equinocial (24).

§ 14—O mesmo rio he tambem a demarcação das Indias Castelhanas (25) por hum pedaço de marmore, que mandou levantar em sitio alto junto da sua boca o Emperador Carlos V, como escreve Simão Estacio da Silveira, referido por

---

23)—Opina, portanto, o author pela origem dada pelo Capitão Simão Estacio da Silveira.

24)—O engano do autor na posição geographica da fóz do Oyapock, que está de facto em latitude muito superior a quatro gráos, engano repetido tambem por alguns autores da epoca, obrigou o illustre Barão do Rio, na questão de limites com a França, a estudos profundos, buscados em copiosa documentação, para demonstrar que o rio Vicente Pinzon é o actual Oyapock, em latitude mais alta que a indicada por Berrêdo.

Da mesma forma não conferem as medições offerecidas neste paragrapho. Não podia tambem o chronista ter elementos mais precisos na epoca.

25)—Os portuguezes reconheciam como dominio de Hespanha todo o territorio da America do Sul ao norte do rio Vicente Pinzon.

Frey Marcos de Guadalaxara *(Hist. Pontifical, part. 5, lic. 9, cap. 5)*; e reconhecida esta baliza ha mais de hum seculo só pela tradição de antigas memorias successivamente continuadas, a descobrio no anno de 1723 João Paes do Amaral, Capitão de huma das companhias de Infanteria da guarnição da Praça do Pará.

§ 15—Passados muitos annos, como faltavão povoadores aos Castelhanos para a vastidão das suas conquistas, occuparão Francezes piratas a ilha de Cayena no de 1635 (26); e ainda que lançados fóra pelos Hollandezes e estes tambem depois de algum tempo pelos Inglezes, tornarão a cobralla dos mesmos invasores, vencidos de novo pelos primeiros, debaixo da conducta do Almirante de Zelanda Jacobo Binkes; só se chegarão a estabelecer nella com a força das armas, commandados pelo Conde de Estrées em 19 de Dezembro de 1676; mas havendo já sessenta e hum annos (27), que a Nação Portugueza pacificamente povoava o grande paiz do Maranhão, (que lhe pertencia de justiça desde o seu primeiro descobrimento pela notoria divisão daquella linha imaginaria (28).

---

26)—Segundo C. DE LA RONCIÈRE, na sua *Histoire de la Marine Française* Chantail, Guiry e Serant, de Lyon, e Chambaut, da Normandia, foram os primeiros que plantaram o pavilhão francez nas margens do Sinnamari, em 1626. Dois annos depois Hautespine occupou Cunanama. Em 1630 Le Grand luctou com os hollandezes e inglezes. Em 27 de Junho de 1633 a Companhia Roseé-Robin obteve o monopolio do commercio nos rios Arau-le-vent e Maroni. Em 1838 Richelieu concedeu a Jacob Bontemps o monopolio do commercio do Cabo do Norte. 6 francezes em Cayena, 7 em Surinan e 4 no Maroni constituiram o balanço da colonia com a ida de Charles Poncet de Brétigny, assassinado em 1644, e a colonisação franceza na Guyana ficou reduzida a Cayena. *Vol. IV Cap. La Guyane Française.*

27)—Refere-se a autor á conquista do Maranhão em 1615.

28)—As descobertas portuguezas marcharam sempre sob a egide das bullas dos Pontifices Romanos. Uma rapida recapitulação o demonstrará: Dobrado o cabo *Non*, depois de Eugenio IV e Martinho V, o papa Nicolau V expediu em 14 de Julho de 1452 a primeira bulla, pela qual concedia ao rei de Portugal os direitos de conquista nos territorios descobertos, bulla essa confirmada pelo mesmo Pontifice pela de 6 de Janeiro de 1454, para todos os descobrimentos, alem do cabo *Non, usque ad Indos*, na costa sul e no lado este.

Com a bulla de 13 de Março de 1456 Calixto III confirmou a precedente. Xisto IV, com a bulla de 21 de Junho de 1481 e Innocencio VIII, com a de 12 de Setembro de 1484, ratificou ainda as anteriores.

que repartio todas as da America a authoridade Pontificia) se mostra bem do mesmo padrão de Carlos V, que o rio de Vicente Pinçon era a cer-

---

Descoberta a America por Chistovão Colombo, em 1492, e nas suas terras implantando o dominio dos reis catholicos, suscitou-se entre as duas corôas a primeira pendencia, levada a Roma aos pés de Alexandre VI, que expediu uma primeira bulla, em 3 de Maio de 1493—a celebrada bulla *Inter coetera*, completada por uma segunda do dia seguinte, 4 de Maio de 1493, com a qual dividiu o mundo entre as corôas de Hespanha e de Portugal por um meridiano, de polo a polo, passando a 100 leguas para o occidente das ilhas dos Açores e Cabo Verde, archipelagos que ficam em longitudes differentes.

Após essa, vieram mais duas outras a *Pies fidelium*, de 25 de Junho de 1493, *Dudum si quiden* de 25 de Setembro ainda de 1453, definindo e confirmando direitos de Hespanha.

A linha de Alexandre VI, entretanto, não satisfez; e, depois das preliminares de Medina del Campo (1494), foi assignado pelas duas corôas o tratado dito de Tordezilhas, em 7 de Junho de 1494, em virtude do qual a linha de 100 leguas a oeste dos Açores e Cabo Verde ficou afastada para 370 leguas a oeste das ilhas do Cabo Verde. Teve esse tratado a confirmação do Papa Julio II, com a bulla de 24 de Janeiro de 1506, havendo ainda o Papa Leão X, em 1514, confirmado, para Portugal, todas as suas descobertas.

O tratado de Tordezilhas, entretanto, apresentou, desde logo, duas duvidas: qual seria a ilha do archipelago de Cabo Verde, cujo meridiano serviria de zero na contagem das 370 leguas para o occidente? Em segundo logar, qual o tamanho da legua a adoptar na medição?

Não é possivel em uma ligeira reflexão acompanhar todo o trabalho da discussão então havida.

Em 1495 Jayme Ferrer opinou pela ilha mais central (Fogo) para o inicio da contagem, o que faria o meridiano divisorio passar a 45° 37' WGw, isto é, nas proximidades da foz do Gurupy, quasi no meridiano de Santos.

No mappa Cantino, de 1502, de origem portugueza, a linha divisoria está indicada, traduzida para a esphera actual, a 42° 30' Wgw., incluindo a foz do rio Parnahyba e excluindo o Rio de Janeiro.

Em 1518, pelas indicações de Enciso, referidas tambem á esphera actual, essa linha passaria a 45° 38' Wgw., em quasi coincidencia com a linha de Ferrer.

A linha da Junta de Badajóz, em 1524, passaria a 46° 36' Wgw.

A que mais afastou-se é definida pelo meridiano actual de 49° 45' Wgw, de Diogo Ribeiro, em 1529, linha que corta as ilhas de Marajó e da Caviana, excluindo, no sul a cidade de Porto Alegre.

Sobre este assumpto podem ser consultados com vantagem. Rev. do Inst. Hist. do R. de J. *Tomo XXIV, pag. 113 e seg.*; H. Harrisse, *The Diplomatic History of America*, Londres 1897; Rio Branco, *Exposição ao Presidente Cleveland* etc.

ta Baliza desta nova Colonia Franceza pela parte do Norte da Capitania do Grão-Pará (29).

§ 16 — Subindo o grande rio das Amazonas na mesma derrota de Leste-Oeste, já repassada a Linha para a parte do Sul, he sem comparação muito mais crescida a vastidão do Estado; porque até topar com os limites do Reino do Perú (30), defronte da Provincia dos Encabelados (Tapuyas tão barbaros, como bellicosos) se achão mais de mil leguas, que junta ás da Costa, considera-se bem o quanto se dilata este illustre dominio! O fundo delle tambem o regulão com igual posição os prudentes calculos de Geografia; mas não está ainda de todo descoberto, principalmente pela banda das Amazonas; e só sim se sabe, que por differentes rios, seus collateraes, se navegou já mais de dous mezes com viagem successiva, que deixando de se continuar por menos efficacia dos descobridores, ou por justo receyo de sua innumeravel gentilidade, nos conservemos hoje nas mesmas incertezas.

§ 17 — Divide-se o Estado do Maranhão em duas principaes Capitanias, huma do mesmo

---

29) — «O Brasil pelo extremo septentrional tem por limite o rio chamado de Vicente Pinson, donde partem os Francezes com os Portuguezes.» «Os Francezes entraram nesta região em 1625 e povoaram a Ilha de Cayena que está em 5 grãos de latitude septentrional e não consta que os Castelhanos lh'o impedissem, nem allegassem a Bulla de Alexandre VI. Os Hollandezes tomaram estas terras em 1654 e nellas se estabeleceram em 1656. El-Rei Christianissimo Luiz XIV a restaurou em 1664, por meio de Mr. de la Barre e fez embarcar da Arrochela (La Rochelle) para ella uma boa collecta de gente. Os Hollandezes lh'a tornaram a tomar em 1676. Finalmente em 1677 o Vice Almirante de França, Conde de Estrades, bateu aos Hollandezes e restaurou Cayena.» Rev. do Inst. Hist. do R. J. Tomo XXIV (1861), pg. 165

30) — A união das duas coroas de Portugal e Hespanha em uma só cabeça contribuiu para a expansão portugueza na America do Sul, alem da linha meridiana de Tordezilhas. A esse facto deve, portanto, o Brasil a sua grandeza territorial. A conquista do Amazonas pelos portuguezes, entregou-lhes de facto quasi toda a Bacia Amazonica. A ratificar essa conquista e occupação vem o tratado de 13 de Janeiro de 1750, dito de Madrid, annullado pelo de 12 de Fevereiro de 1761 e restabelecido pelo de 1 de Outubro de 1777, chamado de Santo Ildefonso.

No estudo Limites do Brasil (1493-1851) Antonio Ferreira Pinto, Rev. do Inst. Hist. do R. J. Tomo XXX, Part. 2.ª (1867), pag. 193 e seguintes, pode ser lido o assumpto até 1851.

nome, que he a cabeça delle; outra do Grão-Pará, que he a mais dilatada (31). A do Maranhão comprehende tambem a do Cuma, chamada vulgarmente de Tapuitapera, de que he Donatario Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho (32) e a vastissima do Piauhy.

§ 18—A Cidade de S. Luiz, povoação Capital da Capitania do Maranhão, acha se situada em huma das pontas da Ilha deste nome no meyo de dous profundos rios, que quasi a circulão. Tem pouco mais de mil visinhos, com Bispo Diocesano, hum Collegio de Religiosos da Companhia de Jesus; e alem de outras Igrejas, em que entra tambem a Cathedral e a da Misericordia, tres conventos mais, o de N. Senhora do Monte do Carmo, o de nossa Senhora das Mercês da Ordem Calçada e o de Franciscanos da Provincia Capucha da Conceição. He de benigno clima e bem provida das fructas necessarias para a sustentação da vida humana.

---

31)—«Em 1621 foi creado o Estado do Maranhão, com governo independente do resto do Brasil. Esse Estado comprehendia as capitanias do Ceará, Maranhão e Pará, extendendo-se desde o Cabo de S. Roque até o Amazonas».

«O Estado do Maranhão foi extincto em 1652, mas restaurado em 1665. Em 1771, a séde do governo passou a Belem, no Pará. Em 1775, foi creada a capitania do Piauhy». Dr. Lucio José dos Santos. *O dominio hespanhol.* Rev. do Inst. Hist. de R. J. Tomo esp. Part. I (1915) pag. 298.

32)—A carta regia de 13 de Abril de 1633, resolveu que ficassem para a Coròa as duas capitanias do Maranhão e Grão-Pará. «demarcando-se a do Maranhão com suas ilhas desde o rio Para-assú (Parnahyba), até á ponta de Tapuytapera, em que se entende ha de costa 50 leguas. E que se divida esta capitania das mais por a boca do rio Meary (Mearim) e por o Pirané arriba, e a capitania do Pará se comece no rio Maracanã, cortando pela ponta delle, pela boca do Pará arriba; e que pelo primeiro braço do mesmo rio, da parte de Leste (rio Tocantins), vá cortando até o primeiro salto do rio (Cachoeira do Itaboca) e primeira dos Tocantins (Tocantins), que se diz dista do mar 150 leguas, e tem por costa até á ponta do Separará (Tijoca) 30 leguas, e inclue nella a cidade de Bethlem». Carta regia de 14 de Junho de 1637, doando a Bento Maciel Parente a Capitania do Cabo do Norte.

O governador Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho creou a Capitania de Tapuitapera, Cuma ou Alcantara, e a doou a seu irmão Antonio Coelho de Carvalho, doação confirmada em 1637. Esta era dividida com a do Gurupy pelo rio Tury-assú, ficando esta ultima separada da do Grão-Pará pelo rio Maracanã.

§ 19—Pela banda do mar, que comprehende a mayor porção do seu recinto, he bem fortificada da mesma natureza; e se a dous baluartes, que lhe dispoz a arte, tambem accrescentasse, alem da antiga Fortaleza da barra da invocação de Santo Antonio, outras defensas exteriores, (a que já tinha dado principio o Goveruador Bernardo Pereira de Berredo com os adiantados fundamentos de huma Fortaleza regular na chamada Ilha de S. Francisco, que sendo visinha da Povoação, se despenha sobre o mesmo canal, por onde entrão todos os navios) ficaria sem duvida inexpugnavel, tanto por esta parte, como pela da terra, achando-se assistida de proporcionada guarnição; porque ainda que em algumas prayas das da mesma Ilha do Maranhão podem desembarcar os seus invasores, como he preciso, que marchem desfilados por estreitos caminhos, abertos todos de humas fazendas para outras por entre densas matas, para a sua total destruição sobrão os nossos Indios.

§ 20—Fica a Cidade dous grãos e meyo ao Sul da Linha (33), e tem a Ilha sete leguas só de Nordeste a Sudueste; e quatro de Noroeste a Sueste; porque ainda que Simão Estacio da Silveira *(Nova Lusitania, liv. 1 § 83 pg. 10)* e Francisco de Brito Freire, que o traslada, lhe dão grandes ventagens na longitude e latitude, (que outros muitos Authores descrevem tambem com variedade) esta minha demarcação confiadamente posso asseverar, que he a verdadeira, por ser tirada dos meus proprios exames, quando governey aquelle Estado.

§ 21—Huma grande bahia separa a Ilha da terra firme da parte de Leste, pela distancia de duas leguas e tres pela de Oeste; mas pela do Sul só um pequeno rio, chamado dos *Mosquitos*, com menos largura de tiro de espingarda. A mesma Ilha se chamou tambem de *Todos os Santos* (34), nome, que lhe poz Alexandre de Moura, por ser dia desta festividade o em que deu fundo na bahia daquella Capital com a Armada, que a

---

(33)—2°27′S, segundo Cezar Augusto Marques, Apont. para o Dicc. Hist. Geog. Top. e Estat. da Provincia do Maranhão, 1864, verb. S. *Luiz do Maranhão*.

(34)—A ilha de S. Luiz mede de extensão 1.204 km. q., segundo o Barão Homem de Mello, Atlas do Brasil.

resgatou do poder dos Francezes no anno de 1615, como se verá na ordem chronologica.

§ 22—Pela boca do Piriá, que lhe fica a Leste, tem já entrado muitos navios; porem a sua barra he sempre perigosa, o que não succede pela banda de Oeste, principalmente depois de montada a Corôa Grande; porque ainda que no mesmo canal tenha pouco fundo com a maré vasia, cresce tanto na enchente, que a podem salvar as mayores embarcações sem o menor receyo e de todas ellas he tambem muy capaz o seu surgidouro.

§ 23—A villa de Santa Maria do Icatú (que fica na distancia de vinte e cinco leguas da Cidade de S. Luiz pelo rumo de Suduesle) pertence tambem á Capitania do Maranhão e o seu mar he de bastante fundo para navios grandes; porém necessita de scientes praticos para introduzillos. A Povoação tem poucos moradores e a mayor parte de pobres cabedaes (35).

§ 24—Hum dos principaes rios da terra firme da Capitania he o chamado Itapicurú, distante vinte leguas da Cidade de S. Luiz pela banda do Sul, por onde tambem busca o seu nascimento na direitura da Capitania do Piauhy; mas na sua subida, passados tres dias de viagem, athé lhe falta fundo para navegação de canoas grandes (36). Foy povoado de engenhos de assucar e outras lavouras dos frutos do Paiz; porém afugentados os cultivadores do terror dos Tapuyos, só se conservarão muitos annos setenta de curtos cabedaes junto da sua boca e hum dos engenhos de pouco rendimento, amparado tudo da defensa de hum Forte de bastante força para a opposição dos mesmos barbaros; dos quaes muita parte já hoje reduzida á obediencia do Estado, se vay alargando a Povoação.

---

35)—A villa de Icatú teve origem no povoado ou Arraval de S. Maria de Guaxenduba, creado em villa em 1688, mudado depois para o local actual em vista do pedido feito pela Camara e moradores em 1755. Cezar Augusto Marques. Apont. para o Dicc. Hist. Geogr. Topographico e Est. da Prov. do Maranhão, 1864, verb. Aguas Boas e Icatú.

36)—Nasce o rio Itapicurú nas faldas da serra do mesmo nome. Possue os affluentes Alpercatas, Corrente, Ouro, Limpeza Riachão, Codó, Pirapemas, Perituá e outros, nos quaes foram concedidas cartas de datas e sesmaria registradas nos livros do Grão-Pará.

Possue varias cachoeiras, como as de Sant'Anna, Tres Irmãos, Sanharó, Canal Torto etc. Vide Cezar Augusto Menezes Op. cit.

§ 25—São tambem do mesmo continente, onde he geral a fertilidade, os rios do Mony (37), o do Iguará (38), e o do Pindaré (39). O primeiro entra no mar da Villa do Icatú pelo rumo do Nordeste da Cidade de S. Luiz. Tem hum engenho, que moe pouco assucar, e mediana capacidade para estas lavouras; porem nas margens ha muitas arvores de jandiroba, de cujas frutas se tira azeite com grande abundancia, que ainda que amargoso, alem de ser medicinal, he tambem muito util, assim para as luzes, como para o fabrico do sabão e outros ministerios.

§ 26—O Iguará corre da parte do Sudueste da Capitania do Piauhy, deixando nella a sua humilde producção. Tem na boca da barra huma casa forte para segurança dos comboyos de ouro das Minas Geraes, que costumão passar por terra do mesmo Piauhy para o Maranhão. Compoem-se os seus campos de larguissimas matas com preciosas madeiras e principalmente pelas suas margens: he tambem abundante de excellentes baunilhas.

§ 27—O Pindaré, que he grande creador de gado vacúm, caminha a Leste de huns espaçosos lagos, onde se presume a sua origem, com a visinhança de ricas minas de ouro e no seu dilatado certão ha muito pao cravo; porem o pouco fundo, que se lhe acha na subida, he tambem tão cheyo de asperos rochedos, (a que os naturaes chamão cachoeiras) que a navegação, que lhe difficultão no Inverno, de Verão se faz impraticavel pela falta de agua; com tudo já se tem intentado o seu des-

---

37)—«Nasce da reunião de pequenos riachos na latitude meridional de 4°3' e na longitude occidental de 44°42', distante algumas leguas do rio Parnahiba, corre a NW. e desagua na bahia de S. José, depois de ter recebido pela esquerda o Iguará e Paulica, e pela direita os rios Preto, Agua-fria e Una».—Cezar Augusto Marques. Op. cit. verb. Munim.

38)—«Rio que nasce ao S. da Comarca de Itapicurú, perto da Matta da Lagoa, e depois de 15 a 16 leguas de curso de S a N entra no rio Munim, acima da villa da Manga» Cezar Augusto Marques. Op. cit. verb. Iguará.

39)—«Rio que nasce a E do grupo da serra da Cinta na lat. merid. de 5°47' e na long. occ. de 48°46' e se dirige logo de S a N até á embocadura do rio Cará, depois de SW a NE até á do rio Maracú que banha a cidade de Vianna, e finalmente conflue com o Mearim pela margem esquerda deste na lat. de 2°51' e na long. occ. de 46°45'». Cezar Augusto Marques. Op. cit. verb. Pindaré.

cobrimento por repetidas expedições, mas com pouca fortuna.

§ 28—O principe soberano de todos os rios da Capitania do Maranhão he o celebrado Meary, que tem a sua boca quarenta leguas da Cidade de S. Luiz pelo rumo de Sudueste: em embarcações, que forem de quilha não póde navegar-se; porque como na entrada do mar espraya muito, fica com pouca agua e perigosos baixos, que só se salvão nas canoas com a maré cheya; porem subindo-o por differentes rumos, porque he tudo de voltas se caminha já dous mezes e meio, sempre com largura de vinte, trinta e quarenta braças; e ordinario fundo de tres, quatro e cinco, sem que até agora se lhe descobrisse o seu nascimento

§ 29—As suas margens (que só pela distancia de dez leguas se achão povoadas com menos de setenta moradores) constão tambem de fermosas campinas com muitas fazendas de gado vacúm; mas na mayor parte de matas espaçosas, a que se seguem tão dilatados campos, que ainda se não sabe quaes sejão os limites da sua vastidão. Sustentou já seis engenhos de assucar de grosso rendimento; mas no tempo presente se conservão só tres de pouca utilidade, por falta de fabrica, desamparados todos os mais dos senhores delles por sobrado receyo do gentio de corso, quando estas terras parece, que as creou a alta Providencia para a mesma cultura; porque facilitou por hum tal modo o trabalho della, que as plantas de hum anno durão mais de trinta sem muito beneficio.

§ 30—A corrente deste famoso rio he tão arrebatada, que encontrando-se vinte leguas da sua boca, Nordeste, Sudueste, com a enchente do mar, a suspende de sorte que por largo tempo lhe disputa o triunfo; resultando deste fatal combate, por causa da repreza da maré, ou fluxo e refluxo das mesmas aguas, humas ondas tão fortes e encapellados, (o que os naturaes chamão *Pororoca*) que depois de vencidas, tudo quanto vasou em quasi nove horas, enche em menos de hum quarto, ficando a maré caminhando ainda para cima tres horas completas com tão rapido curso, que parece voa.

§ 31—Mas com ser tão violenta esta tal Pororoca, que atemorisa o seu estrondo em mais de cinco leguas, dando a entender soberbamente, que traga os mesmos montes, nunca perigão nella, não sendo por descuido, ou temeridade, as embarcações que navegão ao rio; porque como tem sitios (a que chamão *Esperas*) privilegiados de tamanha

furia, vão seguindo a sua viagem com todo o socego, logo se abranda, como experimentou o Authur desta Historia, passando a este grande rio para fazer a guerra de mais perto ao gentio de corso. O mesmo prodigio da natureza e com mayor perigo se admira tambem no mar de Araguari (40), donde desagua o rio das Amazonas pela parte do Norte da Capitania do Grão Pará; e de outro semelhante escreve Diogo de Couto *(Decad. 6, liv. 4, cap. 3)*, na enseada de Camboya, junto da Cidade de Camboy, etc. (41)

§ 32—A villa de Santo Antonio de Alcantara (42), Povoação de mais de trezentos vizinhos, he a cabeça da Capitania do Cumá e capaz surgidouro

---

40)—Quer referir-se o autor ao rio Araguary, nas aguas do qual ainda hoje o phenomeno se repete com vigor e temeroso.

41)—Nos estuarios de certos rios, a propagação da enchente é contrariada por diversas causas, resultando disso um phenomeno chamado *barre* ou *mascaret* em França, *pororoca* na Amazonia, *bore* ou *aeger* na Inglaterra, e *macareu* em Portugal. E' uma lamina enorme, obliqua ou concova a montante, que precipita-se no leito do rio com velocidade e ruido consideraveis. Produz-se essa barra liquida no primeiro momento da enchente, sendo, antes da sua manifestação, rapida a corrente de jusante. Quando passou, o nivel abaixa-se um pouco, porem a corrente da enchente estabele-se e o rio enche. Deixando de lado as explicações teoricas do phenomeno, nos quaes o engenheiro não pode deixar de citar Brémontier, Babinet, Comoy e outros, pode-se dizer «que a pororoca é influenciada pela forma da fóz, em funil, nos rios em que se produz, pela posição, extensão, altura dos pontos baixos do leito que seccam em parte na baixa-mar, pela velocidade do curso d'agua, pelo regimen das marés». «Desconhece-se, porem, o mecanismo dessas acções». «A onda liquida que constitue a pororoca é de ordinario acompanhada de ondulações secundarias, que variam em numero de 4 a 15». A pororoca manifesta-se em varios rios do mundo, no Sena, no Dordonha, no Garona, (França); no Severn, no Trent, no Firth, na Inglaterra; no Tsien-tang-Kieng, na China; no Araguary e no Guamá, no Pará; no Mearim, em Maranhão, Vide CORDEMOY—*Les Ports Modernes*. I vol. pg. 60 e segs.

42)—Essa Capitania foi denominada Cumá, Tapuytapera e Alcantara e dividia-se com a do Gurupy pelo rio Tury-assú. Foi doada por Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho a seu irmão Antonio Coelho de Carvalho, doação confirmada em 1637. «Diz Raymundo José de Souza Gayoso no seu *Compendio Historico*, e sem razão, que foi seu primeiro donatario Jeronymo de Albuquerque, quando o foi o dezembargador do paço Antonio Coelho de Carvalho em virtude das confirmações regias de 15 de Abril de 1644 e de 6 de Outubro de 1648 á doação abusiva, que della lhe fizera seu irmão o capitão-general Francisco Coelho de Carvalho, primeiro governador do Maranhão, a pretexto de estar para tanto autorizado

para todo o lote de embarcações, com huma bahia de quatro leguas até á Cidade de S. Luiz, a cujo Sudueste tem o seu principio no mesmo sitio do Cumá; e caminhando delle pelo rumo de Oesnoroeste, na direitura do Pará, acaba com cincoenta leguas de costa na bahia do Toriu-Guassú (43), já com os marcos da Capitania do Cayté, chamada tambem do Gurupy: porem o fundo, conforme o Cartaz de sua Doação, se dilata até Reinos Estranhos (44).

§ 33—A Capitania do Piauhy (45) (de que he cabeça a villa da Mocha (46) confina com a do Maranhão pela parte de Leste: com a de Pernambuco pelo Sudueste; com o Governo da Bahia pelo mesmo rumo: pelo Sul com as Minas Geraes: e pelo de Oeste, que não está ainda descoberto fundamentalmente se presume, que com o rio dos Tocantins, que he do continente da Capitania do Grão Pará.

---

pela provisão de 17 de Março de 1624 e carta regia de 14 de Maio de 1633 acerca das sesmarias». Cezar Augusto Marques. Op. cit. verb. Alcantara. Chamou-se Tapuytapera e Cumá ou *Cumã*. Foi elevada a villa em 22 de Dezembro de 1648, mudando então o nome para Alcantara. A Capitania reverteu á Corôa por carta regia de 1 de Junho de 1754.

43)—Bahia de Tury-assú.

44)—Indica o autor os limites da Capitania de Cumá, Tapuytapera ou Alcantara, que estão comprehendidos entre os rios Pindaré e Tury-assú. Quanto aos fundos, não iam, nem poderiam ir até reinos estranhos, sendo esta expressão de Berredo uma consequencia do desconhecimento em que estava da geographia local, o que certamente não lhe pode ser carregado como defeito.

45)—Ao portuguez Domingos Affonso Mafrense e a seu irmão Julião Affonso Serra cabe a honra de primeiros pervagadores do Piauhy. Em 1671 penetraram até á serra ainda hoje conhecida por Dois Irmãos. Em 1674 pediram sesmarias de 40 leguas a D. Francisco de Almeida, governador de Pernambuco. Em 1700 o movimento immigratorio pera o Piauhy já era importante. Em 1702 passou o seu territorio á jurisdicção do Maranhão, sendo em 1715 creada a Comarca. Em 1718 foi elevado a Capitania, ainda na dependencia do Maranhão. A carta regia de 29 de Julho de 1758 a tornou independente, passando-se-lhe patente em 21 de Agosto do mesmo anno—Dr. Bernardino José de Souza—*Chorographia do Estado do Piauhy*, (1913). Pg. 51 a 53

46)— A villa Mocha, Moxa ou Mouxa teve esse predicamento em 1712. Em 1761 passou a cidade, mudando o nome para Oeiras, em honra ao Conde de Oeiras, depois Marquez de Pombal. Foi capital da Provincia do Piauhy até 1853. Esta situada entre os tres morros Paciencia, Sociedade e Redondo e é banhada pelo riacho Moxa, affluente do rio Canindé—Dr. Bernardino José de Souza. Op. cit., pg. 46.

§ 34—Entre muitos, o seu principal rio, he o da Parnahiba (47), o qual depois de penetrar com curso arrebatado numa grande parte do seu vasto certão, desagoa por seis bocas no Oceano de huma pequena Povoação, a que dá o nome na distancia de quarenta leguas da Cidade de S. Luiz; mas offerecendo tão mal surgidouro a embarcações de quilha, ainda medianas, que os mesmos Pilotos, que lhes certificão quatro braças de fundo, lhe achão tão pouco na entrada da barra, que não podem mantella sem evidente risco, nem com a maré cheya. A Capitania he muito abundante de gado vacûm, de que tirão os seus moradores grossos cabedaes, por ser o unico sustento das minas de ouro e principal ajuda para o da Cidade da Bahia de todos os Santos.

§ 35—Esta he a descripção, ainda que succinta, da Capitania do Maranhão, que corre a Costa para a do Grão Pará, Leste, Oeste, com declinação a Oesnoroeste.

---

47)—«A arteria mater do Piauhy é o Parnahyba, marco divisorio em toda a sua extensão entre o Piauhy e o Maranhão». O poderoso mecanismo que foi chamado primeiramente rio Grande dos Tapuyas, depois Pará, Paraoaçú, Punaré, Paraguaçú, rio das Garças, nasce junto á serra Tanatinga ou Tabatinga, no logar Pau Cheiroso, a 10º de latitude sul. Corre em direcção a NE, depois a E, formando uma grande curva na latitude S approximada de 7º, inflectindo depois para NNE; dahi sae para o N e com pequenas variantes segue até sua foz. Apenas raras corredeiras, de vez em quando atormentam o manso deslizar das suas aguas, como as da Varzea da Cruz, Boqueirão, Boa Esperança, S. Estevão, Cannavieiras, Urubú, que é a maior, e Caycurú. Desemboca no Oceano por um delta positivo formado por tres grandes canaes em que se ramifica o rio, desenhando seis barras principaes. A sua navegabilidade é perfeita até á foz do Canindé, 668 kilometros. Tem um curso de 2.716 kilometros. Do lado do Maranhão recebe os affluentes Balsas, Boi Pintado, Caetitú, Cavallos, Anta, S. José, Rapadura, S. Amaro, Prata, Medonho ou Duraço, Valle do Paraiso, Inhumas, Tiboim, Pendenga, Desmazelo, Lages, Pinguela, Congo, Belem, Agua Suja, Boa Esperança, Marcellino, Lorena, Regado, Babylonia, S. Antonio, Farinha, Limpeza, S. Eugenio. Do lado do Piauhy, Parnahybinha, Meloso, Areia, Extrema, Bonito, Jacú, Urussuhysinho, Taquarassú, Onça, Matto Bom, Estiva, Tapuya, Riachão, Besta, Quebra Bunda, Sumidouro, Gallota, Lagedo, Calharço, Prata, Floresta, S. Felix, Macahuba, Taboleirão, Engano, Sacco Grande, Sucuriú, Riosinho, S. Rosa, Malhadinha, Cannabrava, Pandeiro, Urussuhy-assú, Mucury, Lages, Lagoa, Prata, Gurgueia, Atoleiro, Bonita, Itaueirà, Canindé, Paracahy, Poço, Riacho Pequeno, Corrente, Caldeirão, Poty, Longá, Pirangy. Dr. Bernardino José de Souza, *Chorographia do Piauhy*, pag. 10 a 14.

Uma Execução Capital [1]

Foi em 1851 que na cidade de Santarém, pela ultima vez matou-se um homem legalmente, derrubando-se para sempre, em fevereiro, o patibulo que se usava levantar em praça publica.

Olhando para o passado, surgem as recordações e nasce tambem a vontade de contar o que se vio, de referir os episodios em que se figurou, sendo um doce amargo lenitivo ao peso da edade escrever trechos da historia d'outros tempos.

O sitio Cacaual-grande, então pertencente ao sr. dr. José Coelho da Gama Abreu, Barão de Marajó, e hoje, transformado n'um importante estabelecimento agricola, propriedade dos herdeiros de J. Luiz de Paiva, foi o local onde occorreu o conflicto violento determinante da morte d'uma pessôa e causa da pena extrema imposta a outra.

O Cacaual-grande está situado na margem esquerda do rio Amazonas, milhas abaixo da fóz do Tapajós, onde branqueja, sempre bella e garrida, a cidade de Santarém, então séde da comarca que reunia as povoações de Prainna, Monte-Alegre, Alemquer, Obidos e as do rio Tapajós; os trabalhadores, os que cultivavam o sólo ou vigiavam os rebanhos eram, como em todas as fazendas do Brazil, negros africanos ou seus descendentes já nascidos em nossa Patria, escravisados, obedientes ao poder absoluto dos senhores e governo d'essa epocha, miseros colonos que viviam martyrizados, cortadas suas carnes pelo azorrague do feitor implacavel, essa crua entidade cujo mister principal era flagellar o pobre negro, passiva besta de carga, sempre mal alimentado, trapilhamente vestido e obrigado a esforços excessivos, de prostar.

Entre os escravos havia um velho africano, maior de 60 annos, conhecido por—Pae Antonio. Este infeliz foi, n'uma madrugada, despertado pelo raivoso feitor, a chicotadas, multiplicando este as vergastadas sem attender ás supplicas, aos gritos e ao estado de fraqueza da sua adoentada victima; o

(1) A ultima no Pará. Seria tambem a ultima no Brazil?

desafortunado ser, lanhado, enxovalhado deante de moços e da sua progenie, serviu-se de uma ponta de terçado ferrugento, já abandonada, e, desesperado, feriu mortalmente seu algoz, finando-se este instantaneamente.

Algemado e acorrentado a um tronco, foi o decrepito africano levado para Monte-Alegre, termo judiciario. Alli processado, submetteram-n'o ao jury da séde da comarca que o condemnou a pena capital, devendo ser justiçado em forca erguida na praça publica.

A iniqua sentença não foi commutada pelo poder moderador — porque o crime de homicidio praticado pelo escravo contra seu senhor ou feitor não podia, n'esse periodo da nossa vida nacional, merecer comutação, nem perdão; força era ser cumprida para exemplo. O escravo não podia deixar de servir humildemente o seu dono, o qual usava abertamente da liberdade de castigal-o, com barbaridade e até de matal-o; em caso algum tinha o direito de queixa, impedido estava realmente de promover, por si ou em beneficio de algum outro, qualquer acção processoria.

Passada a sentença em julgado, foi o condemnado, desde esse momento classificado como padecente, conduzido com algemas nas mãos e corrente aos pes, para o oratorio, provizoriamente preparado na travessa do Castello em uma pequena casa proxima á cadeia publica — que ficava entre a citada travessa e a então chamada do Caes, com a frente para a rua da Constituição, onde hoje está edificada a casa dos herdeiros do fallecido desembargador Manoel J. O. Miranda.

A execução da sentença foi confiada, como era de lei, ao juiz municipal, que o era das execuções criminaes, ao seu escrivão e ao porteiro do tribunal.

Exercia n'esse tempo o cargo de juiz municipal o major Agostinho Pedro Auzier, 1.º supplente; escrivão era o signatario d'estas linhas e o cidadão Joaquim José da Costa, portuguez de origem e brazileiro de adopção, servia de porteiro. A vara de juiz de direito brilhava nas mãos do dr. João B. G. Campos, visconde de Jary, que falleceu sendo ministro do Supremo Tribunal de Justiça, no Imperio.

Recolhido o padecente ao oratorio, 24 horas antes da sensacional execução, serviu-se-lhe bôa alimentação, facultando-se-lhe o lugubre privilegio de escolher do que preferisse ou desejasse.

Um padre foi admittido ao lado do condemnado e tratou de exhortal-o, falando-lhe em Deus e sobre a resignação nos soffrimentos, como se a não tivesse tido demasiada, seguramente, essa triste creatura que ia acabar o mais infernal viver. O sacerdote catholico não devia afastar-se do padecente, abandonal-o, sem que o martyr começasse a subir a escada do patibulo para ganhar o Céu.

A forca foi erguida na praça da Imperatriz, entre as

ruas Santa Cruz e Mercadores, e o serviço feito durante a noite que precedeu á execução.

Esta tristissima tragedia desempenhou-se no anno de 1851, como já dissemos, ás 9 horas d'uma manhã de fevereiro, sendo o padecente acompanhado pela força publica, do oratorio ao patibulo.

Formou-se um prestito; á frente d'este figurava o porteiro do tribunal, o qual lia repetidas vezes, em voz alta, a sentença auctorizando o homicidio juridico.

Guardado pelos soldados caminhava em seguida, lento e tristemente, o condemnado, vestido com uma tunica branca e tendo passado em volta do pescoço o baraço cuja ponta era mantida pelo carrasco.

D'um lado desse pária que caminhava para o supplicio final, via-se o antipathico executor da sentença e do outro o ministro christão.

Pessôas gradas da localidade, talvez todos os habitantes da cidade, homens e mulheres, acompanhavam curiosos o funebre cortejo.

No termino da via dolorosa, junto á forca, o porteiro do tribunal fez, sempre em vóz alta, a derradeira leitura da sentença.

O carrasco obrigou o padecente a subir a escada até á trave horizontal, onde fel-o sentar-se, amarrando n'essa viga a ponta da corda que segurava. D'essa eminencia ouvio o pobre preto as ultimas palavras que, em nome do Christo redemptor, lhe dirigiu o padre.

Concluida a predica, o carrasco empurrou bruscamente o desgraçado africano e pizando nos hombros do executado, com força, apressou o desenlace. Por minutos o corpo ficou baloiçando suspenso pela corda que lhe enlaçava o pescoço. A asphyxia foi rapida. O rosto tumefez-se logo, a bocca ficou aberta, deixando sahir a lingua que pendia, e os olhos esbugalhados, com os globulos oculares como a saltarem fóra das orbitas.

Finda a luctuosa e barbara cerimonia com a morte imposta pela lei, o escrivão lavrou circumstanciada certidão, que assignou com o juiz e o porteiro dos auditorios.

O cadaver do infeliz justiçado — Pae Antonio, foi accommodado no esquife e conduzido para o cemiterio, onde foi inhumado.

Assim se realizou, pela ultima vez em Santarém, essa pratica dos nossos avós e dos tempos da minha mocidade.

O carrasco de Santarém chamava-se Domingos Pixuna, um mestiço, facinora condemnado a galés perpetuas por crimes hediondos praticados como cabano, na revolta de 1835.

João Victor G. Campos

Ilha de Marajó

SUA ORIGEM

Há mais de um seculo, a origem ou formação da ilha de Marajó tem occupado a attenção de celebres naturalistas, que, estudando o valle amazonico, estenderam as suas observações geologicas ao *delta* do rio-mar.

A' Martius, ao principe Adalberto da Prussia, á Wallace, Bates, Ferreira Penna, Agassiz, Herbert Smith, Derby, Hartt, ao Dr. Jacques Huber, ex-director dô nosso muzeu Goeldi, e a muitos outros scientistas coube a espinhosa tarefa de taes estudos; mas, porque o assumpto fosse bastante transcendente e exigisse paciencia estoica, ou, pela sua importancia, lhes faltasse o tempo preciso, o certo é que—se uns mais se occuparam do valle amazonico, propriamente dito, outros, como Hartt, Huber, Agassiz e Derby, em tractando da formação do *delta*, o fizeram *in partibus*.

Os dois primeiros estudaram apenas a parte sudéste do archipelago, que nos parece a mais recente e ainda em formação, e os dois ultimos a sudéste, que, por ser a mais antiga, merece a nossa especial attenção.

Agassiz, tanto em sua obra *Voyage au Brésil*, como em conferencia feita, no Pará, em Julho de 1866, exprimindo-se sobre a geologia do valle amazonico, admittio para a ilha de Marajó—uma geologia em tudo semelhante aquelle, e concluio por isso que essa ilha fazia parte do continente, do qual desmembrou-se por effeito da acção poderosa do oceano e erozão produzida pelas aguas de um immenso deposito, quando o dique que o separava do oceano foi destruido.

O sabio suisso para chegar a essa conclusão, firmou-se em estudo e observações feitas no córte natural aberto pelo Igarapé-grande ou rio Pará-cauary, que banha a bella cidade de Soure, á sudéste da grande ilha,

São estas as suas palavras: "Dir-se-ia que o córte aberto no sólo por este curso d'agua foi feito para apresentar-se uma secção geologica, tão claramente elle põe em evidencia as tres formações caracteristicas no Amazonas. Na sua emboccadura, proximo á Soure, na margem opposta, junto á Salvater-

ra, podem bem vêr-se, na parte inferior:—o grés bem stratificado, sobre o qual está disposta a argilla finamente laminada, coberta por uma crosta vitrea; mais acima—o grés muito ferruginoso com stratificação torrencial com calhaus de quartzo dispersos aqui e alli; finalmente, acima de tudo isto—a argilla arenosa ou siliciosa ochracea sem stratificação, disposta sobre a superficie ondulosa do grés denudado, seguindo suas ondulações e enchendo suas depressões.

Abrindo assim o seu leito n'estas diversas formações até uma profundidade de 46 metros, como pude medir, o Igarapé-grande, ao mesmo tempo, abrio caminho ás invasões dos mares, e a seu turno, o oceano ganhou espaço sobre a terra, como de sobra o prova o córte abrupto do leito do Igarapé-grande, fazendo contraste com a suave inclinação de suas margens, pelo lado do mar, mas por duas causas combinadas.

Existe ainda uma floresta submergida n'estes terrenos pantanosos, a qual evidentemente crescia n'estes logares em que a innundação é constante, pois que entre suas raizes e troncos se acha a turfa alluvial disposta como o feltro, tão rica em materias vegetaes como em humus, o que caracterisa estes terrenos.

Ora, esta floresta, cujos fragmentos de troncos ainda subsistem de pé na turfa, foi distruida nos dois lados do Igarapé pelas marés do oceano, e nem ha negar que isso seja obra do mar, quando observamos que as pequenas depressões e indentações da turfa estão cheias de areia do mar, e uma franja de areia deixada pelas marés separa a floresta destruida d'aquella que ainda hoje vive.

Ainda mais: em frente á Soure, no outro lado continental do rio Pará, na Vigia, onde o rio encontra o mar, igual facto é observado: uma turfeira com innumeraveis raizes é invadida do mesmo modo pelo mar e suas areias. Infallivelmente estas duas florestas formavam uma só que cobria todo o espaço que occupa hoje o braço do rio Amazonas, chamado rio Pará.

Orville A. Derby, geologo americano, ainda ha pouco fallecido no Rio de Janeiro, onde vinha prestando tão bons serviços ao Paiz, que visitou a ilha de Marajó em 1871, perfilha as ideias de Agassiz, quando assim se exprime: «A structura geologica da ilha de Marajó é conforme a da terra que limita o rio por todos os lados.»

Continuando, o geologo americano accrescenta: «O rio Amazonas não tem na sua emboccadura um *delta* de formação recente pelos sedimentos das aguas, mas sim depositos mais antigos do que os actualmente formados.

Encontrando a corrente do equador, não póde a quantidade immensa de sedimentos, que o rio transporta, ser depositada na emboccadura, e é levada a formar a costa da Guyana.

D'ahi resulta que o comprimento do rio Amazonas não augmenta, como acontece como Nilo, Mississipe e outros, mas,

ao contrario, actualmente o mar ganha pela destruição da costa léste do Pará e da ilha de Marajó.

Grande parte do lado occidental da ilha é devida aos depositos sedimentaes presentemente formados pelo rio, onde a força da corrente é quebrada pela intervenção da parte mais antiga de Léste.»

Dos seus estudos, conclue finalmente Derby: «Não só a ilha de Marajó, como as da Caviana e Mexiana, que lhe ficam ao Norte, são pedaços do continente».

Como Agassiz e Derby pensam tambem Ferreira Penna, o Barão de Marajó e muitos outros investigadores.

Se bem que os dois sabios suisso e americano, talvez pela exiguidade de tempo, não completassem os estudos que ardorosamente iniciaram, estendendo as suas observações geologicas á ilha toda, em todo caso, a conclusão a que chegaram de que a parte solida e mais antiga da ilha é um pedaço desmembrado do continente por effeito da acção poderosa do oceano e destruição de um dique natural dentro do curso do rio Amazonas, não só merece da nossa parte todo acatamento, deante das provas inconcussas, filhas de observações e experiencias scientificas, como nos servirá de base ás illações em torno do conhecimento que temos da grande ilha Marajoára.

Admittida, portanto, como marco primordial da formação da ilha de Marajó e base das nossas investigações, essa parte desmembrada, que hoje constitue o limite sul-sudéste d'esse novo continente e cuja extensão vae da villa de Curralinho á cidade de Soure, á margem do Igarapé grande, iremos por partes, firmados em observações de longos annos, expendendo a nossa humilde opinião sobre a formação de toda ilha, cujo conhecimento é de grande alcance scientifico áquelles que ahi pretendem realisar melhoramentos no sentido de tornal-a mais apropriada ao desenvolvimento da nossa industria pastoril.

Dos estudos apurados e constantes observações, n'um periodo de quasi quarenta annos, chegamos a conclusão de que a ilha de Marajó, hoje, ainda em formação, era constituida a principio de duas partes distinctas: uma, fragil, ao norte, composta de bancos alongados de areia, e outra, solida, ao sul, formada pelo pedaço desmembrado do continente.

Foi o nosso distincto naturalista Ferreira Penna quem primeiro concebeu a ideia de que entre a costa Sul de Marajó e a do Norte existira um grande canal separando a ilha em duas partes, canal hoje occupado por mondongos e outros baixios, e em tudo semelhante aos actualmente existentes entre a Mexiana e Caviana e outras ilha do *delta* do Amazonas.

Diz ainda esse grande naturalista que da obstrucção d'esses canaes surgiram as soberbas campinas, que hoje admiramos, o que aliás é constatada pelo fallecido Jacques Huber em um dos seus opusculos sobre Marajó.

As nossas observações nos levam a professar a respeito a mesma doutrina.

Do que nos diz Agassiz, parece-nos, a principio, que a parte desmembrada do continente, que hoje constitue a parte sul sudéste da ilha do Marajó, era o limite norte das terras attingidas pela erozão das aguas do grande deposito amazonico; mas, a existencia das ilhas Caviana e Mexiana e de outras de igual structura geologica, semelhante a do pedaço em questão, nos conduz a pensar, e a affirmar mesmo, que—essa erozão e a acção poderosa do oceano se fizeram sentir muito alem da linha equatorial, isolando, como aves perdidas, essa immensidade de ilhas diversas, que hoje constituem o *delta* amazonico.

E é por isso que Orville Derby diz que a Caviana e Mexiana são tambem pedaços do continente.

E só assim se explica tambem a existencia, por nós constatada, em cortes profundos, de grandes troncos de uma floresta submergida na faixa norte de Marajó, onde hoje se acham as campinas das fazendas marginaes.

Dada, portanto a invasão das aguas na parte Léste do territorio paraense, somente resistiram á sua impetuosidade as partes mais solidas do continente, isto é, aquellas cujas bases eram de pedras de formação antiga, e isso só se verifica na parte tida como desmembrada, ao sul da ilha, e nas suas irmães Caviana e Mexiana.

Aberto d'esse modo o grande canal que separava as duas partes norte e sul de Marajó, vejámos como se produzio a obstrucção do mesmo e conseguintemente a ligação d'essas duas partes.

Como um obstaculo á descida das aguas do Amazonas, que tambem se escoavam pelo novo canal, o grande blóco desmembrado, cuja forma é de um angulo obtuso com a abertura para o norte, e cujos lados tomam as direcções de Oéste e nordéste, muito influio para que aquellas aguas tomassem o rumo do norte, deixando em sua passagem detrictos que concorreram para o alargamento do blóco pelo lado interno do angulo, e conduzindo outros em suspensão para deposital-os alem sobre os bancos de areia ao norte, isso em virtude do equilibrio produzido pelas correntes aéreas, em sentido contrario.

E da lucta travada pelas aguas em descida com o vento nordéste, tambem conhecido pelos nomes de *Marajoára* e *geral*, pouco a pouco foi se elevando e consolidando a parte norte da ilha e se estendendo para o centro em declive suave.

O que se passava ahi, verificava-se outrosim na parte interna do blóco ao sul, de modo que o primitivo canal, de anno para anno, estreitava-se, ficando reduzido afinal a pequenos cursos d'agua, dos quaes hoje só existem aquelles cujas direcções são em sentido parallelo a dos ventos reinantes.

Os rios Tartarugas e Cambú, que teem a foz em sentido

contrario a d'aquelles e tiveram a ousadia de enfrentar as correntes aéreas, estão actualmente obstruidos.

Portanto, assim fechado o grande canal e ligados entre si as duas partes primitivas, as aguas do rio Amazonas, que ainda hoje invadem a ilha pelo occidente, exerceram forte compressão sobre as aguas pluviaes ahi depositadas, dando logar a abertura de novos escoadoiros, taes como os actuaes rios Arary, Camará, Paracanary, Ganhoão, Arapixy e outros, cujos cursos são mais ou menos normaes á direcção do vento nordéste.

A existencia d'esses rios prova exhuberantemente que só na direcção dos seus cursos se poderá dar sahida ás aguas que superabundam em Marajó.

Não data de muito longe o conhecimento perfeito do curso de alguns d'elles, que permittiam a passagem de peões sobre o seu leito, ao passo que hoje a navegação ahi é franca, mesmo para grandes vapores.

Salvo o rio Arary, cuja obstrucção ainda se manifesta, por circumstancias todas especiaes, os demais citados tenderão a augmentar o seu volume d'agua, principalmente aquelles cuja fóz se acha ao sul da ilha e os cursos em direcção normal aos ventos geraes.

Incontestavelmente a direcção das correntes aéreas em sentido contrario á descida das aguas dos canaes de Marajó, constituio o facto de maior importancia na formação d'essa ilha, e a sua consolidação deve-se principalmente á grande massa de sedimentos conduzidos pelas aguas do rio-mar.

Uma das provas da existencia primitiva de um grande canal central é a formação de toiças de burityseiros em direcção quasi recta na parte mais central da ilha onde exactamente, ainda ha poucos annos, corriam os filetes dos cursos hoje extinctos.

E porque a zona mais central da ilha ainda se ache em trabalho de transformação, consideramol-a em nivel inferior ao das partes norte e sul, pelo que alguns escriptores dão para Marajó a forma de um prato fundo.

Achamos um tanto exaggerada a comparação, porquanto sendo a ilha alongada de Oéste para Léste só á um prato travessa deveria ser comparada, e isso mesmo não teria cabimento em vista da região de Oéste estar ainda em formação, e ser muito mais baixa do que qualquer uma das outras trez.

Das escavações feitas onde outr'ora corriam livremente as aguas do Amazonas, temos verificado á pequenas profundidades a existencia de areia solta do mar e salitrosa, bem assim nas proximidades dos cursos dos rios Tartarugas e Cambú, hoje obstruidos,—camadas de forragens apodrecidas sobre uma larga faixa de lôdo accumulado por effeito de resistencia offerecida pelos ventos contra a descida dos sedimentos abundantes do rio Amazonas.

Por causa da grande camada de areia do mar que existe

á certa profundidade na zona que outr'ora era coberta de agua, existe em Marajó a seguinte lenda:

Nos limites dos Municipios da Cachoeira e Soure temos um lago de nome Guajará, cujo leito é de areia. Ha quem diga que n'esse lago appareceram, em época remota, alguns destroços de um barco, pelo que persume-se a existencia de um tunel que o liga ao oceano.

É uma lenda que vem atravessando os seculos, e que ahi fica escavada, por conta, talvez, dos erros da nossa historia.

A ilha de Marajó ainda não está completa, e dadas as circumstancias especiaes porque foi constituida, é de crer que dentro de um seculo, a sua parte central, hoje, de brejaes, suba ao nivel attingido ao norte e ao sul, tornando-a completamente plana e solida.

Para isso concorrerão tambem as grandes queimas das forragens ahi exhuberantes e o deposito constante de sedimentos, durante a estação invernosa.

O occidente da ilha, coberto quasi na sua totalidade por enormes florestas de seringueiras, se solidificará tambem, porque sendo ahi que mais se precipitam as materias sedimentares descidas do Amazonas, facil é conceber se que essa solidificação se dará forçosamente.

E assim teremos n'um futuro não tão remoto a perola do *delta* amazonico, a estrella de maior brilho da constellação paraense, totalmente formada e consolidada.

Pedro Bezerra da Rocha Moraes
Engenheiro civil

A ARTE DECORATIVA ENTRE OS SELVAGENS DA FOZ DO AMAZONAS

O homem primitivo, logo que as mais imperiosas e diminutas necessidades estavam satisfeitas, abrigado das intemperies do tempo e com a sua alimentação indispensavel adquirida, tratou inconscientemente de evoluir.

E esta evolução caracterisou-se pela exigencia de seu espirito em cercar essas necessidades de um aspecto que lhe désse um prazer agradando-lhe a vista.

Nenhum desses povos primitivos, em seu estado de selvagem, legou á posteridade documentos mais interessantes de arte decorativa applicada como os que habitavam as ilhas e sobretudo a ilha grande de Joannes, na foz do grande rio das Amazonas.

Que cerebração curiosa era a desse povo que legou, com os seus trabalhos originaes, á archeologia e ethnographia brazileiras a mais rica, a mais original e a mais abundante das artes primitivas do desenho decorativo, desse povo cuja séde circumscrevia-se á parte norte-oriental da grande ilha de Marajó!

Interpretando o corpo humano na decoração de seus vasos e utensilios, exaggerando n'essa interpretação, a sexualidade das figuras, mesmo com certo exaggero, não era, entretanto, na zoologia que elles ião buscar, de preferencia, os motivos para o embellezamento de suas decorações; não era, pois, a grandiosa natureza animada que os cercava a todo momento e que os inspirava para, vaidosos, enriquecerem seus objectos de côr e fórma artisticas.

Os seus desenhos complicados e trabalhosos eram feitos de pura imaginação e, poderemos avançar, caracteristicamente geometricos, puros exemplos de desenho linear.

Ha quem veja nelles, atravez talvez de muita força de imaginação, figuras symbolicas de animaes ou sêres phantasticos de sua idolatria extravagante.

Sem os instrumentos modernos que os auxiliassem na pureza das linhas rectas ou curvas, tinham elles a intuição da symetria na divisão geral do objecto, cuja face devia ser decorada, na harmonia não só dos detalhes como do conjuncto da ornamentação, do equilibrio dos assumptos escolhidos, havendo, emfim, uma orientação pre-estudada para a ornamentação de cada objecto a ser decorado.

Assim, emquanto a ornamentação exterior de uma urna, obtida a traço gravado na superficie, marcando o *quantum satis* para destacar um fundo de um relevo, é dirigida pela fórma dessa mesma urna, a decoração delicada de uma tanga ou *folia vitis*, simples objecto triangular, ligeiramente concavo-convexo, e de applicação graciosa para uso feminino, como o proprio barro, é extremamente cuidada e fina como reflectida e caprichosamente executada é a sua pintura ornamental.

Nesse delicado objecto, pequenino e de fórma não commum, a preoccupação intellectual do artista-oleiro evitou as linhas pesadas e desgraciosas; a combinação do delineamento com a fórma exterior triangular e convexa da tampa, é a do mais simples e mais decorativo effeito, juntando-se a esse desenho linear uma harmonica coloração em tres tons ou *nuances* de uma mesma côr.

Nessa variedade de ornamentação linear, encontram-se certos conjunctos que lembram a cruz *gamée* dos antigos gregos, cheia de um symbolismo inexplicavel; outros ha em que a execução é tão cuidadosamente, tão intelligentemente combinada que nos faz scismar sobre a existencia de instrumentos de precisão e nitidez para aquelle feliz resultado de harmonia, symetria e proporções.

Sobrios na fórma, sobrios na coloração, os indigenas de Marajó nos legaram não pequena mésse de documentos interessantes do seu inconteste gosto artistico, delles proprios e caracteristicos, notando-se assim, por esses curiosos documentos, a preoccupação de um goso para os sentidos, por meio de ornamentações graciosas e leves, de um prazer intellectual em se cercarem de elementos superiores ás brutaes e exclusivas necessidades da vida material.

Nota-se, assim, em todos aquelles fragmentos da curiosa e typica ceramica indigena de Marajó a execução preconcebida de uma decoração regular e intelligente com o intuito de enriquecer uma superficie simples para uma satisfacção superior.

Ainda nos vem confirmar ésta asserção o facto de terem os artistas marajoaras o cuidado de distinguir o que nós, actualmente, classificamos de *fundo*, *rosacea*, *frisa*, *bordadura*, *silvado*, etc.

Procurem, embora, os estudiosos especialistas confrontos com os demais povos da alta antiguidade e extrema longitude, descubram esses investigadores incansaveis da archeologia pontos de semelhança entre as graciosas *gregas* do antigo povo helleno e os originaes desenhos gravados e sobriamente

coloridos das tangas e utensilios dos nossos selvicolas marajoaras, entre as hieraticas figuras symbolicas dos antigos habitantes das margens do Nilo e o conjuncto de decorações, intelligentemente obtidas ora na rispidez dos angulos, ora na languidez das curvas excitantes da espiral que os artifices desconhecidos dos *mound-brilders* obtinham para seu goso espiritual; aprofundem-se os sabios investigadores em conjuncturas e probabilidades, o que é certo é que da mudez impenetravel do mysterio daquelles restos de louça indo-amazonica do Pará só nos vem a certeza consoladora de que uma esthesia original e caracteristicamente regional, sóbria e bella, devia presidir a execução de tão frageis objectos.

São elles, os obscuros oleiros de Marajó, os mais peritos ceramistas do novo continente, legando-nos, com os seus variadissimos trabalhos d'arte decorativa em *terra-cota*, a consciente certeza dessa indiscutivel asserção.

Theodoro Braga

Do Instituto Historico e Geographico do Pará

A Terra, as cousas e o homem da Amazonia

Por Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha

Natural do Pará.

Memorias historicas, geographicas, ethnographicas, mineralogicas, botanicas e zoologicas das minhas viagens atravez da Amazonia

XV

Amazonas. Minha viagem ao rio Demeueni affluente do Aracá ou Uaruá e os indios Chirianas e Baffuanas.

Capitulo I

Duas crianças desapparecidas. Barcellos. O regatão. Os Chirianas.

Tendo chegado á villa de Barcellos, onde residi em rasão do cargo de promotor publico effectivo que exerci mais de um anno, uma canoa procedente do rio Demeueni, confluente do Uaracá ou Uaruá, que desagua no rio Negro á margem esquerda, trazendo a lamentavel noticia de terem desapparecido da feitoria de José Antonio Nogueira Campos, que é dentro do dito rio, duas criancinhas filhas de Bonifacio José Pereira Campos, seu irmão, e de tal modo commentada que duvida nenhuma deixava, de que tivessem sido roubadas por desertores do exercito e d'armada, como presumia-se existirem ahi em grande quantidade, ou por indios Macus acostumados a roubar mulheres e crianças, busquei, sem perda de tempo certificar-me do occorrido, indo a residencia do delegado de policia Sñr. José Pedro Palmella, que apenas me garantiu a existencia do facto, como provindo do desconhecido.

A vista disto fiz ver ao delegado a necessidade de mandar uma deligencia a feitoria de Campos para poder-se descortinar o mysterio, que parecia trazer envolvido o desapparecimento dessas duas innocentes creaturinhas.

Achava-me nesse dia em preparativos de viagem para o rio Demeueni ou Demeni no intuito de ir visitar as malócas dos indios Chirianas, dos quaes já eram alguns conhecidos em Barcellos, por andarem na companhia do referido Campos, que tinha por amasias trez indias dessa mesma nação.

A villa estava nesse tempo reduzida a mais enfadonha e triste solidão, entretanto a povoação então apresentava, em todo o rio Negro, algum desenvolvimento pela sua edificação e animador movimento commercial.

Contavam-se ahi 22 bôas casas, sendo 7 cobertas de telha e as demais de palha. (*) Alem destas tem o paço municipal, a igreja e a capella

(*) Em 1912 só se encontrava 1 casa de Valentim Pinheiro e ruinas causadas por perversidade de José Campos.

do novo cemiterio, tambem com cobertura de telha.

Havia 5 estabelecimentos commerciaes dentro da villa, uma escola do sexo masculino e outra do sexo feminino de ensino de 1.^as lettras.

A igreja estava em ruina e prestes a desabar e no mesmo estado o paço da camara municipal, do qual uma das salas servia de cadeia, e a outra para as sessões, o forum e archivo que nada mais valia.

A solidão em que então se achava Barcellos provinha das mesmas causas, que a todos os pontos da provincia levam por via do isolamento em que ficam no periodo do decrescimento das aguas do Amazonas e seus tributarios: a salga do peixe e a extracção da gomma elastica!

Os moradores da villa tinham se retirado para a pesca e salga do peixe, manufacturação da manteiga dos ovos da tartaruga e da mixira do peixe boi, extracção da borracha ou gomma elastica ou seringa, oleo de copahiba, salsa etc. e, finalmente, para negociar ou *regatear*.

Estavam quasi todas as casas fechadas pelo abandono em que as tinham deixado seus donos para entregarem-se a todos os riscos e dissaberes de um viver incommodo, mal abrigados e selvagem das feitorias, em miseraveis tijupaes (barracas) levantadas nas praias, igapós, lagos e ilhas.

Precaria sorte!

Deixam seus commodos com o fim de melhorar de condição em busca de fortuna, e voltam a elles ainda mais pobres do que eram, e em geral deshonrados e vexados por enormes dividas, trazendo estragada a saude, e contando no vigor da primavera dos annos, por momentos, os dias de sua existencia.

O *regatão* que os acompanha para toda parte, é um flagello de que não se podem livrar nem no lidar constante, todavia precario e atribulado das feitorias, nem no doce remanço da paz domestica depois que são restituidos pelo periodo da enchente dos rios, ao seio da sociedade!

No Amazonas, como tambem no Pará, o mercador ambulante, conhecido n'outras provincias por *mascate*, que tem a classificação official de *regatão*, é um homem-machina, que, movido pela mais sordida e reprehensivel ganancia, percorre em todos os sentidos os rios da provincia, entrando nos igarapés e lagos, atravessando igapós immensos, tocando nas ilhas uma por uma, vencendo as impetuosissimas correntezas dos rios, remontando todos os perigos das cachoeiras, subindo e descendo elevadas serras e até mesmo indo internar-se nas florestas virgens, onde o unico ente humano com que se vai encontrar é o indio selvagem, que nunca viu e com quem nunca tratou, mas que o recebe por ter lhe dado a senha—*catú*,—abrigando-o, sob o tecto da sua maloca, quando não tenta matal-o traiçoeira e cobardemente, traspassando-lhe o peito com o aguçado *curabi ervado*, arma de que se serve nas caçadas das antas, onças e tamanduá-bandeiras ou esmagando-lhe o craneo com o pesado *cuidarú*, outra sua arma favorita para as luctas, que sustenta braço a braço. Entretanto não consta que o indio tenha até hoje morto um regatão!

Este homem extraordinario que assim affronta todos os perigos, aos quaes se podem antepor a sua ambição de lucrar muito pela permuta que

fazêr das mercadorias, que conduz no valor de muitos contos de réis fiadas, sem uma garantia, com productos colhidos pelo pescador ou pelo seringueiro e extrahidos pelo indio da matta, não tem consciencia de si; desconhece a sua temeridade e valor, não alcança por falta de instrucção alem de si mesmo a nobre missão que exerce, sem que a queira, de levar a esses incultos e ignorantes habitantes dos nossos sertões a ideia de que fóra delles existe um mundo todo de grandeza e de luz. A ambição cega-o, gerando-lhe na alma os mais negros sentimentos, e apos dos vestigios das suas pegadas vae deixando visiveis exemplos de prostituição, roubo e humicidio que pratica, crime este ultimo que só não commette entre os indios.

Difficil é encontrar-se um regatão consciencioso e honrado, mas ha, porque conheço alguns.

Tornando ao assumpto, que foi interrompido pela ligeira digressão que me vi forçado a fazer para melhor patentear as funestissimas causas, que tem enterpecido o progresso e civilisação no interior da provincia, começarei por affirmar que no estado de abandono a que se via então reduzida a villa de Barcellos, a auctoridade policial, que não contava com uma força disponivel em seu auxilio, achava-se deante do facto denunciado coacta, e sem a menor acção.

Era-lhe impossivel em taes condições poder estender a sua auctoridade alem do limitadissimo perimetro da despovoada villa.

Necessitava de força armada e de tripulantes para mandar proceder a diligencia, não os tinha!.... nem siquer perto d'alli podia-os encontrar.

Á espera do vapor, que só em Janeiro deveria chegar, estavam na villa 4 praças do 3.º batalhão d'artilharia de 1.ª linha, vindas da fronteira de Cucui ou Cucuhi com destino ao batalhão na cidade de Manaus; e, porque não se tivessem encontrado com o vapor que fez a viagem do mez de Novembro de 1874, em rasão de não poder o mesmo vapor passar de Barcellos, por ter o rio baixado consideravelmente, o cabo de esquadra encarregado do expresso militar da dita fronteira, tomando a deliberação de deixal-as neste porto, apresentou-as ao subdelegado de policia para tel-as debaixo de suas vistas até que seguissem seu destino

Em caso de tanta urgencia, lançar mão dellas o delegado de policia nenhuma responsabilidade lhe podia vir dahi; portanto a necessidade da força estava supprida, ficando-lhe a vencer a dos tripulantes para a canoa, que deveria ser expedida em diligencia.

A minha projectada viagem ás malocas dos Chirianas no Demeuení e dos Baffuanas no Uaracá já não era ignorada em toda a villa: o proprio delegado sabia que a minha partida estava por poucas horas, tanto assim que foi elle quem primeiro lembrou-se de aproveitar a occasião, que por mim se offerecia, para fazer seguir a bordo da minha canoa a sua diligencia.

Fez-se esta, mediante imposição da minha parte, que seriam os cofres publicos exonerados de qualquer despeza.

Ainda que de pequeno porte a minha canoa tinha commodos sufficientes para mim, 4 rapazes que a tripulavam e 2 praças de 1.ª linha que iam como passageiros, ficando mais espaço para mais 2 passageiros e 5 tripulantes.

Assentadas as cousas por este modo a 30 de Novembro do referido anno de 1874, achando-me junto com o delegado, fui-me nesse mesmo dia ás 10 horas da manhã de viagem, indo na minha companhia os 2 soldados d'artilharia Manoel Antonio da 2.ª companhia e Ignacio da Costa e Almeida da 3.ª e os tripulantes de nomes Gaudencio, Benedicto, Manoel e João.

....

Al 1 de Novembro já no Demeuení ou Demeni, proximo da sua fóz, recebi a bordo o 1.º supplente do subdelegado de policia Leopoldino Rodri-

guez Palmella que, de sociedade com Campos, trabalhava na extracção da borracha e com elle mais os indios Chirianas Canaiuale e Ainuna, acompanhando-nos em canoa propria outros indios da mesma nação de nomes Buina, Josepha sua filha, Canaiaua sua irmã e mulher de Canaiuale e um filhinho de nome Caissé, nas nossas aguas.

Cheguei a feitoria de Campos no dia 14 as 11 horas da manhã, onde a vista da mais minuciosa syndicancia, averiguou-se, descobrindo-se com as mais evidentes provas, que as crianças, que eram ainda muito tenras em idade, sem saber nadar, tinham cahido ao rio, de cima da ribanceira abaixo, sendo ahi devoradas pelas piranhas, que são denominadas *fulas* no rio Negro, abundantes no Demeueni nos mais profundos logares do seu leito.

Nesses logares nenhum objecto cahe n'agua que as piranhas não o devorem de um para outro momento.

A feitoria estava sobre a barranca de uma ilha, tendo sido examinada esta de maneira a não deixar ficar a menor duvida, de que as duas crianças não se tinham internado na matta, mas cahido ao rio e desapparecido.

Verificou-se do inquerito, a que se procedeu, que no dia do desapparecimento dellas, descobriram-se até a borda do precipicio vestigios de suas pisadas desde a sahida da barraca: o facto deu-se sem testemunha nenhuma durante as horas mortas da noite, sentindo-se só pela manhã a falta de ambas.

Nesta feitoria quiz deixar ficar os soldados para regressarem na 1.ª occasião á Barcellos, não o fazendo por ter sido avisado de que antes de mim, por maior que fosse a minha demora, ninguem sahiria do Demeueni, pelo que então resolvi leval-os como meus passageiros até o logar a que me destinava.

A 17, as 5 horas da tarde, aportei na primeira maloca e só a 21, as 7 horas da manhã, suspendi ferro para volver a Barcellos, onde cheguei a 25 as 8 horas da noite, trazendo comigo 11 indios, inclusive o tuchaua Taluco da nação Chiriana. Os 2 soldados, estando accommettidos das febres palustres, só apresentaram-se ao delegado de policia no dia seguinte. (1)

. . . .

Os 11 selvagens que vieram comigo receberam a agua baptismal no dia 1.º de Janeiro de 1875, tornando depois disto para o rio Demeueni, mas não para a maloca onde foram primeiro para dahi seguirem com destino ao logar, que denominei "Josephina", onde estão actualmente aldeiados e com elles pouco mais ou menos 300 indios da mesma nação, que se dedicam a lavoura sob a direcção de José Antonio Nogueira Campos a quem os confiei.

Capitulo II

Rio Uaracá ou Aracá ou Uaruá. Indios Baffuanas

A 30 de Novembro as 10 horas da manhã, sahindo de Barcellos fui pernoitar na praia que fica defronte da do Jacaré, ainda no rio Negro.

As 5 horas da madrugada de 1.º de Dezembro, continuando a minha viagem, entrei as 6 e meia da manhã no Uaracá ou Aracá ou Uaurá.

---

(1) Estas febres não adquiriram elles no Demeueni, mas sim no Cucui ou Cucuhi, onde estiveram destacados muito tempo.

A embocadura deste é estreita no periodo da vasante por ligar-se á terra firme da margem direita uma vastissima praia, que vae ao fundo no da enchente, abrindo, por essa occasião, passagem franca por este mesmo lado do rio uma grande ilha que se forma no meio.

Dentro desta, como nas outras, que existem no Uaracá ha diversos lagos, notando-se que antes de se chegar a terra firme, em muitos logares tem de atravessar-se primeiro immensos igapós.

No periodo do crescimento das suas aguas são alagadas as terras, que demoram na sua fóz; por isso é notavel, que as do Carapanatuba, a margem direita, onde conta-se uma infinidade de lagos, não sejam.

Communicam-se, entre si, todos estes lagos até muito proximo do logar Bacabal, havendo em alguns delles diversas *taperas* (logares que já foram habitados) e entre estas ainda um sitio com principio de lavoura, pertencente a Diogo de tal.

Pernoitei na margem opposta a do Carapanatuba, sendo as primeiras, que se seguem ás deste, a margem esquerda conhecidas pelo nome Caliboco. Ahi houve um sitio de um tal Liarte, a quem os indios Baffuanas, ha mais de 20 annos passados, apresentaram-se espontaneamente e de surpreza, manifestando-lhe desejos de firmar com a sociedade civilisada tratado de alliança.

Nesta mesma paragem ha dous roçados abertos de novo por Paulo Galvão e Paixão, destinados a lavoura.

Deixando o Carapanatuba as 5 horas da manhã de 2, fui pernoitar defronte da bocca inferior do paranamiri do Camuquale, a margem esquerda do rio, na feitoria de salga de peixe de Torquato Palmella.

Duas horas de viagem em canoa acima dessa feitoria está o Bacabal, onde Silvestre Nunes Bemfica possue um sitio com grande plantação de mandioca, larangeiras, pupunheiras, bananeiras, pucburiseiros, abacateiros, diversos cereaes, milho, curauá, algodão, etc.

Neste logar o rio forma uma grande curva, dando-lhe esta circumstancia a mais aprasivel e encantadora perspectiva.

Perto desse sitio corre um igarapé, que nascendo dentro da terra firme, e seguindo a mesma direcção do rio Uaracá, mais um outro, vae sahir acima da confluencia do rio Demeueni.

No primeiro desses igarapés ha diversos sitios, sendo seus donos Mauricio Pedro da Silva, André Serrão Coelho, viuva Francisca e outros cujos nomes não me deram.

Ha um outro sitio de André Serrão abaixo do de Silvestre Bemfica, tendo todos reunidos 20 moradores, dos quaes são 7 homens, 5 mulheres e 8 crianças e destas 5 do sexo feminino.

Se ahi houvesse quem, tomando a si a iniciativa, se propuzesse fundar uma colonia com indios, indo buscar ao rio Marari, oito dias de viagem acima, familias da nação Baffuanas, muito proveito tiraria, applicando-as ao cultivo do café, algodão, tabaco, canna, milho etc.

Acima do Demeueni, na mesma margem está o Marari, tendo de permeio os rios seguintes, conhecidos pelos naturaes por *paranás*:

A margem direita:	*A margem esquerda*:
....	Mauahu
....	Cuatiuahu
....	Igarapé Preto
Madichi	....
Cusuduri	....
....	Baruri
Limão	....

Capitulo III

Rio Demeueni ou Demeni. Da sua fóz á barreira Tabatinga.

Na confluencia do rio Demeueni ou Demeni com o Uaracá distingue-se perfeitamente a cor escura das aguas deste, da branca das daquelle; bem assim a das praias, cujas areias são avermelhadas no Demeueni, como as do Solimões, e brancas no Uaracá, como as do rio Negro.

Entrei no Demeueni as 2 horas da tarde de 3, contando-se da bocca do Camuqualo, no Uaracá á do Demeueni, duas ilhas, e neste da sua fóz ao lago do Rei, á margem esquerda, as taperas seguintes:

Acha-se a 1.ª, a esquerda, passando o lago Girau, ainda com uma casa, cujas paredes estão em bom estado, plantação abandonada de um pomar, no qual encontrei algumas arvores de abacate, laranja, angá, banana, pupunha, coco da Bahia, café e ananaz; as 2.ª e 3.ª, sem casas, mas com plantação de diversas arvores fructiferas, ficando a ultima dentro do lago do Rei com piassabeiras, plantadas, sem duvida nenhuma, pelo posseiro do logar.

No sitio Samaumeira, á direita, ha vestigios de ter sido habitado tendo ahi existido conforme informaram-me, uma tribu de indios, muito tempo, e n'um outro sitio plantação de café, como attestaram alguns cafeeiros, que ainda se encontram abandonados no meio da matta. Outro sitio, mas sem casa e sem dono, acha-se no lago Truai.

Até o referido lago do Rei, ha no meio do rio, somente tres ilhas.

Contando da barreira Oléria, assim chamada, em commemoração aos restos mortaes de uma mulher daquelle nome sepultados ahi, tem um furo e quatro lagos, á margem direita, e dois lagos e o paranamiri Camuqualo, a esquerda.

Este paranamiri, que está de frente daquella barreira, é franco ás pequenas canoas no periodo da vasante do rio, e ás grandes embarcações no da enchente.

Por elle a viagem é mais rapida para quem entre ou saia do Demeueni. Na ilha, proxima do Camuqualo, passei a noite.

Sahindo dahi as 6 horas da manhã de 4 fui anoitecer defronte da bocca do lago do Perico, onde pernoitei para continuar a minha viagem as 5 horas da manhã do dia seguinte e descançar a noite em Tabatinga.

Ahi, que é uma barreira, existem tres sitios, sendo um do individuo de nome Marcellino, outro de Manoel Antonio da Silva e Amorim, e o 3.º da viuva Florisbella. Tinha plantação, em todos, de laranjeiras, limoeiros, canna, bananeiras e mandioca.

O numero dos seus moradores era de 11 almas, sendo 3 homens, 5 mulheres e 3 crianças.

Nesse logar tomei algumas informações sobre o rio, sabendo, que na tapera da Sumaumeira existiu um individuo de nome Saturnino de Faria, perto desta uma tribu de indios; no Truai, estão acima do Girau, duas; e, na de dentro do lago do Rei, habitava Manoel Campos, pae de José Antonio Nogueira Campos, a quem os indios Chirianas, descendo a primeira vez das cachoeiras, se apresentaram de surpresa, esfaimados e corridos de outras hordas, que os perseguiam.

Para que não os tomasse Manoel Campos por inimigos, repetiam, batendo no peito com as mãos, o vocabulo—catú, do tupy, visto como o dialecto, que fallam, era tão desconhecido a Campos como o portuguez a elles.

Emquanto isto passava-se no Demeueni, entre Campos e Chirianas, acontecia, quasi ao mesmo tempo, outro caso identico no rio Uaracá, entre Lizarte e os indios Baffuanas, que fallam o mesmo dialecto dos Chirianas

Do lago do Rei a Tabatinga, á margem direita, tem 3 igarapés, 3 lagos, sendo destes o Perico o 1.°, e o Sussule o 2.°, e o *paranacuera* do Pagé o 3.°, significando aquelle nome, obstrucção de umlogar do alveo do rio pela a formação de uma nova communicação aberta no proprio rio pelas grandes correntes d'agua, phenomeno este muito commum no Amazonas e seus affluentes. Tem mais as barreiras do Gaspar e da Tabatinga; e, á margem esquerda, a barreira Ialauaca, 4 lagos, tendo o 2.° o mesmo nome da barreira, um furo, que separa a ilha do Pagé, banhada do outro lado por um paranamiri. Acha-se naquelle o referido lago, o acima, o paranamiri.

No lago Perico encontra-se uma tapera, outra na barreira do Gaspar, na qual jaz sepultada uma familia inteira, provindo desta o nome daquella, mais duas na barreira Ialauaca, abandonadas por Braz José Moreira.

Extraordinaria e difficil de vencer-se a remos é a correntesa do Pagé.

IV

De Tabatinga á 2.ª feitoria de Leopoldino Palmella.

De Tabatinga, sahi as 7 horas da manhã, de 6, indo descançar a noite na extrema superior da barreira do Cuanahi. Proximamente abaixo do meu ancoradouro está o igarapé desse nome, que desagua no rio do alto de uma cachoeira.

Eu e todos, que me acompanhavam, ouvimos as 9 horas da noite um forte estampido, á semelhança do ribombar de um canhão de grosso calibre, phenomeno, que muito me surprehendeu, mas que ahi mesmo me fizeram ver, que, a não ter sido occasionado por algum mineral, havia nesse phenomeno indicio vehemente da existencia da cupahibeira.

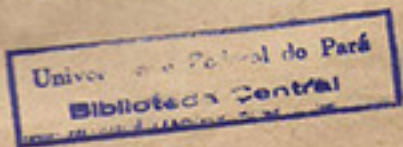
Dahi fiz-me de viagem no dia seguinte as 5 horas da manhã indo pernoitar na bocca do igarapé Boauaçúmiri. No dia 8 as 4 horas da madrugada deixei este logar para ir descançar até as 5 e meia horas da manhã de 9 n'um outro, pouco abaixo da barreira Boauaçú *grande*.

Dahi segui até a ilha, que fica áquem do lago Munguba.

Sahindo as 4 horas da madrugada de 10, aportei as 2 e meia horas da tarde na feitoria de Leopoldino Palmella. Nesta demorei-me até o outro dia. Está situada perto da barreira Tabatinga esta feitoria, que se acha sobre uma barranca á margem direita do rio, na bocca superior do paranamiri Cabaça, contando-se nessa região na mesma margem, as barreiras Araparituba, Cuanahi, Juhicuaramiri, Juhicuarauaçu, Boauaçúmiri e Tabocal, e na esquerda apenas a Boauaçú *grande*.

Na mesma margem em que está Tabatinga tem um igarapé, ao qual seguem-se as barreiras Araparituba e Cuanahi, o igarapé deste mesmo nome e mais tres, sendo destes um acima desta barreira e outros nas Juhicuaramiri e Juhicuarauaçú. Está junto desta o lago Juhicuara, e mais um outro acima, seguindo-se-lhe mais dous, dos quaes o primeiro se chama Capitaridá.

Abaixo da Boauaçúmiri tem dous igarapés, devendo dar-se ao segundo o nome de paranamiri por communicar-se pela parte superior com o rio. Fica esta segunda bocca abaixo da barreira Tabocal.

Conta-se ahi sobre esta communicação, que, os primitivos indios habitadores do Demeueni abriram á braço, afim de evitar a passagem pela barreira Boauaçú *grande*, o que lhes custava a existencia de um amigo ou de um parente, senão de um filho ou do proprio que lhe dera o ser, sacrificio

este que em holocausto offereciam a *cobra grande* para que não se zangasse com elles e tosse as suas *tauas* (habitações) deveral-os (2).

A victima deste doloroso e barbaro tributo paga por esses indios a boauaçú *grande*, era designada por sorteio a que, entre si, procediam, passando defronte da barreira. Custava-lhes cada viagem, que emprehendessem, o sacrificio de duas vidas, pelo que resolveram abrir o canal, que fica abaixo da Tabocal, até varar o lago, cuja bocca é a do igarapé acima da Boauaçúmiri para livremente, e sem risco nenhum, transitarem-n'o. Desta maneira a *cobra grande* nunca mais exigiu-lhes a victima a que se julgava com direito, por lhe passarem o buraco onde habitava.

Os indios Chirianas só a noite não passam actualmente perto do *boauaçúcuara* (*cuara, buraco e boauaçú* cobra grande), e se já não temem passar ahi de dia é porque crêem, que o pagé dos Pauchianas do Caraterimani, confluente do rio Branco, com os quaes entretem amigaveis relações, indo ao reino da cobra grande, uma vez, soprou-a, fazendo, por este meio, que ficasse *panema* o flagelador monstro, isto é, ficasse mollerona, infortunada, peste (na accepção figurada desse vocabulo tupi).

Proveio deste facto uma grande enchente do Amazonas, phenomeno que dera logar a que a *Honorata* (cobra grande encantada que se dizia existir perto de Cametá no rio Tocantins), viesse encontrar-se com a Boauaçú *grande* no Demeueni, para domestical-a, depois de vencel-a n'uma lucta terrivel, que tiveram.

Desta lenda o que mais extraordinario me pareceu, foi o conhecimento que os Chirianas tiveram dos rios Amazonas e Tocantins, habitando as florestas do tributario d'um confluente do rio Negro que tem a sua fóz a 89 leguas distante da juncção das aguas do Negro com as do Amazonas e a 360 da fóz do Tocantins!...

Atravessando a barreira Tabocal corre outro igarapé. A' margem direita e na fóz deste, o indio Chiriana Antonio Mafue, irmão do tuchaua Taluco, conhecido pelos indios da mesma nação por tuchauamiri, tentou fundar um aldeiamento independente da maloca e do poderio do seu irmão.

Teria sido este passo de Mafue, que lhe fora aconselhado dar, por José Antonio Nogueira Campos, coroado de exito melhor, se por intermedio dos Baffuanas não tivessem alguns regatões mandado semear, entre estes e os indios daquelle, a intriga, que o fez dissuadir do seu intento, sobretudo por causa do temor de que sobre elles as auctoridades locaes viessem exercer despotica pressão.

Estavam prestes a effectuar a mudança para o logar, que tinham de antemão preparado para edificar e plantar grandes roças, quando Mafue resolveu abandonar seu plano.

Acima tem tres lagos, sendo o terceiro o Macrihua, e antes de che-

---

(2) Esta tradição assemelha-se bastante ao conto mythologico do monstro, que Neptuno para vingar-se do rei Laomedonte instigava a ir assolar a Phrygia, constrangendo o rei a dar-lhe uma donzella para seu pasto em todas as occasiões que apparecesse, devendo submetterem-se para isto à sorte todas quantas no reino existissem e ser-lhe entregue aquella em quem a mesma sorte recahisse. Egesta, filha do Hippolito principe troiano, chegando a idade de ser sorteada para servir de presa ao monstro, foi pelo pai, para poder livral-a, furtivamente mettida a bordo de um navio solto no meio do mar à mercê dos ventos sem destino determinado. Nunca mais o pai encontrou-a, entretanto que ella havia aportado e desembarcado na Sicilia. Ahi Crimo debulhado em lagrimas por amôr que lhe devotara, sem que fosse correspondido, metamorphoseou-se em rio, depois disto ora transformado n'um touro ora n'um urso combateu o monstro, afim de desposal-a. Triumphante recebeu-a por esposa, vindo a ter deste consorcio dous filhos: Eolo e Aceste. Consultado o oraculo pelos troianos, depois de vencido, mas não morto o monstro, decidiu que só seria livre a Phrygia deste, sacrificando-lhe Laomedonte a sua filha Hesione, que se achando já exposta a servir-lhe de pasto, Hercules matou-o, offerecendo Hesione a Telamon por esposa. O monstro que assolava a Phrygia era marinho e a Jubiassú ou Boauaçú, que quer dizer *cobra grande*, é monstro fluvial.

gar ao paranamiri Caleça, que corre á esquerda formado por uma ilha, que na enchente representa duas, ha dous lagos tambem.

Passando esta ilha tem acima quatro lagos, dos quaes está no 1.° a feitoria de Paixão, sendo o Munguba o 4.°. Segue-se a este o igarapé Uaracúcuara, ficando adiante a ilha Umirituba. Defronte desta acha-se o lago Pacovaçororeca e na sua extrema superior, da parte da terra firme, outro lago.

Está dentro da ilha o lago do Carão, seguindo-se-lhe um igarapé.

Avista-se em frente dessa grande ilha a Cobaça, outra ilha que forma pela margem direita o paranamiri do mesmo nome.

Por essa margem, no lado da terra firme, ao entrar no paranamiri tem um igarapé, e depois destes cinco lagos. Dentro da ilha ha um igarapé, que forma a outra no meio do paranamiri e acima deste acha-se um lago.

Ao sahir do Paranamiri tem um igarapé e á margem esquerda deste acha-se situada a feitoria de Leopoldino Palmella.

Na margem esquerda do rio, defronte do Araparituba, está o *Iacépuraua* (rio da lua) dando passagem por meio de lagos para o Ialauaca pelo paranamiri, que passa n'um outro lago.

Segue-se depois deste rio o lago Araparituba, em cuja fóz ha uma ilha. Acima desta ha um furo e dous lagos, sendo o 1.° o Sant'Anna.

Passando a barreira Boauaçú *grande* ha quatro lagos, ficando entre os dous primeiros um igarapé, e entre o 2.° e o Guariba, que é o 3.°, uma ilha. Acima desta tem outra que forma o paranamiri Caleça, estando situada na bocca superior deste a feitoria de André.

Seguem-se ao Caleça os lagos Maçaranduba, Pacuri, Tamanduá e Tamanduámiri, acima deste um pequeno e estreito paranamiri formado por uma ilhota, e mais adiante do paranamiri um lago, e depois deste o paranamiri Umirituba, que corre entre as ilhas do mesmo nome. Tem ahi mais um lago e um igarapé que sahem nelle.

Do Umirituba entra-se no paranamiri Cobaça, cuja ilha forma-o á margem esquerda.

Por fora do paranamiri fica um lago, e acima deste o igarapé Tuiuiu, e depois deste os lagos Preto e Anajatuba. Na bocca deste lago está situada a feitoria de Braz e acima o lago Bentouaçú. Tem uma ilha na sua sahida.

V

Da Feitoria de Leopoldino Palmella á maloca do Tuchaua Taluco.

Ás 7 horas da manhã de 11 parti da feitoria de Leopoldino Palmella, acompanhando-me este e mais os indios Chirianas Canaiuale, Canaiana, sua mulher, Caissé, sua entiada, Baiua, seu cunhado, Aiuma, sua camarada e Josepha, filha deste.

Canaiuale é cunhado de Taluco, por ser este casado com sua irmã Abo.

Pernoitei na ponta da ilha Caapiranga, sahindo dahi a uma hora da madrugada de 12 para ancorar de novo ás 6 horas da tarde na praia das Cuieiras, á margem direita da foz do rio do mesmo nome.

A areia da praia, que se forma ahi, é bastante alva, e quando á noite, andando-se sobre ella, observa-se, que possue particulas phosphorescentes; pois parece incendiar-se debaixo dos pés que a calque.

O rio é importantissimo, tendo ahi uma serra, que merece ser estudada por uma commissão scientifica, á vista das amostras, que tive em minhas mãos de excellentes quartzo granito, pederneira e lioz, que informou-me o Snr. José Campos serem descobertas nas suas immediações, no rio e nella mesma, quan,

do por diversas vezes ahi entrou para ir comprar farinha na maloca dos Baffuanas, seus habitantes, sob o principado dos tuchauas Uarrabule e Malauaca, e na dos Chirianas do tuchaua Paderrue, que se communicam facilmente por terra uns com os outros, visto como os indios Paderrue habitam alem das cachoeiras do Demeueneni

A's 7 horas da noite cahiu sobre nós um forte temporal com aguaceiro, que durou até ás 12 horas do dia seguinte, retirando-me dahi a essas mesmas horas para ir ficar ás 4 da tarde n'outra praia, defronte da ilha Uruá.

A's 6 horas da manhã de 14 deixei este logar indo aportar na feitoria do snr. José Campos, na qual o meu companheiro Leopoldino Palmella, na qualidade de supplente de subdelegado em exercicio e por mim auxiliado, na de promotor publico, procedeu a mais minuciosa pesquisa, afim de averiguar e poder descobrir indicio de criminalidade no facto lamentavel do desapparecimento das duas crianças, sobrinhas do dono da feitoria.

Demorei-me neste logar até as 9 horas da manhã do dia 15, sahindo bem contristado por ter se verificado que as crianças tinham morrido afogadas, em occasião que todos os moradores da feitoria ainda dormiam, sendo os seus cadaveres devorados pelas *futas* (piranhas grandes e negras), motivo este pelo qual algumas pessoas da feitoria suppozeram que as tinham roubado alguns desertores do exercito ou d'armada, existentes ahi nas mattas, ou os indios Macus, que nellas abundavam, ou presas e devoradas, como *cubiara* de onças, ou de cobras grandes.

Atraquei as 10 horas da noite no porto do sitio de Bernardo de Oliveira, conhecido por Catalão, que o habita, tendo na sua companhia uma mulher e duas crianças.

Sahi dahi as 10 horas da manhã de 16 e as 10 da noite foi amarrar a canoa na ponta inferior da ilha Perico, á margem direita do paranamiri do mesmo nome. Proseguindo a viagem ás seis horas da manhã de 17 ancorei as 5 horas da tarde no porto da 1ª maloca dos Chirianas, sob o *maiorado* do tuchaua Taluco.

Entre a feitoria de Leopoldino e o porto desta acha-se, logo na mesma margem, a barreira Iurará-pucacuara, tendo na sua extremidade superior um igarapé d'agua preta, pelo qual se communica este rio com o Uaracá. E' de areia branca o fundo deste igarapé e são as suas margens formadas por pedras da côr d'agua.

Acima deste igarapé tem um outro defronte da ilha dos Innocentes, seguindo-se a este a barreira Caapirangamiri, um lago e a bocca do paraná, com o nome da barreira, que corre entre esta e uma ilha com o mesmo nome.

Passando o lago, que tambem se chama Caapirangamiri, tem um outro defronte de uma pequena ilha. Adiante estão tres outras ilhas, tambem pequenas. Seguindo uma ás outras, sahe por entre ellas e a margem direita do rio, o paranamiri Sapucaia e acima da ultima dessas ilhas tem dous lagos, dos quaes o 2º tem o nome de Amaro.

Dahi a 1ª bocaina, que se encontra, é do paranamiri da Cruz tendo no meio uma ilhota e antes da sua sahida um lago. Da ilha da Cruz, que forma o paranamiri, pouco acima daquella ilhota, sahe um lago, e passando este acha-se situada a feitoria de Leopoldino Palmella, naqual se occupavam na extracção da borracha, sob a administração do tuchaua Canabule, diversos indios Baffuanas.

Este chefe dos Baffuanas é genro de Cunaua, velho tuchaua, que abdicou o poder nas mãos do genro, não obstante ter um filho varão, na sua maloca das Cuiejras. Cunaua na sua mocidade, indo ao rio Caraterimani, affluente do Branco, em visita ás tribus dos Paushianas, fôra ahi baptisado pelo missionario franciscano Fr. José dos Santos Innocentes, com o nome de Manoel.

Continuando, por fora do paranamiri a viagem, tem dous lagos na ilha, sendo o 1° acima da bocca do paranamiri do Jacuruarumiri formado por outra ilha deixando de explorar, entretanto, a margem esquerda do rio, por achar-se obstruido por arvores cahidas no seu leito.

Está nesta ilha o lago Viramundo, defronte de uma grande praia com o mesmo nome, e quasi na extrema superior da ilha da Cruz.

Passando o paranamiri da Cruz sahe, pouco acima, o rio das Cuieiras, no qual habitam os indios Baffuanas. Depois está a ilha do Uruá, que forma o paranamiri deste mesmo nome com a ilha do Jacuruarumiri do outro lado. Segue-se a estas a ilha do Maruim, que forma com a margem direita do rio o paranamiri do mesmo nome.

Dentro desta pelo lado de fora do paranamiri tem dous lagos, ficando o 2° perto da bocca superior do Jacuruarúmiri.

Adiante está a ilha Caraná e o paraná deste mesmo nome, e passando este, a feitoria de José Campos. E' depois desta que a ilha do Jacuruarú forma com a do Maruim o paranamiri daquelle nome.

Navegando pelo Maruim a ilha, deste nome, tem tres lagos e na terra firme o do Urucuri, e na sahida do Jacuruarú pouco acima corre o igarapé Caiaana e adiante o furo do soldado, que dá passagem por duas boccas na extrema superior do paranamiri do Maruim. Tambem a ilha do Jacuruarú por fora do paranamiri tem um lago.

Acima da bocca superior do furo do Soldado acha-se o sitio do Bernardo Catalão, e passando este estão os lagos do Maruimcoca e das Pedras, o igarapé deste nome, mais um lago e um igarapé, e adiante deste estão as pedras do Caramujo, das quaes se avistam as das tres rochas das Onças situadas no meio do rio.

Entre o Caramujo e Onças está o logar que escolhi, e ahi mandei roçar para fundar a povoação Josephina com indios Chirianas ou Xirianas.

Passadas as rochas está o paranamiri das Onças, formado pela ilha deste mesmo nome, sahindo nelle um lago da parte da terra firme.

A essa ilha segue a do Perico, que pela margem esquerda do rio forma o paranamiri do seu nome, deixando-o de esplorar por estar obstruida a sua entrada por arvores cahidas. Acima encontram-se os lagos Tamuatácuara e do Cotovello, existindo nestes dous igarapés, e formando aquelle o *paranacuera*, nome este dado a vista da terra cahida, que o abriu, separando da terra firme a porção em que se achou a ilha Cotovello. Corre ahi o pequeno canal, que facilita extraordinariamente a navegação, que se fazia anteriormente muito demorada por causa da volta immensa do paraná extensissimo que se estendendo para a direita, terminava quasi n'um circulo.

Segue-se dahi uma tapera, depois desta um sitio, que tendo pertencido a Bernardo Catalão, este transferiu-o a Taluco, Tuchaua da nação dos indios Chirianas, que o conserva, tendo grande cultura de mandioca, tabaco, milho, canna, algodão, urucú, curauá etc, e os utensilios precisos, como sejam fornos de barros, tipitis de talas de jupaty, cascos abertos da casca do jutahi, e ralos preparados á semelhança dos dos indios do Uaupés para fabricar-se o bejú e a farinha.

São os dous logares separados por um igarapé, tendo defronte deste um lagedo no meio do rio.

Passando este acha-se o porto da maloca de Taluco, situada a pouco mais de meia legoa no seio da floresta, distante do rio.

Acima, a pouca distancia do ponto, está a cachoeira do Iauaretê cujo canal corre entre arrecifes de pedra granitica de cantaria.

Passando o paranamiri do Cobaça entra-se no do Caapiranga, que tem dous lagos. A este seguem-se seis lagos sendo o 1° destes o do Caraná, que na embocadura tem uma ilhota e o ultimo o do Caapiranga, sahindo

acima deste o Nobre, *paranacuera* denominado sacado nos rios Javari, Juruá e Purus, formado pela margem esquerda do rio e a ilha do seu nome. Corre entre a margem direita do rio e a ilha um canal aberto como os do Pagé e do Cotovello por desabamento de terras, formando ahi o curso do rio quasi um circulo.

Passando o Nobre está o lago Uaricurá, depois deste o igarapé das Onças, de agua preta, e o lago deste mesmo nome e com mais um outro igarapé defronte.

Existe muita pedra de amolar nesses dous igarapés e dous lagos.

Depois do lago das Onças passam-se as boccas do paranamirin do Perico, um lago e um igarapé, e acima deste está Tauacuera, logar abandonado, que Victorino Antonio Estrella escolhera ha 12 annos passados (1862) para o aldeiamento dos Chirianas, como director parcial destes indios, por nomeação da presidencia da provincia. Esta importante missão, de que o encarregara o governo estendia-se aos Baffuanas, pelo que recebeu diversos valores em ferramentas, fazendas e quinquilharias destinadas a esses indios.

Estrella teria conseguido arrancar das selvas a todos esses indios, e plantar no Tauacuera um florescente povoado, cujos habitantes se empregariam hoje com mais amór e céga dedicação aos trabalhos agrarios, se não fossem a carencia que tinha de habilitações para o desempenho de tão honroso encargo e a cega ambição que o desvairara.

Ahi a matta foi derrubada e aberto o campo para a extincta povoação pelos indios, á braço, com promessa de ficarem donos dos terçados, fouces, machados, enxadas, facas, fasendas, missangas e outros objectos, de que já se achavam de posse, da factura que o governo confiara a Estrella para repartir com os indios, que se quizesse christianisar e civilisar; entretanto no momento em que terminaram a tarefa da derrubada e da queimada da matta, do destocamento e da edificação da aldeia, o *cariua* (branco) expoliou-os de tudo quanto já lhes tinha dado.

Entendeu este agente civilisador dos indios de Uaracá e Demeneni que já havia feito muito dando aos seus catechumenos, por emprestimo, aquillo que o governo lhes mandara dar.

Este vergonhoso facto no seio da civilisação o codigo penal classifica crime de prevaricação, e pune como um estellionato; porquanto a expoliação feita aos indios pelo seu director aproveitava somente a este. Nas florestas os selvagens classificam-n'o um logro, esperteza, sagacidade de *cariua*; porque o indio desconhecendo o roubo e o abuso de confiança não os considera crimes e isto como segue, por natureza as doutrinas do communismo.

Aos Chirianas e Baffuanas o estellionato assignalou o seu baptismo no gremio da civilisação e do christianismo, praticado pelo seu civilisador.

Seguiram-se depois desta primeira espertesa, outras não menos indecentes, immoraes e criminosas, e desta sorte a custa dos brindes destinados aos indios, tambem foram pelo seu director sacrificados a dignidade, o pudor e a honra delles, sendo por tão improbidoso funccionario semiescravisadas algumas indias, seduzidas por vans promessas de pendurarem-lhes um par de argolas de ouro falso nas orelhas, cordão ao pescoço e pentes chapeados do mesmo metal á cabeça. Embora sem as classificar escravas, eram vendidas ou mesmo dadas de presentes como se fossem *chirimbabos*, (animaes domesticados, de estimação).

Por esta maneira flagellados os chirianas viram-se por menoscabo, um dia desprestigiados pela deposição de seu legitimo tuchaua, e a imposição, de outro, que não sendo da mesma nação achava-se como hospede no meio delles.

Era Pauchiana o novo tuchaua, que porisso brindou Estrella, dando-lhe seis Chirianas para tripulantes da sua canoa ate Barcellos, e dahi o

levaram a Povares, afim de deixar na sua tapera uns bois do seu filho padre Manoel Raymundo Alves.

Neste ponto foram surrados pelo director, inclusive o proprio Pauchiana, que os acompanhara, dando logar este crime a que todos o abandonassem, deixando-o só com duas indias menores abordo da canoa.

Aquelles infelizes corridos a chicote da civilisação, chegando ao aldeiamento conseguiram alliciar a todos os outros indios e de fugir em collectividade no intuito de abandonarem as suas habitações, incendiando-as, e volverem ao estado selvagem, onde sem patria, sem lei, sem Deus, gosariam de novo plena liberdade no meio da floresta, vivendo unidos n'uma só familia, amando as suas tradicções, e somente temendo o tuchaua e o pagé, ouvindo este lhes falar no Jurupari ou Hiurupari e Tupá ou Papá a fim de crerem n'este como o genio do Bem e n'aquelle como o do Mal.

Tauacuera, o povoado que já não é, passou a ser o nome da missão Estrella, como lembrança eterna para os Chirianas do civilisador de indios de nomeação do governo por indicação de chefes politicos locaes, que visavam, com melhores olhos, serviços eleitoraes do indicado, do que a sua incompetencia para o desempenho do cargo que teria de exercer. Estrella estava neste caso; pois carecia de habilitações, competencia, moralidade e probidade para desempenhar as funcções de director parcial de indios.

Até a cachoeira só não mencionei que aportei e desembarquei no sitio de Manuelão, que fica antes do 1° porto de Taluco, recebendo-o para meu pratico ciceroni no meio dos Chirianas.

Capitulo VI

Chirianas, salubridade, producções naturaes, mineraes vegetaes e animaes do rio Demeueni.

O clima de Demeueni é quente e humido e do Cotovello para cima agradabilissimo, sendo abundantes as chuvas nos mezes de Abril a Setembro, epocha esta em que se acha o rio na sua maior enchente.

No periodo da vasante nota-se que crescem as aguas nos dias pluviosos e nos seccos que diminuem de tal maneira, que ha logares onde se encontra apenas um corrego para dar-lhes passagem, formando o mais, immensas praias de areia.

De temperatura quente, mas variavel são os dias; humidas, deliciosas e frescas as manhãns; intensamente quente das 10 horas do dia as 4 da tarde, refrescando até ao pôr do sol; humida e quente ao entrar da noite até as 10 horas, fazendo dahi em diante fresco até as 3 horas da madrugada, sendo o resto da madrugada até o nascer do sol frio. Raro é o dia em que não chove.

Não só neste rio como tambem no Uaracá as molestias endemicas conhecidas são a febre palustre benigna, defluxo e diarrhea. Cura-se a febre ahi com o amago da semente machucada da laranja amarga misturada com genebra ás colherinhas de chá.

O immenso deserto do Demeueni nada differe dos mais do valle do Amazonas, quanto a opulencia prodigiosa da sua floresta virgem, em finas e ricas madeiras de construcção naval e predial, de marcenaria, de tinturarias e principalmente destinadas á outras diversas industrias; bordado, atravessado e banhado por muitos rios, lagos, igarapés e igapós; abundantes de peixes e de tartarugas e tracajás, tendo vastas campinas verdejantes, e aprasiveis outeiros, montes e serras, despidos uns e revestidos outros de espessa

matta; e, tanto nestes como naquellas outras, vagueiam variadissimas especies de animaes ferozes quadrupedes e de lindissimas aves, e escondidas no seu sobsolo minas de precississimos mineraes.

Tanta riqueza consta do seguinte.

MINERAES: chumbo, cristaes, esmeril, enxofre, ferro, granito, jaspe, malacaxeta ou mica, ouro, pederneira, pedra de amolar, pedra lioz, pedra quartz, prata, tabatinga, tanã, talco. As amostras que alcancei foram de granito, jaspe, pederneira, pedra de amolar, pedra lioz, pedra quartz, e areia da foz do rio das Cuieiras, que presumo conter mineral precioso.

VEGETAES: para construcção e marcenaria. Angelim, acaricuara, anani ou uanani, castanheiros, cumarú, cedro branco, cedro vermelho, cumatê, louro chumbo, louro rosa, louro amarello, louro do igapó ou inamuhim, maçaranduba, marupauba, macacauba, marapiuima, murapiranga, marimari, piquiarana, piquiá, pau mulato, piquiá, peritó, saboarana, tamacuaré, ucuhuba, macapurana ou acapurana, itauba ou itauba, jacarehuba, pau roxo, pau d'arco, umari.

ARVORES LEITEIRAS: anani ou uanani, assacú ou uassacú, cachimguba ou caximguba, maçaranduba, pepino, serva, seringa, sucuba, ucuhuba, curupita, inamuhim, tamacuaré, mururé.

PALMEIRAS: Assahi ou uassahi, assahi chumbo, bacaba, bacabahi, caranã, caranahi, caiaué, jauari, inajá, juçará, jupati, marajá, murumurú, miriti, piassaba, pachiuba ou paxiuba, patauá, pupunha, tucumã, tucum, urucuri.

MEDICINAES E OUTRAS PLANTAS: anani, assacu, abutua, araçá, abacate, ambauba branca, andiroba, anniga, barana, baunilha (sipó), baunilha (arvoreta), cachimguba, casca preciosa, casca doce, cupahiba, cumandauassú, caquidá, cuieira, cajú, cunambi, cacau, caferana, carajurú, café, guapuhi, goiaba, hervacidreira, ipadú ou coca, jatuauba, jutahi, lacre, murapuama, macucuassú, maçaranduba, marimari ou umarimari, manacá, mandioca, mandiocaba, murta, ortiga branca ou urtiga branca, paiurá, pepino, paricá, puchuri, tacuari, pau de breu, pedraumecaa, quina ou cascarilha, salva do rio Branco, sucuba, seringa, tamacuaré, timbó, ucuhuba, urucú, umiri, urupé, biribá, cravo, genipapo, gengibre, jaramacarú, camapu, mururé, mureru, cumacá, vasserinha, caapitihu, laranja amarga ou da terra, cabacinha, douradinha, carapanauba, jacaretana sipó, malva, limão, e salsaparrilha. São usadas no rio Negro por todos os seus moradores estas plantas quando a commettidas por molestias conhecidas por elles, e curam-se sem precisar de recorrer ás drogas imprestadas do estrangeiro.

PLANTAS com applicações diversas: acarahuba, araçarana, araticú, ambauba, auirana, algodeiro, anil, caramhé, caranã, cucura, cutitiribá, cunambi, caapiranga, envira, trecha, ingá ou angá, ituá, jacitara, mangarataia, munguba, murauba, mangue, mucuna, maracujá, maracujá de rato, mucucu, pacova sororoca, pacuri, paricarana, cupahibarana, sumauma, tauari, timbó, taboca, trombeteira, ubim, uichi ou uixi, uarumá, uambé, castanha sapucaia, etc.

Dos fructos da bacaba, tucumã, pupunha, assahi, patauá, fazem-se vinhos; da castanha, sapucaia, e cumarú extrahem-se azeites; das fibras da algodão, curauá, tucum, miriti fabricam-se cordas, fios, pannos e redes; das cascas do uarumá e da jacitara fazem-se tipitis, urupemas, tupés, esteiras aturás ou naturás, paneiros; do uambé prepara-se a tolda para canoas; da mandioca manufacturam-se a farinha, bejú, polvilho ou tapioca, tucupi, arubé.

cachiri, e beiju-assú: do muirapiranga e da marapinima faz-se o arco: das fructas do abacate, uassahi, bacaba, cajú, cupu-assú, muriti, caranã preparam-se tambem excellentes vinhos: do uassahi, inajá e murumuru come-se o palmito, e das palmas da bacaba, caranã, miriti, piassaba, e das folhas do ubim faz-se a cobertura de casas. As tintas preparam-se: do mucunã a roxa, de mongal e caapiranga a vermelha escura, do caroço do abacate, urucú e carajurú a encarnada; do acaricuara a verde escura: do anil a azul; do pacuan e mangaratáia a amarella; e do macucu, muria e cumaté a preta. Tambem o genipapo dá tinta preta de que os indios fazem uso para pintar-se. O cupu-assú e cacau dão excellentes vinhos, geléas e chocolates.

Os indios nas terras circumvisinhas de suas malocas cultivam algodão, ananáz, batatas, carás, curauá, canna, cajú, goiaba, cupu-assú, ipadú, milho, mandioca, tabaco, iuca ou macacheira, urucú, banana e fabricam farinha, bejú, tapioca e tucupi. Além destas industrias tecem panno sufficiente para os seus cuios, fios e redes, fazem os arcos e as frechas, extrahem azeites, colhem na matta seringa, breu, cupaiba, salsa e castanha.

ANIMAES QUADRUPEDES conhecidos no rio Demeueni são: anta, acutipurú, capivara, cutia, cuati, cuatá, guariba, macacos de diversas especies, onça, preguiça, porco, paca, caetetú, mucura, tamanduá bandeira, tamanduahi, tigres, veados de differentes especies etc.

AVES; anambé, araçari, arara de differentes côres, ariramba, aracuan, anucuroca, acauan, arapapá, acurana, bentevi, beija-flor, de diversas qualidades, cujubim, caracará, cararã, corcovado, corta-agua, caraxué, caracarai, carão corócoró, corujas de varias especies, gaviões idem, gaivotas idem, garças idem, inambú, jacamin, jacú, juruti, japiim, japú, japacanin, jurutai ou jurutahu, mutum de diversas especies, marrecas idem, maçaricos idem, mauari, pavão churim, picapau de diversas qualidade,s papagaios, periquito, piassócó, pomba, pato, rola, rexinol, sururina, sigana, socóboi, socóhi, saracura, tucano de differentes qualidades, tuiuiu, tamurupará, Uiracéuerá, urubútinga.

PEIXES: Acará de diversas especies, arraias ou raias idem, bagre, boto, candirú, jandiá, matrinchão, mandubé, mandihi, mapará, pirarara, pacú, pirandirá, pescada, piranha, de diversas qualidades, pirametaba, puraqué, pirarucú, pirahiba, piranambú, peixe-boi, pirabutão, surubim, sardinha, tucunaré, tarihira, uaracú, apapá peixe cavallo (marisco), sarará (idem), ariú (idem)

REPTIS: Boacéca, boauçú, cutiboia, camaleão, coral, giboia, jararaca, jaquiranaboia, teiuoema, tamacuaré, jacuruarú.

CRUSTACEOS: jacarerana, jacaretinga, jacareuassú, jabuti de differentes especies, matamatá, tatú de differentes especies, tartarugas idem, tracajá, pitiú e jurarapuca.

INSECTOS: aranhas de varias qualidades, abelhas, idem, borboletas idem, bezouros idem, centopeias idem, cupim, cauas ou cabas de varias especies, formigas idem, gafanhotos idem, jacina, maruim, mucuim, pium, mosquito. Além dos animaes e vegetaes aqui especificados há mais lindas e encantadoras orchideas, plantas odoriferas e sapos de varias especies. (3)

---

(3) Sem a precisa correcção publiquei esta Memoria da minha viagem ao Demeueni na "Revista do Amazonas", por ter esta suspendido a sua publicação, depois de uma existencia de seis mezes, em 1876.

Capitulo VII

Maloca do tuchaua Taluco.

A 17 de Dezembro as 5 horas da tarde, depois do desembarque que mandei se fizesse de um dos indios, que recebi em viagem, observei do rio, com surpresa, um bando de homens nus, vindo do meio da matta, aos saltos de rama em rama, de galho em galho de frondosas arvores, da maneira porque os macacos andam nas florestas, sahir a praia e de cima desta dirigir-se em voseria infernal a nós, indagando quem eramos e o que pretendiamos.

Entre estes selvagens e o meu interprete houve um breve dialogo, que findo volvem aquelles a trepar nas mesmas arvores e da mesma maneira porque sahiram, tornaram a entrar na matta.

Manoelão chamava-se por antonomasia, o interprete. E' caboclo, natural do Pará e desertor da armada nacional desde 1840, tendo sido recrutado em 1829 aos 21 annos de idade.

Da epocha da sua deserção até a presente vive Manoelão embrenhado neste rio, então deserto, tendo por companheira a sua mulher e actualmente mais cinco filhos e onze netos.

Apesar dos 66 annos de idade, que conta, ainda parece moço de meia idade, sem barba, com um ou outro cabello branco na cabeça, rosto sem nenhuma ruga, estatura mediana, robusto, cor bronzeada, falla por meias palavras e a olhar sempre para o lado opposto da pessoa com quem conversa, misturando os vocabulos da lingua portugueza com os da tupi (nengatú) e do dialecto particular dos Chirianas.

Pelos nomes proprios destes indios, que são dados no momento em que nascem, no primeiro objecto, que acodir a vista dos paes, poder-se-a formar uma ideia cabal do dialecto delles; sendo alguns, que ainda me lembro, Taluco, Camacama, Mafue, Canainalo, Canaiaua, Caissé, Baiua, Aiuma, Abo, Uarrabulo, Cunaua, Malauaca, Paderrue etc, e de paragens da região Uaracá-Demeneni, que venho de visitar, Caliboco, Camucualo ou camuqualo, Sussulo, Ilauaca, Calahana, Uaricorá etc. (4)

A noticia a meu respeito transmittida pelo interprete aos indios fora exageradissima, afim de que elles incutissem no espirito do tuchaua, que o esperava no porto um maioral, muruchaua, rei dos brancos, ou um ser sobrenatural, superior aos pagés, para levar o bem á sua maloca e a tranquillidade e a paz á toda a sua grei.

A resposta não se fez tardar, mandando o tuchaua convidar-me com toda a minha comitiva para irmos até a sua a maloca, avistada qual desembarcamos immediatamente. Na praia disse-me o interprete, porque o interrogara, por onde haviamos de entrar na matta varando-se um sipoal emaranhado e mesclado de jauariseiros e murumuruseiros, palmeiras com espinhos venenosos; disse-me que os indios no intuito de evitar que as pessoas extranhas ás suas malocas e collectividade, a excepção de Campos e Manoelião, descubram o logar habitado por elles, fazem o seu caminho pelo ar, saltando de galho em galho de uma para outra arvore, sem deixar ficar por esta maneira no chão vestigio da sua passagem na matta.

Vencemos, dentro do tempo de alguns minutos, as difficuldades, que o sipoal nos offerecia, embargando os nossos passos, até a entrada de um

---

(4) Perdi não sei como, nem quando, nem onde um manuscripto meu de um sem numero de vocabulos e phrases do dialecto Chiriana, que, auxiliado por Manoelão e José Campos, consegui apanhar, ouvindo fallar Taluco e Camacama.

caminho estreito e tortuoso cortado em alguns logares por igarapés que de uma para outra margem se atravessava galhos de arvores enlaçado uns nos outros e estendidos sobre os seus leitos ou por arvores cahidas.

Chegamos a passos accelerados no fim da jornada as 5 horas e 35 minutos da tarde n'um descampado, no meio do qual se erguia a malóca de Taluco, que é um grande barracão, tendo a forma octogonal, a cobertura, subretesouras, em circulo de palmas de caranaseiro, tres estradas, estreitas e muito baixas, uma para a parte do norte, outra do sul e a terceira do oriente.

No seu interior ha um esteio isolado no centro, guardando-o em circulo com o diametro de 60 palmos 30 de raio a 1ª carreira com 20 pilares, sendo o espaço do centro destinado as suas danças profanas e religiosas e dividindo os compartimentos estes e mais outras duas carreiras de pilares, exclusive os do caixão do barracão.

Esses pilares dividem os compartimentos sem tapagem alguma a não ser a da parede exterior tecida de palha, atracadas por moirões de madeira de lei. Estes compartimentos são occupados por familias, sendo o que fica junto da porta da entrada, da parte do rio, pertencente aos rapazes solteiros, sujeitos ao ajudante do tuchaua que habita o immediato a direita; o da outra porta que dá sahida para o lado da floresta é occupado pelo tuchaua com as suas tres mulheres e um filinho, ficando-lhe contiguo o dos rapazes tambem solteiros que lhes são sujeitos; e o junte a porta do lado do oriente pertence ao pagé e no immediato a direita moram as mulheres velhas solteiras que formam o seu sequito.

As redes dos occupantes de cada um desses compartimentos amarradas de esteio a esteio, ás duas e tres por cima uma das outras, substituem as paredes divisorias de um dos outros.

Conservam ahi em cada uma habitação uma fogueira rasa, sempre com fogo, que indistinctamente qualquer um dos seus moradores se incumbe de mantel-o em brazas ou em labaredas no meio de suffocante fumaceira.

Arrumados em ordem junto dos 4 pilares e pendurados acham-se os adornos, que usam, a zarabatana, arco, frechas, curabi, tacuara, cuidarú, urupema e ralo; n'um girausinho, semelhante a um muquem, as cuias, alguidares e panellas; e sobre o chão o forno, feixe de lenha peras com bacaba, patauá, cucura, outras fructas e o inprescindivel carimã.

As redes que ficam por baixo das outras, ao rez do chão, são occupadas pelos pais da familia, as mais altas pelos filhos e filhas mais velhos e as do centro pelos menores, e, se na companhia do cazal, se acharem irmãos e sobrinhos armam as suas redes por cima das mais altas.

O chirimbabo (papagaio, gallinha, veado, saracura, etc) occupa pequenos tijupaes fora do compartimento durante a noite e de dia passam soltos para o terreiro. O espeto com o peixe ou a carne de caça enfiado a moquear ao lado da fogueira é afincado no chão sob as vistas de uma *cunhã* ou de um *curumi* e na falta destes da mãe da familia.

Entre os adornos e os instrumentos de guerra do pagé estão o maracá, gaitas, tamborinho, os torés, tauari e tabaco para os seus ceremoniaes nas danças bacchanaes religiosas e profanas e nas curas medicas; do tuchaua está o colar com a insignia da sua alta dignidade, representando uma ave esculpida n'uma pedrinha dura, verde claro, semelhante a jade e conhecida com o nome de muraquitan; e do ajudante do tuchaua estão tambem torés, gaitas de osso de canella de veado, cracachá, trocano etc.

Vi guardados em alguns compartimentos uns terçados, facas americanas, fouces, enxadas que me disseram pertencer a José Campos.

Roupa só quem possuia era o tuchaua e este mesmo andava nú tra-

zendo como os outros um cueiu de tecido de algodão trançado entre pernas e preso a cintura por um cordão feito de pello de macaco, tanto este como aquelle pelas indias, que fiavam sobre a perna algodão e pello, e os teciam sem precisar de fuzo, nem roca, nem roda etc.

A Dona, que é a primeira das tres mulheres do tuchaua tambem anda nua como as outras mulheres da tribu, cobrindo apenas com uma tanga tecida de curauá com missangas brancas, azues, pretas e vermelhas feita por ella mesma, o orgão genital. Alguns homens usam prender com um cipó ou fio á cintura amarrado pelo prepucio, o membro viril.

Estas ligeiras descripções faço por me parecerem essenciaes á minha visita a maloca de Taluco, a fim de volver depois a da minha entrada no terreiro que a circumda.

Ahi chegando com toda a minha comitiva vimos um grande numero de indios estendidos em linha na frente de um vasto barracão, tendo nas mãos os arcos retesados e as frechas em riste, apontando para nós e na vanguarda delles, na mesma posição hostil, o velho Taluco, supremo chefe da nação Chiriana. Detivemo-nos a vista daquella ameaça sem imital-os, pelo que Taluco avançando para o nosso lado afrouxou a corda do arco e deixou cahir a frecha no chão, manobra esta que executou n'um abrir e fechar dos olhos, fazendo o mesmo os indios ao som de estridente voseria. Em seguida o tuchaua apanhou do chão a sua frecha dirigindo-se directamente a mim, offertou-m'a conjunctamente com o arco, cortezia esta que correspondi depositando nas suas mãos uma espingarda Laport para escomilha, com que ahi entrei armado. Os meus companheiros tinham além de armas, das quaes uma de carregar pela culatra, e duas Spencer de 7 tiros, um revolver de 6 tiros.

Recebendo elle a minha Laport, abraçou-me vindo depois os outros indios apertar-me a mão. Terminado este cortejo restitui o arco e frecha ao tuchaua, sendo a minha gentileza retribuida com a entrega da minha arma.

(continúa)

OS CONTEMPLADOS

(não contemplados com documentação)

(inedito)

Desnecessario será explicar a expressão —contemplados—já por demais conhecida nos Annaes da Bibliotheca e Archivo do Pará.

O volume III (1904) das publicações da nossa Bibliotheca Publica, ainda redigido pelo inesquecivel Arthur Vianna, então director desse departamento publico do Grão-Pará, trouxe o catalogo das sesmarias, registradas nos 20 volumes existentes no nosso Archivo do Estado, e, como appendice, uma nota sobre as doações feitas aos contemplados com as terras e fazendas que pertenceram aos religiosos expulsos e sequestrados com a lei pombalina de 1755.

Fazendo a relação desses contemplados, o nosso illustre patricio disse que não existia no nosso Archivo documentação sobre as concessões feitas a José Pedro da Costa Souto Maior, José Corrêa de Lacerda, João Falcato da Silva e Gervazio Domingues da Cruz.

Estudando as petições de cartas de data e sesmaria, existentes no Archivo do Estado do Grão-Pará, encontrei uma serie de pacotes, já divididos, mais não catalogados, contendo mais de 900 petições despachadas, cujo resumo em indice estou fazendo, entre as quaes se acham as dos, acima citados, com todas as indicações necessarias para o conhecimento das terras que lhes foram concedidas.

Dessas petições, a de Souto Maior está illegivel em algumas partes ou linhas da informação prestada pelo então inspector da Ilha de Joanes, Florentino da Silveira Frade, porem, ainda permitte a utilisação do documento.

A publicação desses documentos certamente que interessará os estudiosos das questões de terras de Marajó.

GERVAZIO DOMINGUES DA CRUZ

Petição—Diz Gervazio Domingues da Cruz que elle Supp. veyo do Reyno de Portugal para este Estado aonde se estabeleseo, e cazose, e tem hú filho; e sinco filhas, duas cazadas, huma com o Then.^e Diogo Luis Rabello de Vasconcellos, e outra com Jozé Caetano Sub chantre da Sé, e as mais solteiras; e porque o supp.^e tem servido de Escrivão dos orfãos, da Intendencia Geral, e em todas as deligencias de que tem sido encarregado no servisso de sua Mag.^e como foy na factura do Inventario da Livraria do Coll.^o e deligencia das devaças, e sumarias que se tirarão das Justeficaçoens do Cacáo, sempre deo inteira conta, e satizfação de Sy e se acha pobre e com grandes dependencias, e nescessidades de prover a sua caza, e familia, recorre a Grandeza e Piedade de V. Ex.^a para que se digne de lhe fazer a Graça, e mercê da datta de algumas terras que se achão vagas junto ao Curral de Manoel Machado, e mandar lhe distribuir gado competente dos bens sequestrados e confiscados aos P.^es do Comp.^a para se poder bem estabelecer, e sustentar a sua caza.

P. a V. Ex.^a seja servido fazer-lhe a graça e mercê da dita datta de terras e gados que elle cultivará e beneficiará, o dito curral na forma das ordens de Sua Mag.^e e rogará a D.^s pela pricioza vida e Saude de V. E.^a

E. R. M.

Despacho—Informe o Inspector g.^{al} da Ilha de Joannes Florentino da Sylv.^{ra} Frade declarando se ainda ha terras aonde se possa formar curral q.^e se de ao Sup.^e Pará 27 de Outubro de 1762.

(rubrica) M. B. M. C. (Manoel Bernardo de Mello e Castro).

Informação—Ill^{mo} e Ex^{mo} Snor.

Nas cabeceiras do Rio Maratacá, braço do Rio Paracauari, está a paragem da Situação do Curral de S. Miguel, comprehendida pela averiguação q.^e fez o Cap.^m Mór André Fernandez Gavinho, de dentro da legua de terra em quadra que vendeo Mathias de Moura Chaves aos P.^es da Camp.^a do Collegio da V.^a da Vigia, e como na dita averiguação comprehendeo a dita Sittuação de Sam Miguel, se pode conceder ao Sup.^e p.^a o effeito que requer, sem q.^e cause prejuizo a Faz.^a do Bom Jardim q.^e se deo ao Contemplado Manóel Machado achando-o V. Ex.^a por bem.

He o q.^e posso informar a V. Ex.^a q.^e resolverá o q.^e for

servido, Ilha Grande de Joannes 10 de Novembro de 1762—O Insp.r G.r da Ilha Grande de Joannes, Florentino da Silveira Frade. (1)

No verso da petição está exarada a annotação:

Passey Datta em 26 de Novembro de 1762.

Esta concessão é no actual Municipio de Soure, no braço Maratacá, affluente do rio Paracauary, junto á fazenda *Bom jardim*, doada ao contemplado Manoel Machado, talvez por um limite de fundos.

Está catalogada no meu CATALAGO DE PETIÇÕES DE CARTAS DE DATAS, sob o n. 59, e existe archivada no Pacote n. III das Petições de Sesmarias do Archivo do Pará sob o mesmo numero.

JOÃO FALCÃTO DA SILVA

Petição—Ill.mo e Ex.mo S.r. Diz João Falcato, que tendo lhe V.a Ex.a feito merce em nome de Sua Mag.e o prover em a propried.e de hum dos corraes da Ilha do Marajó em observancia das ordens do mesmo Senhor, que as mandou repartir pellas pessoas, em que se verificassem as circunstancias da Sua Real determinação; e como o supp.e ainda está sem a carta que deve constituir seu justo titulo, para o gozar na conformidade das mesmas Reaes ordenz.

P. a V. Exa lhe faça mercê mandar-lhe passar a sua Carta de Doação na conformid.e das ordenz de S. Mag.de, para seu justo titulo.

E. R. M.ce

Despacho—Informe O inspector G.al da Ilha de Joannes, declarando as confrontaçois p.a se lhe passar a Carta na conformidade das ordens de S. Mag.e Pará 8 de Fever.o de 1763. (rubrica) M. B. M. C. (Manoel Bernardo de Mello e Castro).

Informação—Ill.mo Ex.mo Snor. As confrontaçoins das terras em q.e está Situada a Fazenda de S. Bráz de João Falcato da Sylva, deve principiar a frente do Igarapé chamado de S. Jozé vindo pelo rio da Pororoca asima a mão direita thé aos marcos das terras do R. P.e Manoel do Coutto q.e DEUS

(1) Havendo o documento de informação apanhado agua, já com difficuldade se o lê.—PALMA MUNIZ

haja q.e serão duas leguas de terra e o fundo principiará do ditto Igarapé de S. Jozé vindo por elle asima a mão ezquerda thé encontrar oz marcos do d.o R. P.e: que será legoa e meya pouco mais ou menos. Hé o q.e posso informar a V. Ex.a q.e mandará o q.e for servido. Rio Arari 15 de Fev.ro de 1763. O Insp.r G.l da Ilha G.e de Joannes. Florentino da Silveira Frade.

No verso da petição está a nota—Passey Datta em 25 de Outubro de 1763.

Catalogado no meu CATALAGO citado sob n. 76. Acha-se no Pacote III de Petições de Sesmarias do Archivo Publico.

JOSÉ CORRÊA DE LACERDA

Petição—Ill.mo e Ex.mo Snor. Díz José Corréa de Lacerda Mosso fidalgo da Caza de Sua Mag.e que V. Ex.a Ill.a foi servido comtemplal-o nas ordens de Sua Mag.e mandando contribuir ao Supp.e com hum curral de gado vacum e cavalar na Ilha grande de Joanes das fazendas sequestradas aos relligiozos da Comp.a denominada de Jezus; e como das Terras em q.e se acha situada a dita Fazenda que são No rio Arary em o Igarapé chamado Tejujú principiando da Boca á mão esquerda não tendo titullo p.a as posuir como propias

Pello que

P. a V. Ex.a Il.a seja servido conseder lhe em nome de Sua Mag.e por data de sesmaria meya legua de Frente sobre o rio Arary correndo a mão direyta pelo rio Tujujú asima the as solares com todas as suas pontas, e abas, e logradouros

E. R. M.ce

1º despacho—Informe O Inspector G.al da Ilha de Joannes, Pará 26 de Março de 1762 (rubrica) M. B. M. C. (Manoel Bernardo de Mello e Castro).

Informação—Ill.mo Ex.mo S.or A extensão e confrontaçoins da terra do sup.e, o Then.e Jozé Correya de Lacerda, deve principiar a frente da boca do Igarapé Tejejú, correndo pelo rio Arari asima, a completar meya legua de terra ou o q.e se achar thé á boca do rio Anajás; fazendosse a repartição, do lado desta terra, q.e hé entre o dito Igarapé Tejujú, e o rio Anajáz, pelos trez contemplados, o Sargento mór João Baptista, o Alferez, Diogo Perez, e o Sup.e Then.e Jozé Corr.a de Lacerda; que havendo mais de meya legua a cada hú se deve repartir pelos trez contemplados, e o mesmo se fará se ouver menos; e os fundos devem ter de comprido, trez leguas de terra; e o rumo ao

centro, terá o que se julgar devem ser, respectivo a rumo que correr a frente das terras q.e se lhe concede pelo rio Arari asima; e comprehenderá a Fazenda de São Jozé de q.e he Administrador, no rumo que levar ao centro; e qd.o para chegar a este Lugar da Faz.da seja preciso sahir do rumo que se deve seguir ao centro, se fará thé comprehender a d.a Faz.a de S. Jozé; e desta paragem se siguirá o rumo verdadeiro q.e a frente der ao centro. Hé q.e posso informar a V. Ex.a q.e mandará o q.e for servido. Pará 3 de Abril de 1762. O Insp.or G.l da Ilha G.de de Joannes *Florentino da Silveira Frade*.

2º despacho—Passe Carta de Datta na forma das ordens de S. Mages.de Pará 20 de Novembro de 1762 (rubrica) M. B. M. C. (Manoel Bernardo de Mello e Castro.

No verso da petição está exarada a nota—Passey Datta em 25 de Outr.o de 1763.

O igarapé Tejujú é hoje conhecido com a denominação de S. José.

Catalogada no meu CATALOGO sob o n. 77 e existente no Archivo do Estado do Pará, no Pacote III, n. 77, das Petições de Sesmarias.

JOSÉ PEDRO DA COSTA SOUTO MAIOR

Os documentos relativos á concessão a este contemplado constam da petição do interessado e da informação de Florentino da Silveira Frade.

A petição está perfeitamente legivel, informação, porem, não permitte uma leitura completa. Feita esta ultima em papel separado, soffreu, como a petição, a influencia de um jacto de agua, de forma que, não obstante os esforços feitos por mim e pelos funccionarios da Bibliotheca Publica do Estado, não póde ser lida integralmente.

O essencial, entretanto, é que existem os documentos da concessão, que pedi por certidão á Bibliotheca Publica do Estado.

De accordo com essa certidão, por mim confrontada com o original, os documentos em questão são de theor seguinte:

Petição—Ill.mo e Ex.mo Snor.—Diz Jozé Pedro da Costa Sotto Mayor Then.te de Infantaria que v. Ex. Ill.a foi servido contemplallo nas reais ordens de S. Mag.e mandando destribuir ao Supp.te com hua fazenda de gado vacum, e cavallar sita em o Rio Anajás do Arari em a grande Ilha de Joanes cuja fazenda faz frente com os fundos do contemplado Carllos Gemaque, e correm os fundos encostados ao d.o Rio e como das ditas terras não tenha titullos p.a as poder possuir como proprias.

P. a v. Ex.ª Ill.ª seja servido conceder lhe em nome de Sua Mag.e por carta de data e sesmaria a terra que for servido para apastorar o dito gado com suas pontas abas e logradouros.

E. R. M.e

Despacho—Informe O Inspector G.l da Ilha de Joannes, declarando a extenção da terra, e confrontaçoes p.a se lhe passar a sua Carta de Datta na forma das Ordens de S. Mag.de Pará 2 de Abril de 1762. (rubriça) M. B. M. C. (Manoel Bernardo de Mello e Castro).

Informação—(2) Illustrissimo Excellentissimo Senhor. As confrontaçoens, e extenção da terra do supplicante o Thenente Jozé Pedro da Costa Sotto Mayor, deve esta fazer frente de meya legoa nos fundos do Contemplado o Thenente Carlos Gemaque principiando estas da beirada do Rio Anajás da boca de hum Igarapezinho junto da situação de São Luiz; fazendo fundos pela *(illegivel)* do Rio Anajás, indo por elle asima a mão direita; *(illegivel)*; o curso deste Rio a completar as tres legoas *(illegivel)*; seguirá dahi por diante o rumo que corre athé o Rio, com a declaração porem que se este rumo se averiguar *(illegivel)* do Rio Camotim *(illegivel)* ao poente os fundos ao Rio Anajás *(illegivel)* completarão as tres legoas, e só *(illegivel)* que *(illegivel)* thé *(illegivel)* dito Rio. He o que posso informar a V. Ex.a que *(illegivel)* o que for servido. Pará 3 de Abril de 1762. O Insp.tr G.al da Ilha G.d de Joannes. Florentino da Silveira Frade.

No verso da petição está exarada a nota—Passey Datta em 20 de Dezembro de 1762.

Na nota de Arthur Vianna é necessario completar o nome do contemplado, indicado no n. 22; chama-se elle Francisco da Costa Pereira Almeyda e Sylva, segundo a sua petição e informação de Florentino Frade.

A petição de José Pedro da Costa Souto Maior está no meu CATALAGO sob n. 60—A e acha-se no Pacote III das Petições de Sesmarias sob o mesmo numero.

---

(2) Nesta informação me cinjo á certidão dada pelo Archivo Publico, a qual conferi com o original e achei conforme.

Alem dos contemplados citados por Arthur Vianna no volume III dos Annaes da Bibliotheca e Archivo Publico do Pará, estudando as petições de sesmarias, encontrei mais as seguintes.

João Baptista Mardel e Xavier de Siqueira, este ultimo fóra da ilha de Marajó; cujas petições passo a transcrever.

JOÃO BAPTISTA MARDEL

Ill.mo e Ex.mo Snr.—Diz João Bap.ta Mardel Capp.m de grand.ros da guarnição desta praça q. mandando S. Mg.de destribuir a varias pessoas as Fazendas dos Regulares Jesuitas foi o sup.te hum dos attendidos dandoselhe húa fazenda no rio Mutuacá com seu cacoal, e outros adjuntos, e terras mais pertencentes a d.a faz.da, e por q. para a todo o tempo constar do seu titulo nesceçita de sua carta de dattas, p.a obter a real confirmaçao como se preciza.

P. a V. Ex.a lhe faça m.e mandando passar sua carta de Doação da ditta Faz.da, suas terras, e pertenças na forma do estillo.

E. R. M.ce

1º—despache Informe o D.or Prov.or da Faz.da Real. Pará 28 de Novembro de 1763. (Rubrica).

Informação—Ill.mo e Ex.mo S.r—Quando o Ill.mo e Ex.mo S.r Manoel Bernardo de Mello e Castro Gov.or e Cap.m G.al q. foi deste Estado, nomeou ao Supp.e por Adm.or da d.a Faz.a e o mandou meter de posse della, como tudo presenceei, tendo a honra de acompanhar ao d.o S.r Pela ordem de S. Mag.e de 11 de Junho de 1761. q. se refere a outra ordem do mesmo Senhor de 1.o de Junho de 1760. se manda, q. as fazendas meudas q. não tiverem capacidade de se eregirem em—Villas, ou lugares se adjudiquem aos particulares, que foram benemeritos. Como no supp.e concorrem os requisitos de ter servido a S. Magestade com honra, e boa reputação e a fazenda do Mutuacá he pequena por constar meram.te de terras, e cacoal, nem tem capacidade de se erigir em V.a ou lugar, me parece está o supp.e nos termos de se lhe mandar passar sua carta de data na forma do estillo, q. lhe sirva de titulo p.a requerer a confirm.am Real. V.a Exa. Ill.a mandará o q. for servido. Pará 26 de Set.o de 1763. O Prov.or da Faz.da Real. Feliciano Ramos Nobre Mourão.

2.o despacho— P. Carta de Datta no fr.o do Estillo. Pará 30 de Sett. de 1763. (rubrica).

No verso da petição está a nota: Passey Carta de Datta em 30 de Sett.o de 1763.

Catalogada no meu Catalago sob n. 75. Existe no Archivo o original, Pacote III. n. 75. Petições de Sesmarias.

XAVIER DE SIQUEIRA

Petição—Ill.^mo e Ex.^mo S.^r—Diz Xavier de Siqueira Alferes de Infantr.^a de hua das Comp.^as do Rej.^to da guarnição desta Praça, que V. Ex.^a foy servido comtemplallo em junta adjudicando-lhe a faz.^a chamada M.^e de DEUS citta no Rio Guamá q. foy confiscada, e sequestrada aos Regullares e chamada de JESUZ e porq. da d.^a fazenda, terras e mais pertence não tinha tt.^lo q. lhe podesse induzir posse e dominio.

P. a V. Ex.^a seja servido mandar lhe passar Carta de Datta, e Doação na fr.^a do estillo e ordem de S. Mag.^e

Informação—Ill.^mo e Ex.^mo S.^or—Em Junta que V.^a Excell.^a mandou convocar, foi o supp.^e contemplado por ter servido a S.^a Mag.^e com boa reputação, e procedimento dando boa satisfação da deligencia de que foi encarregado no arsenal, e inspecção das obras do d.^o arsenal, e construcção da Não: e se lhe adjudicou a d.^a Faz.^a pelo que he justo se lhe passe carta na forma do estillo, e com as clausulas na forma das ordens de S. Mag.^e, porem V.^a Excell.^a Ill.^a mandara o q. for servido. Para 9 de Sett.^o de 1763. Como Pro.^or da Faz.^a Feliciano Ramos Nobre Mourão.

2.º despacho—P. Carta na forma do estillo. Para 9 de Setembro de 1763. (Rubrica) M. B. M. B. (Manoel Bernado de Mello e Castro).

No verso da petição está a nota—Passev Carta de Datta em 9 de Sett.^o de 1763.

N. 72 do meu CATALAGO, e existente no Archivo do Estado do Pará, Pacote III, n. 72 das petições de Sesmaria.

A organização das petições de sesmarias, com autorisação do Director da Bibliotheca Publica do Estado e á pedido meu, está sendo por mim feita, achando-se em preparo o respectivo Indice geral.

Ja, foram Catalogadas mais de 500 petições sendo superior a 900 o numero das existentes no Archivo do Estado.

As copias que atraz ficaram foram por mim extrahidas no mez de Setembro de 1917.

Belem 1 de Outubro de 1917.

PALMA MUNIZ

José Bonifacio

e a Independencia do Brazil

Duvida historica—Ante a exposição de factos reaes e indesmentiveis poder-se-ha considerar ainda José Bonifacio o patriarcha da Independencia?

«Quando, porém, os estudos historicos mostraram para as mais vivas e actuaes instituições as mais remotas origens, a maneira de considerar esses problemas inteiramente se modificou; passaram a ser contemplados como élos duma longa cadeia de phenomenos, cujo decorrer se não verificava no espaço, como se verificava o dos phenomenos physicos, mas no tempo. Para bem se comprehender qualquer estadio dessa evolução, tornou-se necessario OBSERVAR OS ANTECEDENTES e destes regressivamente remontar.

Foi por esta forma, por solicitações de curiosidade scientifica, que nasceu o espirito historico, que resumidamente consiste na consideração das variações temporaes e das successões causaes, quando se abeiram os problemas que respeitam ao homem, em sociedade, e que, por definição mais comprehensiva significará a certeza sempre presente do imperio do passado, e duma maneira ainda mais geral o gosto pelos estudos do passado».

Fidelino de Figueiredo—«O Espirito Historico», ed. 1915, pag. 7-8.

«O primeiro homem que contou a outro as suas recordações fez historia, porque reconstituiu factos passados.

E desde logo existiu a historia, sendo sempre o que hoje é: a reproducção de factos passados. Quantas definições della se possam dar, com todas as suas variantes, cabem todas na formula do mesmo passo

brève e amplamente comprehensiva proposta por Michelet: a ressurreição integral da vida passada.
Fid. Figueiredo—obra cit., pag. 25.

É certo que não se emprehendem trabalhos historicos senão para rebuscar, não sómente factos, mas relações causaes entre factos: e essas relações não podem ser obtidas sem se recorrer a muito conhecimento psychologico, historico, sociologico, dum caracter geral e synthetico. A affirmação de qualquer relação causal implica o sentimento ou o conhecimento duma ou muitas leis naturaes.
Emfim é uma necessidade muito viva e muito legitima no historiador dar-se conta e informar o seu leitor da significação e do alcance dos resultados, que elle obteve.
Ibidem, obra cit., pag. 51.

Não ha historia, sem interpretação que organize, condensando e simplificando, os factos, quaesquer que sejam os fundamentos dessa organisação interpretadora.
Ibidem, obra cit., pag. 56.

O valor de uma asseveração historica é aferido pelo grão de realidade do facto nella contido e por ella elucidado.

Obedecido e acceito esse alto e acertado e justo e imparcial criterio, elle nos conduz a, antes de utilisarmo-nos das entidades e actos em evidencia numa acção, em um movimento qualquer, verificarmos attentamente a exactidão dos commentarios que sobre elles se fazem ou nos ficaram, a noticia da acção real de cada personagem, a verificação de seu papel saliente ou secundario, de sua legitima parte na acção commum e do alcance ou fim a que collimaram seus principaes factores.

Assim, a par do estudioso e com elle, deve estar o perquiridor que para bem «dar-se conta e informar o seu leitor da significação e dos resultados que elle obteve» deve, para tal fim, obedecer e seguir em seu trabalho o duplo processo de investigação analytica e reconstituição synthetica. Investigação analytica, no exame do feito e de suas causas reaes e para o qual se torna altamente necessario o «muito conhecimento psychologico, historico, sociologico» e—reconstituição synthetica, no tracejamento pictural do painel, em que elle nos revela o commettimento, e em que seja effectivada, em realidade, «a interpretação que organise condensando e simplificando os factos».

Dahi, e por esse processo, nasce e faz-se em lettra, em verbo, que é pensamento vivo e que assim ha de perdurar, o relato fiel, o que se pode denominar—a verdade historica.

Resumindo, o que se pode entender por verdade historica, que mais não seja que a explanação succinta dum facto, em a qual são expostos com precisão e clareza os antecedentes que germinaram e condicionaram o movimento, de que elle, facto, é expressão viva, e as consequencias logicas collimadas por seus auctores, resultando dahi o conhecimento perfeito e exacto das causas determinantes e geradoras daquelle movimento, ou melhor, a sua razão de ser e a feição propria e a envergadura intellectual e moral de seus personagens ou a acção, a parte que em elle cada qual teve, dados seu valor e engenho.

* * *

De não pouco tempo, quem escreve estas linhas se perguntava a si mesmo, ante a grandeza augusta do titulo conferido, qual teria sido a acção, que, por força, deveria ter sido importante, dessa figura historica que conhecemos por o « Patriarcha da Independencia ».

Julgava a esse homem, além de como m'o diziam e ensinaram e elle o foi, em realidade, um sabio, naturalista e tal se o deve considerar, um espirito superior enfim, que, justo é dizer, elle o foi, mas, julgava-o, além disso, homem de acção, agindo por suas idéas liberaes, animado do ideal que vinha de rebentar victorioso na grande e formosa patria dos Encyclopedistas e incentivando por actos e palavras, por gestos e acções, a eclosão desse santo e muito humano ideal da Liberdade, na terra de seu berço e entre seus irmãos e com elles e por elles. Certo, para haver merecido do historiador esse nobre titulo, que assim o sanctificava á posteridade, elle teria, por força, forte e activamente collaborado e actuado com exemplos de altivez e actos de heroismo em defeza da causa por todos abraçada e pela qual todos pelejaram e que, irmanando-os numa mesma fé, constituira o anhelo sagrado de todos. Que bellas paginas de animo libertario não nos teriam ficado gravadas com seus passos, não nos teria apontado o fulgor de seu verbo arrebatado!

* * *

Todos nós, desde criança, aprendemos nos compendios didacticos aquelle mesmo enunciado. Mais tarde, vamos vindo pela vida fóra, a vêl-o assim repetido, tal qual o vimos no livro e esclarecido pelo preceptor, quasi nos mesmos termos transmittido e repetido de bocca em bocca, por onde quer que vamos, não já dos mestres, nem tão só dos collegas, mas a noção espalhada, disseminada pela multidão, pelo povo, pela grande familia humana, enfim.

(Aqui entre parenthesis, eu creio, meus senhores, que ha uma atmosphera das idéas, que os espiritos duma epocha se cream, para seu fim de vida e gozo; ora, nós vivemos, quando ainda sobre a terra, immersos na atmosphera das idéas em que formamos e educamos nosso espirito e á luz das quaes se fez em nosso intimo a sensação nitida da vida, respiramos o ar dessas idéas e nossa propria vida physio-organica, dellas, se alimenta em grande parte e só assim se dá bem, na atmosphera dessas idéas). Os jornaes lançam, esclarecem, ampliam e espalham e repetem, todo anno, aquelle mesmo enunciado, na mesma data e quasi com as mesmas expressões. Qualificam-n'o quasi com os mesmos adjectivos, uns se elastecem em mais ou menos longos commentarios, tecidos e trabalhados á luz do mesmo criterio do compendio em que o jornalista, que é o escriptor do povo, quando menino e escolar aprendeu. Nos salões, nas academias, nas sociedades litterarias, em familia, as conversas seguem mesmo rumo e adoptam mesmo criterio. O auctor tal (principalmente si o auctor é professor ou tem um titulo ou qualquer diploma a sobredourar-lhe o nome, a opinião delle não se discute. Quasi sempre o que mais prevalece, o que mais pesa na acceitação dum conceito não é tanto a razão que o dictou e em que elle se firma, mas a auctoridade de quem o emitte), o auctor tal avançou isto, desta fórma, isto assim fica dicto pelos seculos e seculorum... Lá uma vez ou outra um estudioso mais ousado se aventura a emittir uma opinião menos dogmatica, porque original, a critica passa, a noção conforme os compendios segue seu rumo, a alimentar e illuminar o cerebro das gerações que despontam....

E' assim que o falso supposto se torna quasi insensivelmente verdade acceita, admittida e não discutida.

A realidade dos factos é assim deturpada e assim deturpada por fim se torna e tal fica e se transmitte, feita realidade historica. Lá um dia, porém, um pesquizador mais paciente, um desbravador de textos, um decifrador de documentos, obedecendo a um criterio mais seguro e sério, vem deslindar um ponto da questão mal ventilado ou desmanchar ou desanuviar uma noção menos verificada, alcança acclarar um facto ou acção mal percebida, porque desvirtuada e dubiamente apreciada e estudada. Pouco a pouco, uma acção revela uma attitude, um gesto ou palavra, o pensamento que antes não fôra bem comprehendido. E' assim que pouco a pouco o facto real transparece em semi-realidade e lentamente se esclarece, a questão é posta a nú e a gente chega, com a revelação de coisas á primeira vista absurdas de acceitar, de tão extraordinarias, ao verdadeiro alcance, ao conhecimento exacto do escopo e esforço dos antepassados, sumidos no mysterio do tumulo, muita vez a de lá, do mysterioso silencio que os envolve, esquecidos por aquelles que lhes deviam fazer justiça e elevar e cultuar a santa memoria, sorrirem-nos com o sorriso tetrico e sarcastico da morte, que é a maior ironia dos destinos humanos, ainda a esta hora e sempre-enigma indecifravel...

* * *

Assim, pois, qual não foi a decepção que me causou, a que perplexidade d'espirito não me reduziu a leitura do seguinte trecho de um discurso de Barbosa Lima, o qual veiu desmoronar por completo o idolo que preconcebidamente minha imaginação se fazia desse homem denominado na historia de meu paiz—o Patriarcha da Independencia.

E' bem de ver que é de uma auctoridade incontestavel, de Barbosa Lima, o Demosthenes Brazileiro, em seu discurso pronunciado em a sessão solemne especial do Instituto Historico Geographico Brazileiro, a 6 de Março deste anno, em commemoração da Revolução Pernambucana de 1817. Diz o orador cit. acima:

> «Certo é, que, em 20 de Março de 1817, — no mesmo mez em que se proclamava a Republica Brazileira em Pernambuco, recitava José Bonifacio em sessão solemnissima da Academia Real de Lisbôa o panegyrico de D. Maria I, sem embargo da politica despiedosa e retrograda que caracterisou o seu reinado, dolorosamente assignalado pela sentença da clementissima senhora, mandando esquartejar o immortal Tiradentes, pregoeiro e martyr do ideal politico, cinco annos depois desse elogio levado a effeito com mais feliz inconfidencia, pelo eloquente e fiel subdito de D. João VI. (Diario Official da União, num. 56, de 10 de Março deste anno, pags. 2621).

Bem de proposito não griphamos uma só palavra, para frisar ao leitor qualquer acção, justamente para deixar-lhe a limpo e não desfigurar aquelle texto, que é demais eloquente e claro em suas expressões. Reservamo-nos para aqui commental-o. O que delle resalta a vivo e patente é que á D. Maria I, cujo reinado — «dolorosamente assinallado pela sentença da clementissima (não discutimos este qualificativo, pois achamol-o demasiado generoso, em consideração ao orador, que nos merece mais acatamento que a memoria duma creatura, que por simples fim politico manda esquartejar

seu semelhante) da clementissima senhora, mandando esquartejar o immortal Tiradentes, foi caracterisado por uma politica despiedosa e retrograda, José Bonifacio não se furtára de fazer-lhe o panegyrico, sabe lá em que termos elogiosos, justamente a uma soberana que era contraria á liberdade de sua patria, liberdade mais tarde victoriosa e a que se veiu juntar seu nome como um de seus patrocinadores.

Ora aqui estão duas acções que fundamente se contrariam.

Como conciliar idéas tão extremamente oppostas em um mesmo individuo?!

Como acceitar acções tão contradictorias, idéas tão disparates em um homem daquelles?!

Ou aquelle homem julgava a corôa de Portugal, da qual era D. Maria I a legitima representante, digna de mantêr oppressa e presa ás suas violencias e despotismo a patria que lhe fôra berço, pelo menos é o que se pode concluir dum homem que emprega sua eloquencia em homenagem a uma soberana que manda esquartejar o defensor do ideal da liberdade de sua patria, qual foi Tiradentes, o santo martyr, ou peor, talvez, admittir a idéa inacceitavel de que em suas palavras José Bonifacio quizesse apenas fazer um simples elogio gratuito, desses elogios que a gente faz, mas NÃO SENTE, o que seria incabivel e inadmissivel em sua pessoa e dada a qualidade do acto em que esse elogio foi pronunciado.

Sob que poder de visão mental, especialissimo e original, poderia acaso o orador, em José Bonifacio, ao retratar aquella soberana, obumbrar e separar de sua figura, para nem de leve tocar, a parte, que em ella estava fundamente contida de mandante do alto crime humano do assassinato de um seu irmão de ideal, esse formoso apostolo da Democracia, si tal approximação si pode fazer de um e de outro, sem desrespeito ou irreverencia á memoria sagrada do santo pregoeiro e martyr.

Acceita, porém, a poderosa influencia do meio sobre o espirito, admittamos assim que José Bonifacio, homem d'espirito superior, natamente aristocrata espiritual, vivendo vida entre a gente culta da côrte portugueza e por outro lado ausente e distante da patria, porisso mesmo, completamente extranho, sem a minima idéa exacta do que em ella era a realidade mesma da vida e dominado pelo fulgor da côrte européa, em meio da qual a grandeza e o fausto das pompas abafava o grito de desalento dos fracos oppressos, fosse levado a assim se manifestar bem contra as idéas já quasi victoriosas em seu paiz natal, do qual somente recebia elle noticias naturalmente deturpadas de levantes e pronunciamentos e da maior ausencia de espirito e união nacional.

Não via com os proprios olhos, não sentia dentro em seu peito o mais vago rumor do pulsar do povo por se achar, delle, tão distante, é admissivel, por ser logico, que não pudesse estar com elle e com elle vibrar, vivendo e luctando pelas idéas porque elle se batia.

O tempo, porém, fez sua obra. Longe do que talvez fôra pensado e esperado pela Côrte portugueza, o espirito nacional a cada instante mais e mais forte se fazia sentir no Brazil.

Quanto mais pesada tentava ser a pressão do jugo extranho, tanto mais vivo vibrava o sentimento da Patria unida e livre.

Como que palpitava no intimo de cada cidadão da nova Patria mais formosa, que estava prestes a surgir e se desdobrar em realidade, a par do presagio dum proximo cataclysma social, o sentimento prenunciador dum grande acontecimento decisivo para a completa transformação de tudo que elles eram e com o qual formavam a nação.

O progresso, nos povos, é uma marcha evolutiva e ascensional. Esta marcha do natural, do bem innato, em germen, pouco a pouco presentido,

para o melhor idealisado, a realizar-se, e do melhor, alcançado, realizado, para o mais perfeito, estado constante peremne da Natureza em sua mais plena e eterna eclosão de forças, essa marcha natural e evolutiva dos povos é feita de continuas e successivas alternativas e intermittencias. Cada povo a faz a seu modo. Forças occultas vêm ás vezes detêl-a em certa phase e por determinado tempo. Porque não dizer melhor, vêm preparal-a para melhor desenvolvimento. Uma vez refreada, sopitada, ella se avoluma, se adensa e robustece em melhores forças, adquire novos elementos, se refaz e quando menos se espera, eis que de novo ella rebenta já em nova e mais ampla e larga fórma e onde menos se cuidava e com mais força, de fórma que no fim de contas torna-se impossivel qualquer resistencia, ella vence seja por que fórma fôr.

Para o movimento dessa marcha entram todos e quaesquer esforços. Do em meio do povo, cada individuo alli é um elemento, cada idéa uma força. A' medida que o dia das grandes e largas idéas se levanta e derrama em luz sobre a consciencia dos povos o movimento se forma e desloca em acção, os elementos se vêm agglomerando e reunindo ao grande bloco, que é o todo harmonico, para o qual todos convergem e se vão fazendo e operando vida dentro nelle e por elle, de tal forma que um ou mais que se afastem e se deixem ficar á margem, em atrazo, pouco importa, a grande corrente segue sua marcha e força alguma ha que possa detêl-a ou detornal-a. E foi o que se passou em nosso paiz. De descontentamento a descontentamento, de decepção a decepção, de affronta a affronta, a onda de reacção a cada dia mais e mais se avolumava e mais fundo separava naturaes do paiz, brazileiros, e o elemento extranho, o portuguez que em elle se viéra installar e queria á viva força implantar a seu modo e a seu interesse um senhorio absoluto.

Muito embora o soberano brazileiro, que tal já o era o Principe regente, com sabia prudencia procurasse até certo ponto manter em equilibrio as duas correntes oppostas, fatalmente, já era tarde demais, a represa, por fraca, teria de rebentar e esfragmentar-se e as duas correntes dividirem-se, apartarem-se em duas, que duas eram, sempre foram, são, e jamais uma só poderiam e poderão em dia algum ser. Relativamente a este golpe, bem é de ler e meditar as sabias reflexões feitas pelo eminente escriptor nacional Araujo Vianna, Marquez de Sapucahy, em 1833, e legadas á posteridade;

> « Sabido é já que ninguem pode arrogar-se a gloria, não digo só de ter feito, mas de ter apresentado a declaração da emancipação politica do Brazil; este acto operou-se tão acceleradamente e por tal unanimidade de votos de todos os brazileiros, que pode dizer-se com verdade que os factos encaminharam os homens e não os homens os factos. O grito da Independencia repercutiu em todos os angulos da terra de Santa Cruz com geral espontaneidade e pouca differença de tempo, sem que precedesse seducção, porque os animos estavam preparados e muito mais quando se viu que as Côrtes de Lisboa, por seus actos hostis, tendiam a recolonisar o Brazil.» (*Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro*—Tomo LVII, Parte I, pags. 169).

Bem assim, o historiador, no formoso creador do « Inferno Verde » :

> «O gesto que nos rasgou os horizontes, que nos quebrou os grilhões dos pulsos, deduzir-se-ha iden-

tico nas duas versões da scena, traduz o arrojo do temperamento excepcional que no reino pejado de amorphos e cacheticos, de covados e codelinquentes, comprehendeu e deslindou á força e de repente a crise das nacionalidades que não podiam viver mais juntas. (D. Pedro e a Marqueza de Santos— Alberto Rangel, pags. 13).

Diz bem assim e ao mesmo respeito, mas em outros termos, o grande Constitucionalista Aurelino Leal:

«O Brazil teve, ao tempo da propaganda das idéas liberaes, que triumpharam no Continente europeu e no extremo norte-americano, quem representasse o papel de um semeador prudente. Os pregadores do evangelho novo prepararam a seara de oiro das franquezas democraticas, e o solo latino.—direi sem imagem— o cerebro brazileiro recebeu amorosamente a impressão, e tornou-a um estado consciente de cada um de seus habitantes e das suas proprias multidões.
(*Historia Constitucional do Brazil*—Aurelino Leal Edição-Imprensa Nacional-1915, pags. 42).

O auctor das linhas acima já havia dito ás pags. 33 dessa mesma obra o seguinte:

«Ha uma especie de aspiração que assenta numa psychologia incandescente de impaciencias: é a aspiração á liberdade. O povo cuja alma viu um dia, mesmo de relance, a silhouette do phantasma tentador, apaixona-se por elle e persegue-o sem treguas avido de possuil-o, de engrandecel-o, de glorifical-o. O dilemma estava estabelecido: ou nos dão a liberdade dentro da união ou a reivindicaremos nós mesmos fóra da união.

E conclue ás pags. 41 da obra cit.:

«Não será exaggerada a imagem de que um duello se feriu entre o ideal da emancipação, suggerido pelo momento historico e propagado pelas grandes figuras do tempo, e o espectro da recolonisação.
Venceu a liberdade!

A esse mesmo respeito, forma juizo mais consentaneo com o espirito de nossa epoca o espirito illuminado e formidavel de illustração e saber que é Oliveira Lima, em seu discurso pronunciado na sessão solemne de 6 de Março ultimo, no Theatro Santa Izabel de Recife, em commemoração do Centenario da Revolução de 1817, quando avança:

« A mudança que quasi podemos capitular de evolutiva, da Capitania dependente para Estado independente, custou muito menos vida e sobretudo menos barbaridades do que teem custado em tempos recentes simples substituições de governadores e com uma

transformação total do regimem, de absoluto para democratico, sangrou menos o organismo provincial do que com uma derrubada de oligarchia com raizes á flor de terra».

(*Revista do Brazil, num. 15, Março ultimo, pags. 251*).

Assim como vimos, á medida que os dias corriam os factos se foram succedendo, cada vez mais importantes, os acontecimentos, se amontoando, cada vez mais empolgantes, emquanto o espirito de rebeldia, mais forte e latente, mais e mais se alastrava pelas multidões. O povo acabára, emfim, por fazer da independencia uma fé, pela qual batalhava incendido de colera contra o audaz invasor que o pretendia subjugar e dominar como a um escravo, mas trabalhou por si, com suas forças, animado de seu ideal de liberdade, agiu em pról de sua santa causa, sem que sobre elle actuasse, na minima parte siquer, a voz de José Bonifacio, que se achava ausente, porquanto só ao Brazil regressára em fins de 1819, como se vê em Varnhagem (*Historia da Independencia do Brazil, edição novissima* (*1917*) *Revista do Instuto Historico Geographico Brazileiro, tomo LXXIX, parte I, pags. 134*).

Logo, como dahi se conclue, logico é dizer, elle, José Bonifacio, foi completamente extranho áquelle movimento, elle não actuou na minima parcella para o desencadear dos factos precursores da Independencia. Emquanto o povo revoluteava e se agitava em continuo pelejar pela sua alforria politica, elle, aquem vieram chamar depois, não atinamos porque motivo, o «*Patriarcha*», lá, longe, estava e ficára (tal qual depois aqui o fizera, como adeante vamos ver) lá, longe, estava a render preitos aos que, orgulhosos e prepotentes, esmagavam os filhos de sua patria — saturado de sabedoria cosmologica, tendo no seu activo trez ou quatro especies novas mineraes, a saborear as excellencias da realeza absoluta, impassivel e indifferente ao heroismo dos Pernambucanos identificado com a politica do — «inclyto Bragança» — o Senhor D. João VI (Barbosa Lima, discurso cit.).

Reparae bem que já dous passos importantes na vida desse homem o caracterisam e assignallam e revellam manifesta e palpavel e flagrantemente contrario á Independencia do Brazil, aos echos de cujo movimento elle era e se conservou lá, distante da patria, completamente surdo, apesar de até lá, por onde elle andava, irem ter, esses mesmos echos. Primeiro, aquelle celebre e já citado panegyrico de D. Maria I, — mandante do assassinato e esquartejamento de Tiradentes, o primeiro martyr da independencia no Brazil — agora, essa sua — impassibilidade e indifferença, indifferença criminosa nelle, como Brazileiro, ao heroismo dos Pernambucanos, luctadores, que estes eram, pela causa da qual elle veiu depois a ser dado, não sabemos como, continuamos a dizer, como «*Patriarcha*», impassibilidade e indifferença, essas, naturalmente filhas mesmas dessa sua conhecida identificação com a politica do — «inclyto Bragança» — o Senhor D. João VI, o soberano portuguez, do qual elle tanto estimava saborear as excellencias da realeza absoluta.

Temos aqui, em toda sua integridade moral, o typo perfeito do cortesão, do palaciano, em José Bonifacio, bem ao contrario do homem que em elle devia haver, de espirito liberal e independente, que mais tarde tão bellamente se manifestou em Pedro I, para só assim poder então ficar, perante a Historia e dentro de suas paginas de oiro, como patrocinador da Liberdade dum povo.

Pois, si a consciencia nacional anciava por uma libertação do jugo ultramarino, como acceitar como padroeiro desse movimento libertador, desse gesto indomito e irrefreavel de insubordinação, que afinal veiu explodir em

promissora alverada de vida propria e autonoma, aquelle mesmo que a elle se manifestava, de longa data e pertinazmente, assim tão fundamente contrario, por palavras e actos?!

Acção alguma teve, portanto, José Bonifacio, na formação do espirito nacional no Brazil, emquanto delle ausente, temol-o, pelo que acima vem de ser dito, como bastante e racionalmente provado.

Tel-a-hia, quando já no Brazil? Vejamos.

Já não diremos por ser favoravel á indivisibilidade do Reino Unido de Portugal e Brazil, o que devia elle comprehender que em cousa alguma nos adiantava ou aproveitava, e pela qual se manifestára nas «tão citadas, tão elogiadas, tão decantadas» instrucções dadas aos deputados paulistas que iam ás Côrtes de Lisboa» (Mario Behring, em seu artigo «Noventa e cinco annos de Independencia, na Revista «Eu sei tudo», num. 4, Setembro ultimo, pags. 12).

Estas instrucções eram calcadas, segundo a auctoridade incontestavel de Varnhagem (Historia da Independencia, edição cit. pags. 122-123) e palavras de Mario Behring (Artigo cit.) nas idéas do projecto de Constituição do Reino Unido de Portugal e Brazil de Antonio d'Oliva de Souza Siqueira, publicado em folheto em 1821 em Coimbra.

Commencemos o caso. Ora, si nós pelejavamos por nos desvencilhar, de uma vez para sempre, da tutéla extranha, como acceitar uma união com quem nem ao menos o menor gesto de conciliação nos devia tentar approximar?! Acaso o Brazil a essa hora já não pensava e podia agir por si e preparar seu destino?!

Reparemos isto, meus ouvintes. Estamos em 1821, ás vesperas do grito de Independencia e ainda José Bonifacio, aquem vieram chamar «*Patriarcha*» dessa Independencia (continuamos a ignorar por que motivo) persistia em pugnar por allianças, contra o nosso gesto de completa emancipação e verdadeira autonomia.

Depois, o que se infere do seu não comparecimento ás sessões de 20 e 23 de Agosto de 1822 do Grande Oriente Maçonico (a grande e poderosa loja maçonica fundada e installada em 28 de Maio de 1822) grande e poderosa loja contra a qual elle, José Bonifacio, se voltára mais tarde («Cego pelos instinctos de vingança declarou desde então José Bonifacio aberta guerra á corporação de que fôra chefe e que havia concorrido para lhe augmentar o prestigio e o poder» Varnhagen, ob. cit. pags. 195-196) e que era o centro de acção (não se diz de propaganda, porque propaganda, propriamente, não a houve) em pról da Independencia e da qual, apesar de ser elle, José Bonifacio, o Grão-Mestre, (Não havia José Bonifacio tido maiores titulos que os politicos, para merecer esse cargo... Varnhagen, ibid.) era dirigente Joaquim Gonçalves Lêdo, (1) cujo partido era preponderante no Grande Oriente e a quem bem se pode, com justiça, chamar a alma do movimento nacional, senão que, já sciente José Bonifacio do movimento que ali, no Grande Oriente, se operava, em pról da Independencia, á testa do qual movimento tão alevantada e esforçadamente trabalharam os maçons, tendo á frente a dirigil-os e animal-os o já referido Joaquim Gonçalves Lêdo, o agitador que

---

(1) Joaquim Gonçalves Lêdo, que no dizer auctorisado de Basilio de Magalhães foi um dos guieiros da nossa emancipação politica, nasceu no Rio em 1780.

Por morte de seu pae interrompeu os estudos que fazia na Universidade de Coimbra, vindo exercer depois o cargo de Official-Maior da Contadoria do Arsenal do Exercito.

Tendo sido eleito Procurador Geral da Provincia do Rio de Janeiro tomou parte activa no movimento da Independencia. Foi um dos fundadores do Grande Oriente Maçonico, no qual predominava o partido liberal de que elle era Chefe e do jornal o «Reverbero» liberal, da Independencia. Dado seu valor, e papel na causa nacional, D. Pedro I incumbiu-o de redigir o Manifesto dirigido ao Povo, que teve a data de 1.º de Agosto de 1822. Bem assim foi Gonçalves Lêdo quem redigiu a petição dirigida ao Senado da Camara para a reunião da Constituinte e o Decreto de 3 de Junho desse anno convocando a primeira Assembléa Geral Brazilica Constituinte e Legislativa, decreto esse assignado por José Bonifacio.

recorda um girondino desgarrado em nossa patria (Euclydes da Cunha—A' margem da Historia, pag. 287), Januario da Cunha Barbosa (2) e José Clemente Pereira (3) bem contra o que elles ali decidiam, francamente aos seus desideratos se oppunha.

O que é facto é que não tendo elle comparecido por um ou outro motivo á sessão de 20, mas vindo a ser sabedor, como naturalmente o foi, do que ali se passava, pois era o chefe da casa, que se poderá concluir de elle ali não mais voltar á sessão de 23, tendo até desertado da loja, da qual Lédo tomou a direcção, até que foi eleito e empossado Grão-Mestre da mesma o proprio Imperador a 14 de Setembro de 1822, á sua volta de S. Paulo?

Certo é, pois, que conforme diz Varnhagem, em sua já por nós tão citada obra sobre a Independencia e o diz com ponderada razão e acertado tino:

> «Temos hoje a certeza que a idéa e resolução primeira da proclamação de D. Pedro como imperador e até a designação para ella do dia 12 de Outubro foi obra exclusiva da Maçonaria e que José Bonifacio não pensava em tal.
>
> Conformou-se entretanto com a vontade geral...
> (Obra cit. pags. 189 a 191.)

Vêde bem «que José Bonifacio não pensava em tal, mas, conformou-se... E' typico, em elle, o caso.

Ainda mais, em nota numero 18, á pag. 190 da cit. obra, refere o mesmo auctor que á circular expedida ás provincias por José Clemente Pereira e Joaquim Gonçalves Lédo, contendo a clausula do juramento que o Imperador devia prestar á Constituição que a Assembléa Constituinte fizesse —«D. Pedro não se oppunha, mas José Bonifacio levou muito a mal (levou muito a mal) essa exigencia da Maçonaria, ou antes, do partido de Joaquim Gonçalves Lédo e forçou a Camara Municipal do Rio a não formular essa exigencia no dia da acclamação. Dahi se originou o completo rompimento entre o primeiro ministro e Gonçalves Lédo e seus partidarios, perseguidos dias de depois da acclamação ».

E' interessante e digno de registro o facto seguinte. Vendo-se José Bonifacio vencido no Grande Oriente pelo partido ali dominante e chefiado por Gonçalves Lédo, fundou outra loja maçonica com o titulo de «Apostolado», a qual começou a funccionar a 2 de Junho de 1822 e a que pertencia o Imperador, com o titulo de—Archonte-rei, e em a qual José Bonifacio dominava.

Ora, justamente é de ver como esta associação em cousa alguma actuou no grande passo nacional, emquanto foi no templo do Grande Oriente, a loja onde imperava Lédo, que se elaboraram e effectivaram as principaes decisões, por quanto, conforme Lédo preceituou em sua formosa oração, sendo o

> Grande Oriente a primeira corporação que tomou a iniciativa da Independencia do Brazil, dando todas as providencias ao seu alcance por meio dos seus

---

(2) Januario da Cunha Barbosa, companheiro inseparavel de Lédo, como elle, fundador do «Revérbero», onde escrevia em collaboração com Lédo. Nasceu no Rio em 1781 e abraçou a carreira ecclesiastica. Foi nomeado prégador régio e professor de Philosophia do Seminario Diocesano.

Foi Grande Orador do Grande Oriente Maçonico e fundador do Instituto Historico Geographico Brazileiro (1838).

(3) José Clemente Pereira, embora portuguez, era sympathico ás novas aspirações, conforme João Ribeiro (Historia do Brazil, pags 335).

Fez parte do Grande Oriente Maçonico. Exerceu o cargo de Presidente do Senado da Camara.

membros para ser levada a effeito em todas as provincias, cumpria que tambem a tomasse na acclamação do seu monarcha, acclamando-o Rei e Defensor Perpetuo, firmando a realeza na sua augusta dynastia. (Nota 18, ás pags. 190, da Historia da Independencia).

E' porisso mesmo que Varnhagen affirma, com justeza de conceito, que «a proclamação de D. Pedro como imperador e até a designação para ella do dia 12 de Outubro, foi obra exclusiva da Maçonaria». Ora, José Bonifacio não mais comparecera ás sessões do Grande Oriente, logo ali não esteve, é porisso, portanto, que Varnhagen conclue—e que José Bonifacio não pensava em tal.

Ora, já havia contra elle o facto altamente frisante e caracteristico de haver sido contrario, como se manifestára, á idéa, que mais tarde foi urgido a subscrever, da creação de um Conselho de Procuradores das Provincias, providencia em que já foi vencido e decretada pelo Principe Regente (Decreto de 16 de Fevereiro de 1822, Crêa o Conselho de Procuradores Geraes das Provincias do Brazil, Col. das Leis do Imperio do Brazil de 1822, Parte II pag. 6) medida essa, a qual não foi logo levada a effeito, vindo a se effectuar somente a 2 de Junho desse anno, vespera da convocação da primeira Assembléa Geral Brazilica, Constituinte e Legislativa, a cuja demora de effectuação não se deve considerar extranho José Bonifacio, creação do Conselho e convocação da Assembléa, cuja idéa foi lembrada e patrocinada por Joaquim Gonçalves Lêdo, Januario da Cunha Barbosa e José Clemente Pereira, os trez corypheus do liberalismo, conforme acertada e criteriosamente os denominou Mario Behring, e contra os quaes José Bonifacio usou desta expressão, ao ser por elles aventada a idéa da convocação da referida Assembléa, conforme affirma contemporaneo testemunho: «Hei de dar um ponta-pé nesses revoltosos e de os atirar no inferno! Hei de enforcar esses constituintes na Praça da Constituição!...» (Nota num. 23 ás pags. 259-160 da Historia da Independencia).

Ironia da sorte, dias mais tarde esse mesmo homem subscrevia com o Principe Regente o Decreto que ficou como o primeiro documento de effectivação de nossa nacionalidade.—Decreto de 3 de Junho de 1822—Hei por bem e com o parecer de meu Conselho de Estado Mandar convocar uma Assembléa Geral Constituinte e Legislativa composta de Deputados das Provincias do Brazil novamente eleitos na forma das instrucções que em Conselho se acordarem e que serão publicadas com a maior brevidade. José Bonifacio de Andrade e Silva, do meo Conselho de Estado e do Conselho de S. M. F. El-Rei o Senhor D. João VI e meo Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino do Brazil e Extrangeiros, o tenha assim entendido e o faça executar com os despachos necessarios. Paço do Rio de Janeiro, 3 de Junho de 1822. Principe Regente, José Bonifacio de Andrade e Silva.

(Leis do Imperio do Brazil de 1822, Parte II, pags. 19-20).

Subscreveu, dissemos, porque o documento foi redigido por Joaquim Gonçalves Lêdo, tendo José Bonifacio e o ministerio apenas se conformado com o que em elle era expresso (Basilio de Magalhães, oração sobre os Jornalistas da Independencia, na sessão de 5 de Setembro ultimo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro—Diario Official da União n. 208 de 7 de Setembro ultimo, pags. 9298).

Vendo toda sua opposição vir sendo sempre levada como vencida ainda tentou um ultimo golpe. O caso é o seguinte: «Joaquim Gonçalves Lêdo e seus amigos Januario da Cunha Barbosa, José Clemente Pereira e outros queriam que o Imperador prestasse juramento prévio de fidelidade á Constituição que fosse feita pela Assembléa Constituinte. José Bonifacio oppoz-se

ormalmente, entendendo que a Constituição devia ser sanccionada pelo imperador. Na Constituinte, tanto José Bonifacio, como Martim Francisco, enquanto foram ministros, e depois que sairam do Ministerio mantiveram a sua opinião e *foram vencidos* (29 de Junho de 1823) Antonio Carlos não os acompanhou: sustentou desde de Junho de 1823 que a lei fundamental não dependia de sancção ». (Varnhagem, ob. cit. nota 44 ás folhas 200).

Já pouco restava do opinioso. Annos mais tarde o tempo fez sua obra. A alma gloriosa de Joaquim Gonçalves Lédo e de seus companheiros, tragicamente perseguidos por José Bonifacio, foi bellamente vingada pela celebre Marqueza de Santos, D. Domitilla de Castro Canto e Mello, que desempenhou papel de innegavel culminancia durante o primeiro reinado, no dizer da Commissão examinadora e coordenadora da obra de Varnhagem, a que temos vindo a referir-nos.

* * *

Si realmente, José Bonifacio era tão liberal, para ficar como o grande patrocinador da victoria das idéas libertarias do Brazil, como admittir que em esse homem se achavam: o orador do tão fallado panegyrico a D. Maria I, cujo nome ficou tinto e manchado do sangue do martyr da Liberdade, o patricio que fica IMPASSIVEL E INDIFFERENTE á sorte dos Pernambucanos, seus irmãos de 1817, batalhadores daquelle santo ideal, o partidario da alliança do Brazil a Portugal em um só Reino-unido, o adversario da reunião da Assembléa Nacional Brazileira, que era a expressão mais bella e evidente da nossa emancipação politica, como povo capaz de vida propria e consciente, e porfim o inspirador da implantação do regimem ferrenho duma Monarchia absoluta contra o voto da Nação, que veiu a prevalecer e vingou, duma Monarchia Constitucional?!

Viemos de novamente repetir estas cousas, já acima avançadas, para frisar bem ao leitor que José Bonifacio, bem ao contrario do que se pode pensar, de haver cooperado ou collaborado siquer no grande movimento libertador, a sua acção foi sempre e sempre pertinaz e opiniatica e manifestamente contraria e adversa áquelle movimento, ao qual não si sabe como ou si, só por ironia do acaso, elle veiu emprestar seu nome, nome aliás respeitavel e justamente reputado no mundo scientifico de sua epoca.

Meditando e reflectindo sobre o assumpto, parece-nos, porém, que o facto real é este.

Aquelle grande homem vinha de chegar de um meio completamente differente ao do nosso paiz. Apesar de brazileiro, de tanto ali se haver demorado entre extranha gente, em cujo seio amadurecêra e enriquecêra o espirito, justamente quando em seu terrão natal se desenrolavam os principaes acontecimentos significativos de reação, muito naturalmente se havia tornado um extranho á causa pela qual os de sua patria pelejavam e ignorava mesmo o meio real, sério e invencivel por que agiam em seu paiz os batalhadores, mais tarde victoriosos, daquella causa. Chegava tarde demais para se adaptar ou se identificar nos defensores della e assim compartilhar com elles na santa peleja, como bellamente realisou o Principe Regente. (Reparemos, porém, que elle trazia as mãos presas, José Bonifacio, em razão de seu valor scientifico, exercia varios cargos de importancia e de confiança do Governo Portuguez) (4). Quando, já de novo em sua patria, elle reabrio os olhos e rasgou á vista o espectaculo que se abria deante de si, ainda obsecado pela visão

---

(4) Depois de formar-se em Coimbra em leis e philosophia, applicou-se José Bonifacio especialmente á Mineralogia e Metallurgia, viajando com esse intuito toda a Europa, estipendiado pelo Governo (Portuguez), de 1790-1800.

do sonho em que vinha e que persistia mentalmente entrevista, ainda extranho á realidade em meio da qual elle era vivia, tentou ainda por vezes algumas continuar esse sonho, fazer desse sonho uma realidade, foi quando se lembrou de propor a alliança do Reino-Unido de Portugal e Brazil, ainda tentou relutar, indo contra a idéa da creação dos Procuradores das Provincias e porfim contra a reunião da Assembléa Constituinte, desertou da loja maçonica que era o centro de acção em pról da Independencia, até se insurgir contra o governo constitucional. Quiz ainda alçar o collo, era velho demais para o gesto. A onda tumultuosa e impetuosa que se levantára rugindo, altaneira, tremenda, sobrepujou-o, empolgou-o, venceu-o. Elle conformou-se. Dobrou-se á força tremenda dos factos e assim compactuou nelles. Deram-lhe, com alta nobreza de gesto, as honras devidas á figura do sabio que elle era, mas, é de convir, a obra chegou-lhe ás mãos já prompta e feita, e justo e verdadeiro é dizer, elle, nella e para ella, tal como foi feita, não trabalhou, aproveitou-lhe com ella o nome, que atravez della vem atravessando, carreira dos tempos, abençoado das gerações.

Homem intelligente, homem culto, homem illustrado, vinha de assistir o abalar e desmoronar de uma das mais solidas columnas do edificio que aqui tentara erguer, vendo em S. Paulo a 23 de Março desse mesmo anno (1822) a força confabular abertamente com o povo e proclamar um governo provisorio, sendo elle mesmo, José Bonifacio, levado a acceder (dizem os auctores — «convidado» — não acho justa a expressão — elle viu-se compellido pela força imperiosa das circumstancias e dobrou-se, era a fatalidade da sorte) e assim proclamou de uma das janellas da Camara os nomes das pessoas que haviam de constituir aquelle governo, vinha de ver o Principe voltar de sua viagem á terra de Tiradentes, viagem que na inspirada phrase de Varnhagem — «havia-o completamente naturalisado brazileiro» (Basilio de Magalhães discurso cit.) vinha de ver o movimento emancipacionista da maçonaria, da qual era expoente maximo o Grande Oriente, que a bem dizer foi o factor principal do grande feito nacional e á testa da qual haviam collocado o Principe Regente, a quem conferira, com justiça, o titulo de Protector e Defensor Perpetuo do Brazil; vinha, finalmente, de assistir o Principe crear o Conselho de Procuradores Geraes das Provincias, de convocar uma Assembléa Geral Constituinte e Legislativa, emfim, de acceitar aquelle honroso titulo, que aliás o divorciava para sempre da tutela da Corôa portugueza, com exclusão, porém, do qualificativo «Protector», porquanto, conforme elle mesmo, Principe, pensava e allegara «o Brazil por si proprio se protegia».

Ante todas estas cousas altamente significativas, acaso poderia ter aquelle homem forças para tentar siquér oppor-se á idéa já palpavelmente victoriosa e que naturalmente se lhe afigurava avalanche insuperavel?!

Voltando a Portugal, foi logo nomeado intendente geral das minas, com a graduação de desembargador do Porto, e, sendo-lhe conferido o grau de doutor, teve a incumbencia de reger uma cadeira de Metallurgia e Docimastica na Universidade de Coimbra. Ao mesmo tempo, foi encarregado de sementeiras e plantações de bosques e das obras de encanamento do rio Mondego e da cidade de Coimbra. Publicando varios trabalhos sobre das minas de Portugal e plantações de novos bosques, foi feito secretario da Academia das Sciencias de Lisbôa, onde travou intimas relações com Villela Barbosa, se depois vice-secretario da mesma Academia (Historia da Independencia, Varnhagen-pags. [illegible] edição cit.).

Os informes, sobre os quaes escrevemos esta memoria, foram colhidos não só nas outras obras através della citadas bem como na tambem referida e celebre Historia da Independencia do Brazil, por Francisco Adolpho Varnhagen, edição revisada (1917) da Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro (Tomo LXXIX), sendo sobre José Bonifacio, entre outras, ás pags.: 134, 139, 146, 147, 167 nota 36, 190 e nota 13 dessa pag., 194, 195, 196, 200 e nota 44 dessa pag., 213, 215, 219, 217, e «D. Pedro e a Marqueza de Santos» por Alberto Rangel.

Sobre Joaquim Gonçalves Lêdo vide mesma obra acima cit., as pags.: 133, 141, 142 nota 79 da pag. 142, nota 90 da pags. 185, nota [illegible] da pag. 206, 217, 222 a 224 e 226 e nota 99 dessa pag.

Não. Curvou-se. Ella passou. Elle foi com ella e nella. Foi, no dizer commum, no arrastão.

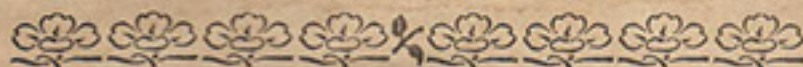
Homem de grande valor, foi, no emtanto, um politico terrivel e temivel, pessoal, desencadeando toda a sorte de perseguições e tropelias justamente contra os fundadores da Independencia, Joaquim Gonçalves Lédo, Januario da Cunha Barbosa e José Clemente Pereira, contra os quaes vibrára os mais terriveis golpes, á custa de seu prestigio, tão só por serem espiritos liberaes, acirrando contra elles odios tacanhos, despeitado de ter lobrigado e reconhecido o grão de estima em que D. Pedro I tinha aquelles que com elle, Principe, collaboraram na santa causa nacional, contra os quaes vio-se obrigado a se voltar o Principe, machiavelicamente dominado, jungido pelas insinuações pertinazes e embusteiras de José Bonifacio e de seus partidarios.

No emtanto, vejamos, senhores, e seja dito com justiça, homem de talento aprimorado em solida cultura, espirito brilhante, certo teria prestado um grande serviço ao Paiz, si não lhe viésse desvirtuar o grande cabedal de saber, a formosa intelligencia, a ambição de poder e honrarias, o que em elle existia de immoderado, autoritario, cioso de fastigio e predominio, amante fervoroso da realeza absoluta e despotico, vingativo e jactancioso.

Salvaram, porém, as apparencias. Elle era vulto em destaque, no mundo politico e scientifico.

Enfeitaram-n'o da auréola alheia...

Raymundo José Martins Béssa

(Do Instituto Historico e Geographico do Pará)

Diario abreviado da viagem que fez o Tenente-coronel Valerio Corrêa Botelho de Andrade, da cidade do Pará para a Capitania de S. José do Rio Negro, por ordem do Illm. Exm. Snr. Manoel Bernardo de Mello e Castro Governador e Capitão General do Estado.

Manuscripto existente no 2. volume da correspondencia de diversos com o governo nos annos de 1759 a 1762 pertencente ao Archivo Publico do Estado do Pará.

Copiado em 1915 por PALMA MUNIZ

Diario abreviado da viagem que fez o Tenente Coronel Valério Corrêa Botelho de Andrade, da Cidade do Pará para a Capitania de S. José do Rio Negro, por ordem do Illm. Exmo. Sr. Manoel Bernardo de Mello de Castro Governador e Capitão General do Estado.

No dia quinta-feira 29 de Outubro de 1761, parti da Cidade do Pará por Ordem de S. Exc. para a Capitania de S. José do Rionegro em conserva de 9 canoas; e no engenho do Limoeiro, Seincorporou mais a da Villa de Serpa com a qual fás o numero de 10 e São as seguintes. Do Rio Tapajós, a de Villa Boim, Cabo Francisco de Brito. Do Rio das Amazonas: A Canôa da Villa de Serpa e por Cabo della Pedro Miguel. Do Rio da Madeira, a Ganoa da Villa de Borba, e por Cabo, Manoel Gomes. Do Rio dos Solimoins, a Canôa da Villa de Ega e por Cabo José Fernandes; e da Villa de Olivença, Francisco Gomes por Cabo d'aquella Canoa. Do Rio negro, a Canoa do lugar de Ayrão, Cabo João Ribeiro. Da Villa de Moura, e por Cabo Manoel André, dolugar de Poyares, Cabo Ponsiano José, da Villa Barcellos, Cabo Dionizio Coelho; e da Villa de Thomar, Cabo Paulino da Silva. Na primeira Maré em que Sahi do porto da cidade do Pará no dia asima dito, no Comboyo d'aquellas Canoas, cheguemos thé o Engenho de João Ferreira; e na noute do mesmo dia, thé o Engenho

de Guajaratuba, donde encontrei ao Tenente Ignacio de Castro, porquem escrevi ao Sr. General. Na sexta-feira 30 do dito mez fizemos viagem, the a espera. No sabbado 31 do referido mez fizemos viagem the o Engenho do Limoeyro, e na travesia da dita bahia nos dezencontramos com as Canôas que vinhão do Rionegro, e passamos as duas bahias por fora sem hirmos pelo Furo, comhúa Singullar maré porem escapamos de boa, porque pouco depois de estarmos no porto, veyo huá grandissima travoada, cahy tivemos ademora de esperarmos pelas Canoas de Olivença e Thomar, que chegaram no domingo atarde, escrevy a S. Exª porhua Canôa de Melgasso. Na Segunda-feira, 2 de Novembro áfizemos thé a boca dabahia Pedro de Furtádo. Na terça-feira, 3 fizemos viagem, thé aboca do Mutuacá. Na quarta-feira 4 fizemos viagem, thé o Citio dos Breves, e nesse dia encontrei o meu Sargento Virissimo, e por elle escrevy ao Sr. General. Na quinta-feira 5 fizemos viagem, thé aboca desima do Prauaú. Na Sexta-feira 6, fizemos viagem pelo Rio Tajapurú, que continuemos na passagem dello, thé o dia de Sabbado 7 do dito mez de Novembro. No Domingo 8, fizemos viagem thé a boca do Pecury. Na segunda-feira 9 fizemos viagem thé o Gurupá e continuamos na mesma thé a Ilha que fica asimo da Fortaleza ahonde ficaram Sinco Indios doentes de bixigas, e bem recomendados ao Cúmandante o seu tratamento, áoqual deichei huá carta para o Snr. General. Na Terça-feira 10, fizemos grande viagem, emque viemos thé porto de Mós e neste dia morreo hum indio da Canôa do lugar de Ayrão e se enterrou em Valarinho do Monte. Na Quarta-feira 11 fizemos viagem do dito Porto Mós onde ficaram dous Indios doentes hum da Canôa de Thomár, e outro da de Ayrão e deram tres indios da dita Villa que estavão fugidos de Alemquer, algum dia e Surubiú, e viemos thé meyo caminho do Rio Aquiqui donde principia a haver muito divertimento de Carapaná. Neste mesmo dia faleceu hum indio da Canoa de Egá, o qual Sebaptisou, na mesma Canoa, porque era pagão; e teve a filicidade das filicidades de hir para o Céo, como piamente devemos crer, e tanto este Indio, como o outro, que morreo da Canoa de Ayrám, quando se embarcaram, já vinhão quazi morrendo; pela qual experiencia, muito conviniente seria, Sendo o Snór. General servido, ordenar, que quando viessem Canoas da Cidade para fora, e Soubesse, levem ou não nellas Indios doentes, porque como estes homes não Sabem oque fazem, querem antes vir morrer pelo caminho, doque ficarem-se curando emterra, oque naverdade, hé grande incomodo, para osque alli vierem, etãobem para as mesmas Canoas, faltando lhes quem reme. Na quinta-feira 12 continuamos viagem pelo mesmo Rio e chegamos pela huá hora do meyo dia, ao fim dodito Aquiqui, entrando no Selebrado Rio das Amazonas, que com agradavel vista na fronteira pela outra banda pelas altas e dilatadas Serras do Parú e Sua Fortaleza sefazia aprazivel aquelle sitio. Na sexta-feira 13 principiamos a navegar aquelle

mar magnum de agoa doce, e favoravel nos fés Sua entrada, porque combonança fizemos viagem thé o fim do Paranám-Mirim, e boca do Guajará. No sabbado 14 fizemos viagem, thé aboca do Uruará, que fica defronte do Lugar do Outeiro. No domingo 15 fizemos viagem thé aboca do Cussary. Na segunda feira 16 fizemos viagem thé aentrada do Rio dos Tapajós. Na terça-feira, 17 fizemos viagem, e pelas des horas chegamos a Villa dos Tapajós, e ahi estivemos todo aquelle dia para fazer pagamento nos Soldados, e nos derão dous Indios, ficando ally hum doente da Canoa de Barcellos; e ao Cabo de Esquadra, que fazia as vezes de Director na ausencia do Thenente Ignacio de Castro, recommendei muito o dito Indio doente, e deichando ao mesmo Cabo de Esquadra huá carta para o Sr. General. No mesmo dia se apartou a Canoa da Villa Boim, que foi para a sua povoação, e morreu hum Indio da Canôa de Olivença. Na Quarta-feira 18 fizemos viagem thé o Garapé Uará-pixuna. Na Quinta-feira 19, fizemos viagem thé huá ánsiada da costa dos Pauxis. Na sexta-feira 20, fizemos viagem thé a Fortaleza dos Pauxis, pela nove horas do dia; e todo alli estivemos para Se ajustar a conta do pagamento dos Soldados, e teve sua dificuldade, pelas equivocasoins, com que veyo a lista da Vedoria, e alli ficaram dous Indios doentes, que foram os que nos deram em Portodemós; e ao Comandante da Fortalleza deichei ficar huá carta para o Sr. General. No Sabado 21, fizemos, viagem thé o Lago dos Iamundás e neste dia faleceu outro Indio da Canoa de Olivença. No Domingo 22, fizemos viagem thé Maracauassútapera. Na Segunda-feira 25, fizemos viagem thé defronte do Caldeirão dos Iamundás. Na terça-feira 27, fizemos viagem thé aboca de Sima do Paraná Mirim. Na quarta-feira 25, fizemos viagem thé Paraná-Miri do Curuatatiua. Na quinta-feira 26, fizemos viagem thé perto da Terra firme de Cararaucú. No Sexta-feira 27, fizemos viagem thé as Barreras de Cararaucú. No Sabado 28, fizemos viagem thé a ponta da Ilha do Uatumam. No Domingo 29, fizmos viagem thé as prayas do Saracá donde deichei ficar ao Director de Silvis que alli se achava, sinco Indios doentes, e me deo outros tantos sãos. Na Segunda-feira 30, fizemos viagem thé a boca de sima do Saracá. Na Terça-feira o 1º de dezembro, fizemos viagem thé a Villa de Serpa, e foi bôa por termos vento fresco. Na quella Villa estivemos thé quarta-feira ao jantar por causa de mandar conduzir nas Canoas 50 alqueires Farinha que muito custou á acomudalla, por causa das Canoas virem mui carregadas; e ficou na mesma Villa a sua Canoa, e Sinco Indios doentes de bixigas. No mesmo dia de quarta-feira 2 do dito mez, fizemos viagem thé as praias do Urubú, e neste dia se apartou de nós a Canôa de Borba, que continou sua viagem pelo Rio da Madeira. Na quinta-feira 3, fizemos viagem thé as prayas do Matary. Na sexta-feira 4, fizemos viagem thé a ponta da Ilha que fica abaixo do furo que say aos Solimoins. No Sabado 5, fizemos viagem thé o meyo do furo, a Sima declarado, e neste

dia morreu hum Indio da Canôa de Barcellos. No Domingo 6, cheguemos thé o Cabo do dito furo, entrada do Rio dos Solimoins, donde se apartarão para seguirem sua viagem, as Canôas das villas de Ega, e de Olivença; e nós fizemos nossa viagem thé a insiada da Fortaleza do Rionegro. Na segunda-feira 7, estivemos na dita Fortaleza e continuemos viagem combom vento fresco e muita, chuva, thé perto da boca dos Navithenas. Na Terça-feira 8, fizemos viagem thé aboca do Lago das ditas Navithenas. Na quarta feira 9, fizemos viagem, thé fora das Navithenas, aonde chamão Variuá. Na quinta feira 10, fizemos viagem thé ao pé das Igreginhas. Na sexta-feira 11, chegamos ao lugar de Ayram pelas onze horas do dia aonde ficou a Canôa Respectiva a mesma Povoação; e nós continuamos a nossa viagem thé a Ilha do Urauassú. No Sababo 12, fizemos viagem thé a villa de Moura onde ficou a Canôa da dita Povoação. No Domingo, 13, fizemos thé viagem o Lago da mesma Villa de Moura, algum dia chamada Pedreira, e com razão muitas ha n'aquelle Sitio; e a viagem deste dia foi muito piquena, porque partimos depois das duas horas, por causa de se embarcarem algumas cousas na Canôa de Barcellos, pertencentes a pessoas daquella Villa, as quais vinham na dita Canoa de Moura. Na Segunda-feira 14, estivemos no lugar de Carvoeyro, algum dia chamado Aracary, onde chegamos pelas onze horas, e fizemos viagem thé entre as Ilhas do mesmo lugar de Carvoeyro. Na terça-feira 15, fizemos viagem thé o Paraná-Mirim, junto a Terra firmedo Lugar de Poyares. Na quarta-feira 16, fizemos viagem thé adiante do dito lugar de Poyares, chamado algum dia Cumarú. Na quinta-feira 17, pelas 7 horas da manham, chegamos a esta Villa de Barcellos.

*
* *

Offerecido ao Instituto Historico e Geographico do Pará, em 5 de Outubro de 1917.

Ressurreição Historica

Ao egregio historiador ROCHA POMBO

Meu silencio seria quasi um crime, minha attitude seria por todos sensuravel, eis o que posso invocar para justificativa de uma tarefa tão ardua como a que agora me impuz, de reinvindicar para a nossa historia o que parece lançado no seu eterno olvido e de quantos a amam. Não hei de retroceder deante das peúgadas dos que intendem levantar mavorte contra o meu pequeno esforço, que já sei quão minguado é, pois—«Desta gloria só fico contente, que a minha Patria amei e a minha gente!

Dedicando esta parcella do meu trabalho ao insigne patricio que, no interesse de ver de perto a arena em que se desenrolou até hoje o soberbo papyro da nossa historia, vem de mui longe colhendo, aqui e alli, subsidios reaes ao seu honroso trabalho, diadema que um dia cingirá o nosso progresso, não tive outro intuito sinão fornecer-lhe uma nota opportuna, que talvez sirva para lançar um raio de luz sobre as paginas que de tão bôa vontade, vem dedicando ao Pará, e a este extremo norte abandonado. E assim foi que já tive occasião de dirigir-me ao nosso respeitavel INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO para que se digne interessar-se juncto á sapientissima commissão encarregada de julgar as MEMORIAS HISTORICAS DA FUNDAÇÃO DE BELEM, a fim de que o illustre hospede possa acima de outro qualquer subsidio levar o da verdadeira data da fundação da nossa capital, questão por varias vezes debatida e até hoje, infelizmente, inda não cabalmente resolvida, feito que irrefutavelmente se realizou a 26 de Janeiro de 1616, pelo capitão Francisco Roso Caldeira Castello Branco, embora tenha aqui chegado a 25 ao entardecer.

Tratar-ei agora de um monumento historico!.... prehistorico!.... abandonado ao lodo vil do fluxo e refluxo do placido Tocantins. Occupar-me-ei de uma inscripção existente na ribanceira da cidade de Alcobaça, que indica que, cerca de 2570 annos antes que Daniel de la Touche sulcasse as aguas do Tocantins, já por lá estiveram vestigios de povos civilisados, que outros não foram sinão os subditos do grande Salomão terceiro rei dos judeus cerca do anno de 980 antes da era christã.

Parecia talvez enfadonho aventar esta asserção, si eu desauctorado como sou, fosse o primeiro a fazel-o e houvesse difficuldades em verificar a realidade; mas felizmente ella já anda por ahi lançada até ao esquecimento, faltando apenas o complemento que agora lhe venho trazer.

Segundo o historiador arabe J. P. Eddrissi (*De orbis magnitudine et antiquitate*—, Roma—1692—pag. 128), antes da tomada de Troya e da fundação de Carthago em Africa, já na America, n'esta região que corresponde hoje á Amazonia, existia o reino de Merope, o Parvaim. O trabalho de Eddrissi é insuspeito pois vem citado por todos quantos se occupam do assumpto, como Calmete, Tronchon, Somini, Fusey e outros não menos dignos de apreciação.

Eddrissi referindo-se ao roteiro da frota de Salomão emprega estes termos:—«.....e gravadas deixaram em rocha viva maximas e hieroglyphos ou caracteres coptos ou phenicios, para o seu curso como o que foi encontrado na ilha do Cuervo (Corvo) nos Açores em 1461, quando o rei d. Affonso V. de Portugal mandou nas mesmas estabelecer colonias».

Esta pedra a que se refere o historiador foi chamada *Gades* que quer dizer guia, não se sabe si por este ser o seu fim n'aquelle logar, ou si lhe foi dado este nome em virtude de alli estar para servir de orientação aos navegadores que buscavam a Atlantida através do mar de Sargaço. Este monumento inda hoje lá se encontra conservado com o maximo escrupulo e veneração, a duzentos passos a O. da cidade de Corvo capital da ilha; é gravado em um rochedo e representa um cavalleiro cuja mão esquerda aponta para o Occidente, isto é, em direcção justamente da Amazonia. Abaixo d'este tosco rabisco quasi extincto pelos rigores das estações lê-se uma inscripção relativa áquella que encontramos em terras paraenses, que já tive occasião de copiar e enviar á Universidade de que faço parte.

José de Napoles Telles de Menezes, natural da cidade de Alcobaça em Portugal era enthusiasta pela colonisação do Tocantins onde lia um futuro promissor pela facil communicação com diversas provincias do Paiz e pelas innumeras vantagens que traria ao Pará. Era o vigesimo terceiro governador e capitão general do Gram-Pará e Rio Négro, e em 1780, encarregou o major engenheiro do exercito João Vasco Manuel de Braum de fazer uma fundação para servir de base á navegação e ao commercio, o qual escolheu a ribanceira que dista cerca de seis dias em'areado, da cidade de Baião, denominando-a—Nossa Senhora de Nazareth de Alcobaça,—dotando-a com uma fortaleza, segundo consta da sua obra:—DAS MUY GRANDES RIQUEZAS QUE HAY NO RIO LOS TOCANTINS, *pelo major engenheiro militar João Vasco Manuel de Braum explorador por ordem do senõr governador capitão general José de Napoles Telles de Menezes pra honra de S. Magestade, Imprezsa em Lx., em 1795, nas officinas de Simão Thaddeu Ferreira*—.

Aqui faço menção de Braum, não porque tenha sido elle o primeiro que recorde a tal pedra, pois Diogo de Gaya (1720) e João do Couto (1781), em suas relações, a ella se referem, embora de passagem e não foi sinão devido a essas referencias que Braum, com a sua

competencia, resolveu ahi lançar os fundamentos da povoação, em local tão improprio, mas pela religiosa attenção que então se dava, a uma pedra historica. A elle me transporto para dar uma idéa do que elle pensava já n'essa epoca a cerca dos estudos de Eddrissi, e outros, como se segue:—«.....*e na barreyra por mão direita agua arriba muy bela poziçon onde dos cobados da corrente eziste hua antigua gravaçon de antiguos phenicios sin duvida vizitadores de especiarias da frota de Soriman do rey Salomon, e que muy grado foi visto por todos por assentar-se a dita povoaçon...»*

Ora, deante d'esta principal asserção e da propria pedra que inda hoje pode ser visitada, não póde pairar a menor duvida de que o Pará encerra monumentos prehistoricos de rara estimação, dignos de serem reinvindicados com gloria para nos, como o castello de Tudi á margem esquerda do rio Irituia, geralmente conhecido pelo nome de—PEDRAS—e de que terei occasião de occupar-me brevemente.

Mas o que diria essa pedra tantas vezes secular?!...

Ousar interpretal-a não seria uma temeridade? teria opportunidade o seu estudo?

E' o que vamos ver.

Longe de pretender aqui expor um estudo de philologia comparada como na realidade devera fazel-o, apenas procurarei dar uma idea da sua interpretação, não só pela exiguidade do espaço que me é dado occupar, abusando já da benevolencia da respeitavel imprensa que se dignou conceder-m'o, mas tambem para reservar o seu desenvolvimento para um estudo que tenciono em breve dar á publicidade.

Seus caracteres quasi extinctos, podem apenas ser tacteados, qual os da grande inscripção da entrada da esphinge de Giseh que tive a felicidade de assistir a invenção ao lado do sabio mestre que é o Prof. Nady Artesch em 1911. Signaes ha, tanto na nossa lapide como n'aquella da ilha do Corvo, que escapam quasi inteiramente á nossa observação, comtudo estou bem certo de tel-a pelo menos comprehendido quanto á analogia existente entre uma e outra. N'aquella, mais conservada talvez ou melhor gravada, lê-se:

KU—AH—RAI OI—KIE
A—ROH—BI—IHROB—AH ITI
IO—IAB—EHBE

Ku,—(e onde),—A' (ah)—(obscuro),—Arai (ah-rai)—(a luz morre),—Oikie(horizonte), Aroi—(região),—Obi—(obás)—(conjuncto de povo, nação),—Ihrob (ierob)—(sagrado),—Ah—iti(que está occulto e deve ser visitado),—Ioi (alegrae-vos),A' (abundancia),—Behbe (ide depressa).

Esta interpretação tem approximativamente a mesma significação em copto e em guarany, como se vê:

KUARAHI OIKIE) sol pôr-se.
AROBI IROBAITI) chega-se ao povo, reino.
IOIABEBE rio acima/egual [illegible].

1917 1 (1)

D'estas duas soluções deduz-se que a inscripção diz mais ou menos que:

—*Navegue para o lado do poente e alli encontrareis uma nação, rio acima, tal como vós outros.*

Agora passo á lapide de Alcobaça:

AIA TIK KU AKAI RHEMBIPE ASA
IO PIGH I
IÁ KAT. RUP IGH UA

Aiá (á proporção que)—Tik (cavallo que não anda quando esporado)—Ku(e onde) Arai(a luz morre),—Rhembipe(ao começar seu giro),—Asaa(vos mostram),—Jo(alegrae-vos),—Pigh(atraz),—I(riquezas),—Iá(depressa),—Katú(construir inteiramente),—Rup(templo),—Igh(divindade),—Ua(adorada).

A semelhança existente entre esta traducção e a guarany é mais ou menos a seguinte:

AIATI CA' Fixae os olhos no ceo.
KUARAHI RHEMBIPE ASSA')raios do sol.
IOPYI) cavallo que não quer andar, que não sente esporas,
IACATU' RUPIGUA os homens que ha em todo o mundo.

Podemos d'aqui concluir que esta inscripção refere-se á outra e que essa referencia não pode ser feita sinão á da ilha do Corvo, ou a alguma que se possa talvez encontrar ainda pela Barreta, Collares ou Mosqueiro; e que diz approximádamente que:

—«*Orientae-vos. Tomae a direcção que vos indiça o cavalleiro que encontrastes do lado do nascente, de lá vieram a estas paragens homens como vós em procura de riquezas para a construcção de um templo á divindade.*»

Julgo ter prestado d'esta maneira um pequeno trabalho á terra do meu berço, em homenagem ao insigne historiador patricio que nos distingue com a sua honrosa visita. Si me enganei, ao juizo de meus veneraveis mestres deixo direito de me censurar e ao respeitavel publico a critica que necessaria julgar.

Belem, 24-10-917.

Pedro d'Almeida Genú *(Dalge)*
Da Universidade della Sapienza de Roma
Do Instituto Historico Geographico do Pará